



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

NIRÂNIA SILVA ARAÚJO DEPEYSTER

**MARCAS DO ETNOCENTRISMO NA CRIAÇÃO E
PUBLICAÇÃO DE *BRAZIL*, ELIZABETH BISHOP**

Salvador
2011

NIRÂNIA SILVA ARAÚJO DEPEYSTER

**MARCAS DO ETNOCENTRISMO NA CRIAÇÃO E
PUBLICAÇÃO DE *BRAZIL*, ELIZABETH BISHOP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sílvia Maria Guerra Anastácio

Salvador
2011

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Depeyster, Nirânia Silva Araújo.

Marcas do etnocentrismo na criação e publicação de *Brazil*, Elizabeth Bishop / Nirânia Silva Araújo Depeyster. - 2011.
117 f. : il.

Inclui anexos.

Orientadora: Profª. Drª. Sílvia Maria Guerra Anastácio.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.

1. Bishop, Elizabeth, 1911-1979. *Brazil*. 2. Crítica textual. 3. Autoria. 4. Brasil - Relações - Estados Unidos. I. Anastácio, Sílvia Maria Guerra. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 810.9
CDU - 821(73).09

Ao Rei dos reis e Senhor dos senhores, Jesus Cristo.
Sem ele, nada teria sido e nada poderia ser.
Ao único que é Deus vivo, ressurrecto.
A ele, toda honra, toda glória, todo louvor.
Para sempre.

AGRADECIMENTOS

À Ana Izabel, minha mãe querida, pela estrutura familiar que permitiu essa caminhada.

À Diana, minha irmã querida, pela amizade e apoio constante.

Ao Damon, meu querido esposo, pelo apoio sempre presente, pelo incentivo, pelo companheirismo durante todo o processo desta pesquisa.

À Professora Sílvia Anastácio, querida mestra e amiga, por ter acreditado em mim, me incluindo em seu grupo de pesquisa, estando eu ainda na graduação. Também agradeço à professora Sílvia pelo apoio e incentivo, pela amizade e pela ajuda, sempre presentes.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal da Bahia, pela oportunidade que me ofereceu e pela provisão da estrutura de ensino para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela provisão dos recursos materiais que tornou possível esta pesquisa.

À Vívian, amiga querida, que muito me ajudou e foi companheira durante todo o processo desta pesquisa.

À Ângela, Olívia, Mariele, Bianca e Rachel, amigas queridas, pelo apoio e pela amizade durante o programa de mestrado.

Ao S^r. Wilson e Hugo, funcionários da Pós-graduação em Letras e Linguística da UFBA, pela paciência nas explicações e pelas informações sempre acuradas.

À Rita Margarita, minha gatinha de estimação, pela companhia durante as longas madrugadas de escritura deste trabalho.

A todos, muito obrigada por tudo.

DEPEYSTER, Nirânia Silva Araújo. Marcas do etnocentrismo na criação e publicação de *Brazil*, Elizabeth Bishop. 117 f. il. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

RESUMO

Estudo genético dos manuscritos do livro *Brazil*, encomendado pela editora norte-americana *Time-Life* a Elizabeth Bishop, poetisa norte-americana que viveu no Brasil durante as décadas de 1950 e 1960. A primeira edição do livro *Brazil* foi lançada em 1962 nos Estados Unidos e no Canadá; seguia o estilo jornalístico da Revista *Life*, que privilegiava a linguagem fotográfica como instrumento informativo, ficando o conteúdo textual em segundo plano. *Brazil* também incorporou alguns dos valores ideológicos defendidos pela editora, que privilegiava a legitimação das políticas interna e externa do estado norte-americano junto à sociedade estadunidense, especialmente durante o período histórico da Guerra Fria. Essas circunstâncias históricas em que *Brazil* foi publicado tiveram influência significativa no processo de revisão ao qual o livro foi submetido pelos editores da *Time-Life*. Nesse processo de edição, tantas foram as alterações e os cortes introduzidos no texto de Elizabeth Bishop, que a autora não mais o reconhecia e o renegou publicamente. Assim, a presente pesquisa objetivou, mediante o instrumental metodológico da Crítica Genética, o estudo comparativo entre os manuscritos de Bishop e a primeira edição do livro *Brazil* publicada em 1962, a fim de identificar aspectos da ideologia autoral de Elizabeth Bishop, que foram contrários aos parâmetros ditados por aquela instituição editorial, tanto em termos de estilo narrativo, como de conteúdo ideológico. Nesse sentido, a contextualização histórica da obra também foi contemplada no presente trabalho, que busca compreender tal processo edição; no processo de criação do livro *Brazil* haveria de se refletir circunstâncias da vida pessoal da autora, bem como aos acontecimentos históricos dos anos 60, no Brasil e no mundo. Também foi abordada a problemática da autoria colaborativa do livro *Brazil* sob a perspectiva teórica da Crítica Genética e dos estudos da Atribuição Autoral. Ademais, a pesquisa buscou fazer uma amostragem da visão de Elizabeth Bishop sobre o Brasil e os brasileiros, através de seus manuscritos, em contraste com as imagens divulgadas pelo texto publicado.

PALAVRAS-CHAVE. Elizabeth Bishop. Crítica Genética. Autoria. Política Externa - Brasil e Estados Unidos.

DEPEYSTER, Nirânia Silva Araújo. Signs of ethnocentrism in the creation and publication of *Brazil*, Elizabeth Bishop. 117 pp. ill. 2011. Master Dissertation – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ABSTRACT

This is a study in the field of Genetic Criticism of the manuscripts of *Brazil* book, by Elizabeth Bishop, who was an American poet who lived in Brazil during the 1950s and 60s. She was hired by *Time-Life* publishers to write the text of the book. *Brazil*'s first edition was released in 1962 in the United States and Canada; it resembled *Life Magazine* because it followed the same type photojournalism style, which used bold photography as narrative device as well as using textual content in a supporting role. *Brazil* also incorporated some of the ideological values defended by *Time-Life*. The publishers had very strong opinions about domestic and foreign governmental policies in the United States. This more so during the Cold War. Historical circumstances in which *Brazil* was published influenced heavily the editing process. The alterations introduced by the editors changed Bishop's texts so dramatically that Bishop herself could no longer recognize the writing. By the time *Brazil* was released Bishop was so upset, she publicly denied authorship of the *Brazil* book. Thus, this research uses through Genetic Criticism methodological analysis. This was achieved by a comparative study of Bishop's original manuscripts and *Brazil*'s published text, 1962 edition, to identify aspects of Elizabeth Bishop's authorial ideology which were contrary to *Time-Life* editorial rules, in terms of narrative style and also in terms of ideological content. The historical context in which *Brazil* was written was also taken into consideration in this research, aiming to understand its editing process. *Brazil*'s creation process reflected the author's personal life circumstances as well as the historical events of the 1960's in *Brazil* and abroad. Also *Brazil*'s co-authorial issues were addressed in this research under theoretical perspective of Genetic Criticism and Authorial Attribution studies. Furthermore, this analysis aimed to show Elizabeth Bishop points of view about Brazil and Brazilians through her manuscripts, in contrast with the published text.

PALAVRAS-CHAVE. Elizabeth Bishop. Genetic Criticism. Authorship. Foreign Affairs - Brazil and United States.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	A CRÍTICA GENÉTICA E O PROTOTEXTO DE <i>BRAZIL</i>	10
1.2	A METODOLOGIA.....	12
2	A HISTÓRIA DA PUBLICAÇÃO DE <i>BRAZIL</i>.....	15
2.1	UMA POETISA, UM PORTO, UM ARREPENDIMENTO: A ESCRITA DE <i>BRAZIL</i>	15
2.2	O BRASIL E OS ESTADO UNIDOS: UMA PARCERIA ESPECIAL.....	26
2.2.1	Um Intercâmbio de Imagens.....	26
2.2.2	A Guerra Fria nos anos 1960.....	30
2.2.3	A Guerra Fria na América Latina e no Brasil.....	34
3	A AUTORIA NO LIVRO <i>BRAZIL</i>.....	47
3.1	A MORTE DO AUTOR.....	47
3.2	O RETORNO DO AUTOR.....	49
3.3	A AUTORIA COLABORATIVA E AS FUNÇÕES DO AUTOR.....	50
3.4	A COLABORAÇÃO AUTORAL NO LIVRO <i>BRAZIL</i>	55
3.5	A PATRONAGEM NO LIVRO <i>BRAZIL</i>	64
4	O CAPÍTULO CINCO DO LIVRO <i>BRAZIL</i>.....	69
4.1	A POETISA E O CUIDADO COM OS DETALHES.....	69
4.2	A CULTURA POPULAR <i>VERSUS</i> O PROGRESSO – VISÕES CONFLITANTES EM <i>BRAZIL</i>	70
4.3	A CONSUMIDORA NORTE-AMERICANA.....	75
4.4	OS TRAÇOS DE BISHOP NO TEXTO PUBLICADO.....	82
4.5	OS DISCURSOS CONFLITANTES NO CAPÍTULO CINCO DE <i>BRAZIL</i>	94
	CONCLUSÃO.....	110
	REFERÊNCIAS.....	114

1. INTRODUÇÃO

A escritora norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979), que morou no Brasil por quase 20 anos, de 1951 a 1970, dedicou uma parte significativa de sua produção artística a temas relacionados ao Brasil. Ela também é considerada pela crítica literária como um dos nomes mais expressivos da poesia de língua inglesa do século XX. A autora traduziu, ainda, para o idioma inglês, poemas e contos de autores do cânone da literatura brasileira, tais como Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, dentre outros. Esses textos foram publicados nos Estados Unidos em uma coletânea editada por Bishop e Emanuel Brasil (1972), intitulada *An Anthology of Twentieth Century Brazilian Poetry*. O Brasil, portanto, foi importante para a carreira artística de Bishop, bem como a autora teve uma participação relevante em tornar alguns poemas e contos canônicos dentro da literatura brasileira do século XX acessíveis para o público leitor de língua inglesa, tais como o conto “A menor mulher do mundo” de Clarice Lispector e os poemas “Antologia” de Manuel Bandeira; “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade; “Soneto de Intimidade” de Vinícius de Moraes; “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto; “Cemitério da infância” de Cecília Meireles, “A banda” de Chico Buarque de Hollanda, dentre outros.

No início da década de 60, Bishop aceitou o convite da editora norte-americana *Time-Life* para escrever *Brazil*, um livro do gênero da literatura de viagens, que se propunha a dar um panorama geral sobre o Brasil, abordando diversos aspectos da cultura brasileira. O livro *Brazil*, no contexto da série *Life World Library*, da qual fez parte, caracterizava-se por um estilo narrativo semelhante ao da revista *Life*, que priorizava a visualidade das fotografias como instrumento narrativo, colocando em segundo plano o texto verbal. Apesar do esforço de Bishop em desenvolver um texto que fugisse dos clichês tão comuns na produção textual daquela revista, seu texto acabou sendo alterado pelos editores de forma a apresentar esses mesmos clichês e idéias pré-concebidas sobre as outras culturas, que Bishop tentara evitar reproduzir no livro. A autora teria ficado tão contrariada com o texto publicado, uma vez que este continha muito pouco do texto de sua autoria, que o renegou de sua bibliografia publicamente.

A obra foi publicada em quatro edições – 1962, 1963, 1967 e 1970 – todas elas com autoria de texto atribuída a Elizabeth Bishop, apesar dos cortes e das alterações que eram acrescentados pelos editores da *Time-Life*, a cada edição, e que refletiam o desenrolar histórico das relações Brasil - Estados Unidos durante toda a década de 1960 (FERREIRA, 2008). O

presente estudo, porém, se detém em focalizar a primeira edição, a publicada em 1962, uma vez que o dossiê genético existente de *Brazil* está relacionado mais diretamente a esta edição.

O livro *Brazil* está dividido em dez capítulos, cada um abordando determinado aspecto da cultura brasileira. O capítulo um trata de traços do caráter e do humor freqüentemente atribuídos aos brasileiros, bem como de certos valores por eles supostamente contemplados; o capítulo dois é dedicado à Geografia e à História do Brasil (do século XVI ao século XVIII); o três trata da História do Brasil, focalizando mais o século XIX; o quatro ocupa-se do período de vigência das três capitais do Brasil: Salvador (1549), Rio de Janeiro (1763) e Brasília (1960), bem como das mudanças dos centros de poder na política brasileira, que teriam motivado a eleição de cada capital; o cinco aborda a economia brasileira; os capítulos seis e sete tratam das artes no Brasil, tanto da arte popular (incluindo lendas e aspectos religiosos), como aquela "reconhecida" internacionalmente como canônica (a arquitetura moderna e colonial, especialmente a arte barroca mineira, além da pintura, literatura e música); o capítulo oito trata dos grupos étnicos que constituem o povo brasileiro, e das questões de gênero no Brasil; e, finalmente, os capítulos nove e dez focalizam a política do Brasil nos anos 1960.

Apesar de o livro *Brazil* se constituir numa vasta fonte de pesquisa, merecendo cada capítulo um estudo à parte, este trabalho privilegiou o capítulo cinco para a análise genética da presente pesquisa. Optou-se por focalizar o capítulo cinco de *Brazil* por ser esta uma seção do livro em que fica evidenciada a visão etnocêntrica do Brasil que os editores da *Time-Life* pretenderam divulgar nos Estados Unidos. Ademais, no capítulo cinco também pode-se verificar o contraste entre o enfoque dado às informações sobre a economia brasileira por Elizabeth Bishop e as imagens eleitas pela editora *Time-Life* para figurar no texto publicado do livro.

1.1 A CRÍTICA GENÉTICA E O PROTOTEXTO DE *BRAZIL*

A Crítica Genética, metodologia de trabalho adotada na análise desta pesquisa, é uma ramificação dos estudos literários, que se propõe a analisar a gênese de uma obra ou o seu processo de criação. Destaca-se, dentro do campo dos estudos literários, por não basear suas análises apenas na obra dita "acabada", já que a Crítica Genética se baseia, principalmente, nos rascunhos deixados pelo autor para fundamentar as suas discussões. No entanto, a obra acabada não é deixada de lado nos estudos genéticos, já que é através do diálogo entre os rascunhos do autor e a obra acabada que se pode diferenciar o processo de experimentação do autor de suas

escolhas finais. Contudo, é exatamente esse processo de experimentação criativa, parcialmente registrada nos rascunhos do autor, o foco principal dos estudos genéticos.

Estudar os manuscritos deixados pelo autor, ao longo da escritura de sua obra, com a finalidade de lançar novas hipóteses e novos olhares sobre o texto publicado, significa refazer o caminho que levou a um determinado resultado. Os registros do artista dão testemunho do longo percurso da construção de uma obra e o geneticista, ao se debruçar sobre essas pistas deixadas nos manuscritos, tenta reconstituir aspectos ou partes do trabalho criador em seu caráter contínuo. Tem-se, pois, a consciência de que a criação artística ou a obra tomada como “final” é resultado de um processo e que esta constitui apenas uma das possibilidades, dentre tantas outras, que o autor ensaiou nos manuscritos, mas que acabaram sendo descartadas.

Nas palavras de Cecília Salles: “Sob essa perspectiva, a obra não é, mas vai se tornando, ao longo de um processo que envolve uma rede complexa de acontecimentos” (SALLES, 2008, p.24). Em suma, buscar entender todo esse processo de criação ou a ‘gênese’ de uma obra de arte é o principal objetivo da Crítica Genética.

O estudo de um processo de criação se dá através da análise do seu prototexto, termo concebido pelo pesquisador Jean Bellemin-Noël em 1972:

[...] é uma certa reconstrução dos antecedentes de um texto, estabelecida pelo crítico com o auxílio de um método específico, destinada a ser objeto de uma leitura em continuidade com o dado definitivo. À delimitação empírica daquilo que, em um dado momento, se julgou ser o texto, acrescenta-se um recorte metodológico. É importante ressaltar que quando se fala de prototexto deveria ficar evidente o seu valor de conceito operatório; o prototexto propriamente dito não existe em nenhum lugar fora do discurso crítico que o produz, extraindo-o dos rascunhos, e o recorta à proporção que o analisa. Não basta dizer que o prototexto consiste nos rascunhos menos o autor, deve-se acrescentar que ele implica a intervenção do crítico. (BELAMINNOËL, 1993, p. 141).

Considera-se, portanto, como prototexto de uma obra, a organização dos diferentes documentos que testemunham os diversos momentos de um processo criativo, de acordo com uma lógica determinada pelo crítico genético em um determinado estudo de caso. De modo que o prototexto é fruto de certas etapas de trabalho, como: reunir os manuscritos disponíveis da obra a ser analisada, autenticando todo o material; organizar o dossiê, constituído por rascunhos e documentos de redação, de acordo com uma hipótese ou uma perspectiva de análise escolhida pelo geneticista; descrever o material que servirá de *corpus* do trabalho; especificar, datar e classificar cada fólio do dossiê; decifrar e transcrever o dossiê para, finalmente, interpretá-lo (SALLES, 1992). A investigação de tais elementos, que compõem o

dossiê genético da obra, é o foco de trabalho do pesquisador geneticista. Nesse sentido, o conceito de “prototexto” seria vital para o entendimento de como se compõe o *corpus* a ser analisado em um determinado estudo de cunho genético. Esses documentos, que testemunham uma determinada produção textual, podem ser: anotações e esboços do autor relativos à obra em questão; rascunhos do texto analisado; trechos da correspondência do autor, em especial, os que tratem das circunstâncias da escritura do texto estudado; recortes de jornais, que contenham dados relevantes para se entender uma determinada época ou contexto histórico em que a obra foi produzida, dentre outros aspectos. Enfim, o prototexto seria o conjunto de documentos que, nas palavras de Cecília Salles, “coloca em evidência os sistemas lógicos que o organizam.” (SALLES, 1992, p. 63)

Na instituição intitulada *Vassar College*, faculdade em que Bishop se graduou em junho de 1934, encontra-se a maior parte dos documentos deixados pela autora e que fazem parte do *corpus* deste trabalho. Dentre eles, as páginas datilografadas dos manuscritos relacionados ao livro *Brazil*, incluindo correções e acréscimos feitos à mão, além de um fragmento de dez páginas também inteiramente à mão, todas associadas à escritura da mesma obra. Ainda integra o acervo de Bishop, este guardado na *Houghton Library*, em *Harvard*, o exemplar publicado de *Brazil*, edição de 1962, com anotações de próprio punho da autora, na marginália, numa tentativa frustrada de resgatar as ideias que, inicialmente, teriam constado daquele texto.

Constitui o eixo principal do presente trabalho um *corpus* contendo os seguintes documentos: cento e oitenta e cinco cópias xerográficas, devidamente autenticadas, dos manuscritos do livro *Brazil*, que se encontram em *Vassar*; uma cópia microfilmada do exemplar anotado por Bishop, de 1962, guardado pela *Houghton Library*.

1.2 A METODOLOGIA

Esse enfoque da Crítica Genética, que privilegia o *processo* de escritura, colocando a obra “acabada” ou publicada em segundo plano, é especialmente relevante para o estudo do livro *Brazil*. Uma vez que o conteúdo da versão publicada dessa obra é uma questão de disputa autoral, somente o estudo dos manuscritos da autora pode esclarecer os elementos textuais que foram escritos por Elizabeth Bishop, em contraste com as alterações empreendidas com os editores da *Time-Life*. No prototexto reunido para o estudo do livro *Brazil*, foco principal deste trabalho, não existem várias versões do mesmo texto que testemunhem as etapas da elaboração da escrita de Bishop, como é o caso de diversos poemas da autora. Aqueles dossiês chegam a

ter dezenas de versões de um mesmo poema, conforme atestam os manuscritos deixados por Bishop e que também estão guardados na *Vassar College* (ANASTÁCIO, 1999).

No caso específico de *Brazil*, apesar da abundância de material relativo ao livro, há apenas uma versão de quase todos os capítulos – com emendas feitas a mão –, que Bishop entregou aos editores da *Time-Life* (1961), antes das modificações e cortes que eles empreenderam no seu texto. Em relação ao capítulo cinco do livro *Brazil*, seção analisada mais diretamente neste trabalho, não existe uma versão manuscrita completa do mesmo, mas alguns fragmentos esparsos ligados a sua escritura. No entanto, esses fragmentos, juntamente com trechos das versões completas dos manuscritos dos outros capítulos de *Brazil*, além de trechos da correspondência pessoal da autora, forneceram conjuntamente os subsídios necessários para o presente estudo genético.

O capítulo um desta dissertação está dedicado à contextualização histórica da escritura do livro *Brazil*. Está circunstanciado neste capítulo o momento biográfico de Elizabeth Bishop, bem como as prováveis motivações que a teriam levado a aceitar o convite da Editora *Time-Life* para escrever *Brazil*. Também no capítulo um estão pormenorizadas as circunstâncias históricas mundiais que ditaram as relações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos, as quais motivaram a divulgação, nos Estados Unidos, de certas imagens e noções relacionadas ao Brasil, através do livro em questão.

No capítulo dois deste trabalho estão discutidos alguns princípios da teoria autoral que serviram para esclarecer certos aspectos da problemática da autoria do livro *Brazil*, bem como se reflete sobre a interferência da patronagem exercida pela editora *Time-Life* na produção da obra estudada. A problemática da autoria no livro *Brazil* foi analisada mediante o instrumental teórico da Crítica Genética, além de se levar em consideração princípios teóricos do campo de estudos de Atribuição Autoral.

No capítulo três deste trabalho se encontra o estudo genético do capítulo cinco do livro *Brazil*, que contempla a abordagem de Elizabeth Bishop sobre as atividades produtivas do Brasil, registrada nos seus rascunhos, em contraste com as ideias e imagens sobre a economia brasileira eleitas pela *Time-Life* para figurarem no livro *Brazil* publicado. Uma vez que o capítulo cinco de *Brazil* parece ter sido re-escrito, em grande parte, pelos editores da *Time-Life*, através do dossiê genético reunido para a análise deste capítulo, é possível detectar índices que aparecem em determinados trechos do texto publicado e que apontam para os traços autorais que evidenciam o fazer criativo de Elizabeth Bishop.

Neste trabalho, objetiva-se discutir as questões ligadas à visão etnocêntrica da economia brasileira presente no capítulo cinco de *Brazil*. Desse modo, a partir do estudo genético dos manuscritos de Elizabeth Bishop, em cotejo com o texto publicado em 1962, pretendeu-se esclarecer os pontos de vista de Elizabeth Bishop, que estão registrados nos seus manuscritos em contraste com o texto publicado. Além disso, foram analisados os aspectos ideológicos implicados nas alterações as quais *Brazil* foi submetido pelos editores da *Time-Life*. Conseqüentemente, as discussões concernentes à contextualização histórica do período em que o livro foi escrito, bem como os dados biográficos da autora relevantes para a análise da obra em apreço tiveram que ser levados em conta. Toda essa abordagem ocorre dentro de uma proposta interdisciplinar, que é característica do campo dos estudos genéticos.

A propósito, Edward Said (1983) aponta para a relevância do autor e do contexto histórico para as discussões acadêmicas dentro dos estudos literários. De fato, ele critica uma prática acadêmica que desconsidere o contexto histórico em que uma obra foi escrita e desconfia da concepção de uma textualidade que acontece em “lugar nenhum”, em “nenhum tempo em particular” e é produzida por “ninguém”. Ademais, aponta para a incoerência fundamental de uma abordagem analítica, que considere o texto isolado das circunstâncias, dos eventos, do agente físico que o tornou possível e lhe deu “a inteligibilidade resultante de um trabalho humano” (SAID, 1983, p.4). Considera-se, portanto, relevantes para a presente análise, a inclusão do estudo do período histórico em que o livro *Brazil* foi escrito, com o objetivo de possibilitar uma melhor compreensão da cultura, da época, da sociedade em que essa obra foi produzida.

2. A HISTÓRIA DA PUBLICAÇÃO DE *BRAZIL*

2.1 UMA POETISA, UM PORTO, UM ARREPENDIMENTO: A ESCRITA DE *BRAZIL*

A poetisa norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979), ganhadora do *Pulitzer*, em 1956, além do *National Book Award*, em 1970, foi a primeira mulher a ganhar o prêmio *Books Abroad/Neustadt* de literatura, em 1976, entre diversas outras premiações. Um dos nomes mais importantes e inovadores da poesia americana do século XX, Bishop viveu no Brasil por quase 20 anos. Em novembro de 1951, deixou Nova York a bordo do navio SS *Bowplate* para fazer um cruzeiro pelos países da América do Sul, cuja primeira parada seria o porto de Santos, em São Paulo. Seu plano inicial era visitar amigos no Rio de Janeiro, entre eles a socialite Lota de Macedo Soares, com quem Bishop ficaria hospedada durante sua estadia no Rio de Janeiro. Levada pela curiosidade a experimentar uma fruta nativa do nordeste brasileiro, o caju, Bishop foi acometida de uma forte reação alérgica, tendo que adiar sua partida e ficando aos cuidados de Lota. Durante esse período, Bishop e Lota se apaixonaram e decidiram permanecer juntas, no Brasil. Essa união, que durou 17 anos, foi a razão principal da permanência de Bishop no Brasil (MILLIER, 1993).

Lota ofereceu a Bishop amor e o aconchego de um lar, coisa que Bishop nunca conhecera antes, devido à sua condição de órfã desde a tenra infância. Perdera seu pai aos oito meses de idade e, aos cinco anos de idade, perdera a convivência com a mãe. Esta ficara mentalmente desorientada desde a morte do marido, sendo, mais tarde, internada num hospital psiquiátrico onde viveu até sua morte em 1934.

Bishop sentia-se acolhida na casa dos avôs maternos, na Nova Escócia, Canadá. Mas, aos seis anos de idade, fora levada para morar nos Estados Unidos com os avôs paternos, mais abastados, na mansão dos Bishop em Worcester, Massachusetts, onde nunca se sentiu à vontade. Passou tão mal, que começou a ter crises fortes de asma, que lhe abalaram a saúde. Por isso, foi levada a morar com a tia Maud Shepherdson, a irmã mais velha de sua mãe, que, na interpretação da própria Bishop a teria resgatado e salvo sua vida, quando a acolheu no apartamento em Revere, Massachusetts. Os Bishop pagaram o empobrecido casal Sheperdson para cuidar de Elizabeth, já que eles próprios reconheciam que a menina estava infeliz em sua casa. Afetuosamente, Tia Maud, então, se dedicou a cuidar da saúde da menina, que melhorou (MILLIER, 1993).

Assim, Bishop morou em várias casas na sua juventude. Ela morou com seus avôs maternos em Nova Scotia, Canadá; com os avôs paternos em Worcester, Massachusetts; com

sua tia Maud em Revere, Massachusetts; depois, se mudou com os tios para Cliftondale e morou no internato para moças em Walnut Hill School, em Massachusetts, antes de se mudar para a Universidade de Vassar, onde se graduou em literatura inglesa. Nos anos em que morou na Walnut Hill School, Bishop recebia convites da família, que tinham um tom de obrigatoriedade para visitar os avôs paternos, principalmente nos feriados do Natal e Dia de Ação de Graças. Contudo, não se sentia bem-vinda, preferindo passar vários desses feriados solitários no alojamento da escola, comendo a ceia trazida por professores que se compadeciam da menina. Passava as férias de verão na companhia da família de amigos. Assim, por várias casas passara durante a infância e adolescência, até o seu ingresso na Universidade de Vassar, na cidade de Poughkeepsie, Nova York, em 1934, ano que coincidiu com a morte de sua mãe (MILLIER, 1993).

Com Lota, Bishop, pela primeira vez, sentiu-se em casa, em especial no período em que ambas moraram em Petrópolis, na maior parte da década de 1950. Lota acolheu e amou Elizabeth, ajudando-a a controlar seu problema de alcoolismo e, até mesmo, construiu um estúdio em anexo a casa em Petrópolis, especialmente para que a autora pudesse se concentrar em seu trabalho. Dali Bishop tinha vista para uma linda cachoeira e para uma mata rodeada de pássaros, bichos de toda a sorte; lá no alto, as nuvens pareciam entrar pelo seu quarto adentro, já que a casa fora construída em meio à plena Mata Atlântica (PRZYBYCIEN, 1993). Sua alegria em ter um espaço só seu, em que podia trabalhar e sentir-se à vontade, enfim, chamar de lar fica perceptível nas palavras de Bishop quando descreve seu estúdio para amigos em cartas:

The “studio” is about to be done and I am so overcome I dream about it every night... I’m sure I’ll just sit in it weeping with joy for week and not write a line. (BISHOP, 1994, p. 251)¹

I have a “studio” – I can’t believe it yet at all but I just go and sit in it and look around – it isn’t quite finished yet. There is one large room with a fireplace. Lota found a rock somewhere that is gray-blue with mica in it, extremely pretty, and had them make it out of that – whitewashed walls and a herringbone brick floor. Then there is a small bathroom and a kitchenette with a pump and a Primus stove for tea, etc. It [the studio] is way up in the air behind the house, overlooking the waterfall. I have all my books together for the first time in ten years; all my papers, etc. (BISHOP, 1994, p. 252-3)²

¹ O “estúdio” está quase pronto, e estou tão emocionada que sonho com ele toda noite [...] Garanto que vou entrar nele e ficar chorando de felicidade semanas a fio, sem conseguir escrever nada. (BISHOP, 1995, p. 258).

² Eu tenho um “estúdio”- ainda não me acostumei, eu entro nele e fico só olhando a minha volta – mas não está pronto. É um cômodo espaçoso, com uma lareira. A Lota encontrou uma pedra de um tom azulado de cinza, com mica, lindíssima, e usou-a para fazer o estúdio – paredes caiadas e chão de tijolo em ziguezague. Tem também um

Esta teria sido a fase mais produtiva da arte de Bishop, provavelmente porque, pela primeira vez, experimentara viver num ambiente de certo equilíbrio emocional. Além das condições domésticas de paz e harmonia, também contribuíram para a produtividade artística de Bishop, em Petrópolis, a observação dos costumes dos habitantes da região e da natureza exuberante do lugar. A vida simples daquele lugarejo trouxe-lhe de volta memórias da infância na Nova Escócia. O fogão a lenha, os doces feitos em casa, tudo feito em casa. Começou então a escrever poemas e textos em prosa, que trariam de volta momentos gostosos que passara com a avó materna no Canadá (PRZYBYCIEN, 1993).

No início de 1961, a convite do amigo Carlos Lacerda, o então governador do estado do Rio de Janeiro, Lota se comprometeu em coordenar o projeto da construção do Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, conhecido como Parque do Flamengo, situado ao longo do Aterro. Assim, devido a esse novo trabalho, Lota e Bishop passaram a morar no apartamento de Lota, no bairro do Leme, Rio de Janeiro. Esse trabalho consumia todo o tempo e energia de Lota, que chegava em casa sempre estressada e exausta. O novo endereço de Bishop lhe dava oportunidade de conhecer um pouco da rotina urbana da cidade no Rio de Janeiro, em contraponto com a vida bem mais tranqüila de Petrópolis. O apartamento em que moravam também tinha uma vista deslumbrante para o mar de Copacabana, deixando Bishop fascinada ao presenciar rituais em homenagem a Iemanjá, nas festas de Ano Novo; ou então, se deleitava em presenciar cenas do Carnaval do Rio de Janeiro, a beleza do desfile das escolas de samba e a irreverência das letras das marchinhas encantaram a autora e nunca mais saíram de sua memória. Mesmo quando já não morava no Rio de Janeiro, ela cultivava as lembranças daquele lugar, conforme atesta em carta que escreveu durante o semestre que lecionou na Universidade de Washington em Seattle, em 1966:

Oh dear, it is Carnival now in Rio. Sunday night was the “samba schools,” the night I always attend, staying up all night and driving back to Petrópolis at dawn. Here I played a few samba *discos* I brought with me and samba-ed about all by myself. (BISHOP, 1994, p. 445)³

banheirinho e uma kitchenette com uma bomba e um fogareiro a querosene para fazer chá etc. [O estúdio] Fica lá no alto, atrás da casa, e dá para a cachoeira. Pela Primeira vez em dez anos, consegui juntar todos os meus livros, papéis etc. (BISHOP, 1995, p. 259).

³ Ah, meu Deus, é Carnaval no Rio. Domingo foi a noite das “escolas de samba”, a noite em que eu sempre vou assistir, que eu passo toda em claro e depois subo de carro para Petrópolis ao amanhecer. Aqui em Seattle toquei uns *discos* [em port.] de samba que trouxe comigo e fiquei sambando sozinha. (BISHOP, 1995, p. 488)

Além de ficar fascinada com as belezas naturais e manifestações populares no Rio de Janeiro, Bishop também observava com pesar as injustiças sociais e não deixava de registrá-las, como a que testemunhou na cidade, conforme atesta trecho de seu poema *Pink Dog*. Este se refere ao caso noticiado em 1962 de que a polícia estaria afogando no rio da Guarda os sem-teto do Rio de Janeiro (ANASTÁCIO, 1999; CARVALHO, 2002):

Didn't you know? It's been on all the papers,
to solve the problem, how they deal with beggars?
They take and throw them in the tidal rivers.

Yes, idiots, paralytics, parasites
go bobbing in the ebbing sewage, nights
out in the suburbs, where there are no lights.

If they do this to anyone who begs,
drugged, drunk, or sober, with or without legs,
what would they do to sick, four-legged dogs?

In the cafés and on the sidewalk corners
the joke is going round that all the beggars
who can afford them now wear life preservers. (BISHOP, 2008, p.178-9) ⁴

Bishop também testemunhou situações de extrema pobreza no Brasil durante sua viagem pelo nordeste em 1967, conforme afirma em carta: “Nunca vi tanta miséria” (BISHOP, 1995, p.510). Tais experiências, que mesclavam as visões do grandioso e belo Brasil com as visões do feio, triste e pobre Brasil, levaram Bishop a ter uma perspectiva crítica da realidade brasileira, apesar de a mesma não ter se engajado politicamente em nenhum movimento social, em especial, devido ao seu relacionamento próximo com a elite brasileira mediado por Lota (MILLIER, 1993).

⁴Você não sabia? Deu no jornal:
pra resolver o problema social,
estão jogando os mendigos num canal.

E não são só pedintes os lançados
no rio da Guarda: idiotas, aleijados,
vagabundos, alcoólatras, drogados.

Se fazem isso com gente, os estúpidos,
com pernetas ou bípedes, sem escrúpulos,
o que não fariam com um quadrúpede?

A piada mais contada hoje em dia
é que os mendigos, em vez de comida,
andam comprando bóias salva-vidas. (BISHOP, 2001, p.326)

O período em que morou no Rio de Janeiro (1961-1965) foi bastante conturbado na vida pessoal de Bishop, já que passava muito tempo sozinha no apartamento, o que a deixava vulnerável ao vício da bebida, que a atormentava. A rotina desgastante física e emocional, gerada pelas longas horas de trabalho de Lota junto ao governo, acabaram resultando no afastamento das duas mulheres. Houve então um desgaste no relacionamento, já que a solidão experimentada por Bishop teria também contribuído para que ela voltasse a ter problemas com a bebida, fato que exasperava Lota. Esta, com frequência, se portava como uma mãe para Bishop, sempre cuidadosa em relação à sua saúde, porém, severa e autoritária. Para fugir desses problemas, da solidão e das críticas de Lota, Bishop começa a fazer longas viagens à Ouro Preto, onde se hospeda na casa de Lili Correia de Araújo, que conhecera em sua primeira viagem àquela cidade, que fizera com Lota em 1953. Com Lili Bishop desenvolve um relacionamento amoroso e acaba por passar vários meses na sua companhia. Bishop acaba, então, em 1965, resolvendo comprar uma casa do século XVIII, quase em ruínas, mas pretende restaurá-la. Essa casa histórica fica em frente à de Lili, em Mariana, uma cidade muito próxima a Ouro Preto. Ficando Lili, então, responsável por coordenar o trabalho de reforma da nova casa de Bishop. Enciumada pelas longas estadias de Bishop em Mariana, Lota começa a ter problemas de depressão e sua saúde física, mental começa a ficar comprometida. O problema é que seus acessos de ciúmes e sua personalidade forte, dominadora, acabam afastando Bishop ainda mais dela. Para levantar fundos para a restauração da casa, bem como para se manter distante de Lota, aceitou a proposta de lecionar durante dois períodos letivos na Universidade de Washington em Seattle, em 1966. Quando voltou para o Brasil em 1966 continua viajando. Além de Ouro Preto, viaja pelo norte e nordeste do Brasil, conforme citado, em que presenciou a situação de extrema pobreza dessa região brasileira. Durante essa viagem pelo nordeste, em 1967, Bishop visitou a Bahia e encantou-se com as lendas, os mitos, ritos, o folclore, a música brasileira (MILLIER, 1993).

Enfim, as viagens de Bishop pelas diversas regiões do Brasil levaram-na a ter uma noção da grandiosidade e exuberância das paisagens do Brasil, das manifestações culturais brasileiras, em contraponto com seus igualmente monumentais problemas sociais. O que Bishop viu principalmente, no Rio de Janeiro, no Amazonas e Ouro Preto excitaram, sobremaneira, os sentidos de Bishop, se fazendo muito presentes na sua produção artística, direta e indiretamente.

Dentre esses poemas que falam das mazelas sociais, consta o poema *The Burglar of Babylon*, uma balada que trata da prisão do bandido Micuçu, que morava numa favela do Rio

de Janeiro chamada Babilônia. *Pink Dog* trata da situação especialmente marginalizada da mulher pobre e denuncia a truculência da polícia carioca em lidar com os moradores de rua. *Under the window: Ouro Preto e Manuelzinho* também é um instantâneo da visão de Bishop dos problemas sociais brasileiros no interior (ANASTÁCIO, 1999).

Também se faz presente na arte de Bishop o jeito de ser dos brasileiros, que agiam de forma tão diferente do que ela estava acostumada em sua terra natal. Bishop “estranhava”, admirava, criticava os brasileiros, os achava hilários, tanto os ricos quanto os pobres. Eles apareciam como protagonistas de várias e longas histórias, piadas em que Bishop se deleitava em contar nas cartas que escrevia a seus amigos. Para ilustrar a franqueza com que os brasileiros tratavam as coisas e os problemas do dia-a-dia, Bishop conta, em carta, o episódio em que Lota dá instruções sobre a construção de seu banheiro:

I left Lota having a terrific argument with José, the head workman, who looks exactly like a young Fernandel. Our individual cesspool is being installed – for L.’s and my new super-bathroom. L. thinks a 15-degree drop in the pipes isn’t enough and was screaming away “José, you know perfectly well it’s enough for just peepee, but for peepee and *cocô*, too –” etc. That is actually the way Portuguese and Brazilians talk and I am getting quite accustomed to it. I find that all this frankness makes it much easier to get along with people than it used to be in New England (...) (BISHOP, 1994, p. 267)⁵

Durante toda sua vida adulta, Bishop lutou com preocupações financeiras. Mas o seu pai, que vinha de uma família abastada, lhe deixara uma herança, que haveria de lhe proporcionar uma educação privilegiada em Vassar, uma conceituada faculdade particular para moças, no interior de Nova York (MILLIER, 1993). Seu pai também lhe deixara uma pequena renda, o suficiente para viver no Brasil ou onde quisesse, mas onde tivesse poucas despesas. Contudo, Bishop precisava complementar sua renda para, dentre outras coisas, financiar as viagens que fazia, já que as experiências vivenciadas em suas viagens se constituíam em um material importante para sua produção artística, uma vez que a descrição de lugares e paisagens seria um tema essencial na poética da autora. Aliás, esse espírito viajante, por natureza, a impulsionou, desde a juventude até a idade mais avançada, tanto que Bishop esteve em vários continentes. Bishop visitou a França, a Itália, o Equador e suas Ilhas Galápagos, o Peru, a

⁵ Deixei a Lota no meio de uma tremenda discussão com o José, o mestre-de-obras, que é a cara do Fernandel quando jovem. Nossa fossa sanitária está sendo instalada – para o novo superbanheiro, meu e da Lota. A L. acha que um ângulo de quinze graus nos canos não é suficiente, e gritava a plenos pulmões: “José, você sabe muito bem que isso basta para xixi, mas para xixi *junto com cocô* [em port.] [...]” etc. É assim mesmo que falam os portugueses e os brasileiros, e estou me acostumando perfeitamente. Acho que essa franqueza toda faz com que aqui seja muito mais fácil a gente se relacionar com as pessoas do que, por exemplo, na Nova Inglaterra (...) (BISHOP, 1995, p.283-4)

Suécia, Finlândia, Leningrado, a Noruega, os Países Baixos, Portugal, dentre outros locais, além da Inglaterra e do Brasil, ao longo de sua vida (BISHOP, 1995).

Convém mencionar que a qualidade artística dos poemas de Bishop, juntamente com a ajuda de amigos influentes no cenário literário dos Estados Unidos, como os poetas norte-americanos Marianne Moore e Robert Lowell, garantiram-lhe que ganhasse quase todos os prêmios literários aos quais competiu, tais como: o prêmio literário oferecido pela Editora *Houghton Mifflin* (1946); o prêmio da *American Academy of Arts and Letters* (1950); a primeira bolsa Lucy Martin Donnelly oferecida pela Bryn Mawr College (1951); o prêmio *Shelley Memorial* (1952); *Pulitzer* de poesia (1956); prêmio da revista *Partisan Review* (1956); o prêmio de viagem Amy Lowell (1957); e o prêmio internacional de Literatura *Neustadt* (1976) (BISHOP, 1995). Tais prêmios traziam consigo uma contraparte financeira importante para Bishop, apesar de ser um rendimento esporádico, já que sua produção artística, em termos de publicações, era pequena (Bishop publicou seis livros de poesia durante sua vida), apesar da sua qualidade indiscutível. Mas, mesmo assim, sua renda era insuficiente, o que levou Bishop a aceitar projetos fora do campo da poesia, decisão que lhe gerava amargo arrependimento, na maioria das vezes. E, aceitar escrever o livro *Brazil*, talvez tenha sido a maior amargura da carreira de Bishop (MILLIER, 1993).

Foi nesse contexto de necessidade de ganhar dinheiro que, em 1961, Bishop aceitou o convite feito pela editora norte-americana *Time-Life* para escrever um livro sobre o Brasil, que faria parte de uma coleção sobre diversos países do mundo. Além disso, esse projeto possibilitava que Bishop também visitasse seus amigos nos Estados Unidos, o que ela gostaria de fazer mais regularmente. Fazia parte do acordo que Bishop viajasse para os Estados Unidos, por conta da editora, para que pudesse discutir com os editores da revista os detalhes da publicação do livro, no escritório da *Time-Life* em Nova York. Essas foram as razões que motivaram Bishop a aceitar o projeto, conforme deixa claro em carta à sua tia Grace:

Well, now I've taken on a job, too – and almost wish I hadn't, it's such a headache. *Life* magazine asked me to write the text of a small book on Brazil. They have a series of them – each a different country. Probably no one reads the text anyway, just looks at the photographs, which are wonderful, usually – colored ones, and black & white. But that kind of writing is hard for me to do and I have to cover the whole country – history, economics, geography, arts, sports – *everything*, even if superficially. However, they will pay well, and also pay for three weeks in N.Y. to work on it with them – and the plane fare, of course – so I thought I might as well tackle it. I don't like the magazine and don't like *them* much – these high-pressure-salesmen types – but I am

doing it for the money – and I do know a lot about Brazil by now, of course, willy-nilly. (BISHOP, 1994, p. 399) ⁶

Mas, apesar das circunstâncias em que aceitou a proposta, a escritora colocou muito de sua arte e apurada sensibilidade no livro. Conhecida e admirada pela acuidade, pela vivacidade das descrições poéticas que fazia, e sendo o gosto pelo detalhe uma marca de sua criação, Bishop, então, passou a pesquisar, profundamente, o contexto histórico-cultural do Brasil a fim de coletar dados que pudessem dar substância ao conteúdo de *Brazil*.

Pode-se afirmar que o texto de *Brazil*, o de autoria de Bishop, seria o resultado dessa mescla dos dados de pesquisa com as histórias que a escritora criou ou testemunhou e que traduziam para o leitor um pouco de sua percepção de certos traços do temperamento do povo brasileiro. Essas características do texto de Bishop são percebidas na leitura do primeiro capítulo do livro, que conserva o texto de autoria de Bishop quase que intacto.

Nesse capítulo, Bishop conta a história do rapto de um bebê, Conceiçãozinha, que ocorreu num hospital do Rio de Janeiro e se tornou notícia na cidade. Ao contar essa história, Bishop vai elencando personagens cujo comportamento tipificaria, para ela, o jeito de ser dos brasileiros; daria pistas de como funcionariam (ou não funcionariam) algumas instituições do Brasil e ilustraria as condições de vida de muitos brasileiros. Por causa da forma imaginativa e não convencional criada por Bishop para abordar essas questões no texto de *Brazil*, pode-se dizer que tal texto, mesmo sendo de cunho eminentemente jornalístico, teria qualidades literárias. Afinal, até um texto informativo se transforma em obra de arte nas mãos de uma poetisa do calibre de Elizabeth Bishop; tanto que, reconhecendo as qualidades artísticas de certos segmentos de *Brazil*, aqueles inalterados pelos editores da *Time-Life*, os amigos e editores de Bishop, Robert Giroux e Lloyd Schwartz, incluíram o capítulo um do livro numa coletânea das obras completas de Bishop, publicada postumamente (BISHOP, 2008).

No entanto, apesar de todo o labor criativo e esforço de pesquisa da autora, sua obra acabou sendo massacrada pelos editores da *Time-Life*, causando-lhe uma intensa indignação, a

⁶ Pois agora arranjei trabalho também - e quase lamento ter assumido este compromisso, porque é uma tremenda dor de cabeça. A revista *Life* me pediu para escrever o texto de um livrinho sobre o Brasil. Eles publicam uma série desses livros - cada um sobre um país diferente. O mais provável é que ninguém leia o texto, mesmo, e só veja as fotos, que normalmente são maravilhosas - em cor e em preto e branco. Mas escrever esse tipo de coisa é difícil para mim, e tenho que cobrir todo o país - história, economia, geografia, artes, esporte - tudo, ainda que de modo superficial. Porém vou ser bem paga e, além disso, vão me custear três semanas em N.Y. para trabalhar com eles no livro - passagem de avião incluída, é claro - de modo que resolvi aceitar. Não gosto da revista e não gosto deles - são pessoas iguais a esses vendedores que ficam pressionando a gente - mas quero ganhar dinheiro - e a esta altura de fato sei muita coisa sobre Brasil, querendo ou não. (BISHOP, 1995, p.434)

ponto de Bishop, praticamente, renegá-la de sua bibliografia. Comentando o modo como havia trabalhado sob estresse para terminar o texto, o biógrafo oficial de Bishop, Brett C. MILLIER (1993) relata que, por ocasião de sua viagem aos Estados Unidos por conta da editora, a autora havia sido pressionada pela *Time/Life* a trabalhar tão exaustiva e intensamente, durante cinco semanas, em Nova York, que lhe teria restado pouco tempo para rever os amigos. Esse fato só aumentou a sua aversão pelo livro.

Finalmente, sua única satisfação foi terminá-lo e ter conseguido preservar intacta a maior parte do material dos três primeiros capítulos (MILLIER, 1993). Ainda assim, ela não escondia a sua frustração ao ver o texto publicado com tantas modificações, conforme se percebe numa entrevista dada a George Starbuck, em 1977: “Não consigo lembrar muito desse livro; ao contrário, prefiro não lembrar. Foi editado pela *Time-Life Books* e eles o mudaram muito (...)”. (George Starbuck *apud* BISHOP, 1977, p.82).

Tamanha era sua tristeza em relação ao livro, que gostaria de tirá-lo, até mesmo, da memória. Afinal, enquanto Bishop queria enfatizar a beleza e singularidade da flora e da fauna do Brasil, os editores da *Time-Life* estavam interessados em aspectos políticos e sociais, que pudessem promover um futuro democrático no Brasil ao estilo norte-americano, conforme argumenta Millier (1993). O interesse dos editores da *Time-Life* na “natureza” se restringia apenas aos recursos exportáveis do Brasil, como as reservas minerais quase que inexploradas na época, dentre as quais se destacava a borracha da Amazônia; também a criação de gado era tema que lhes interessava (MILLIER, 1993).

Além disso, os editores da *Time-Life* queriam manter certas ideias pré-concebidas sobre o Brasil junto ao público norte-americano, ao invés de se deterem em mostrar detalhes sobre o país que ajudassem a compreender a complexidade da cultura do povo brasileiro, um ponto de vista privilegiado por Bishop. Em relação a tal conflito de interesses entre os editores e Bishop, esta desabafa em carta para sua amiga May Swenson em 1962:

A idéia deles é apresentar as idéias preconcebidas que eles têm de um país sem nenhuma interferência. Eu insisti que devia haver pelo menos uma página com fotos de animais, todos os dias. – Eu escrevi duas ou três páginas boas sobre a NATUREZA – o efeito dela sobre a linguagem – bichos de estimação – pássaros de gaiola etc. – cortaram tudo. E, no entanto – na véspera de eu voltar para o Brasil eles estavam começando a preparar rapidamente um livro sobre a ÁFRICA e eles estavam todos se babando com as fotos coloridas de leões, zebras etc. – porque eles já sabem que na África existem leões. Não têm nenhum interesse por preguiças, jibóias, (ontem uma

jibóia atacou uma criança em Belém) tamanduás, borboletas, orquídeas – 4 mil espécies de peixes, saúvas, onças etc. (BISHOP, 1995, p. 716).⁷

Bishop desabafava com sua amiga, reclamando da superficialidade dos editores da *Time-Life*, que nem estariam interessados em abordar traços característicos dos países descritos, em profundidade, nem levar em consideração a complexidade dessas culturas. Muito pelo contrário, interessava-lhes apenas manter os estereótipos construídos, ao longo da história dos países descritos que, no caso da África do Sul e do Brasil, compartilhavam um passado colonial que testemunhara a exploração de suas riquezas pelas potências estrangeiras.

Dessa forma, defende-se que os animais considerados “exóticos” do Brasil, que Bishop queria mostrar, não interessavam aos seus editores, provavelmente porque esses elementos da fauna brasileira não representariam uma fonte de recursos naturais a ser explorada pelo mercado internacional. A imagem desses animais chamaria a atenção dos leitores apenas por sua beleza e diversidade. Já as peles dos animais africanos, por exemplo, poderiam ser consideradas como artigos comerciais explorados e conhecidos no mercado internacional. Assim, além do interesse despertado pelo “exotismo” dos animais africanos, as fotos teriam sido aprovadas pelos editores da *Time-Life* porque os leões e zebras africanos representavam um lugar comum no imaginário do norte-americano sobre a África. Logo, mostrar, detalhadamente, elementos da cultura brasileira, tais como a forma de vida dos povos indígenas, ou de animais brasileiros pouco conhecidos pelo público estrangeiro, como os tatus, as preguiças, dentre outros, tudo isso pareceria inútil aos olhos dos editores; esses aspectos não representariam interesse mercadológico. Já mostrar as zebras e os leões da África do Sul parecia estar de acordo com a ideologia dominante na *Time-Life*, no que se refere a expor partes de uma determinada cultura, que despertassem interesses mercadológicos e que viessem a endossar imagens pré-existentes no imaginário da cultura norte-americana sobre esses países.

Essa experiência de trabalhar sob a pressão de prazos, tendo que produzir longos textos em estilo jornalístico, que demandavam intensa pesquisa, para uma instituição jornalística como a *Time-Life*, foi uma tarefa não muito comum na carreira de Bishop. Ela tinha dificuldade de produzir textos rapidamente, devido ao perfeccionismo da autora e amor pelos detalhes,

⁷ Trecho de carta de Elizabeth Bishop publicada em português, somente na edição brasileira da coletânea de cartas da autora *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*, publicada em 1995. No apêndice dessa edição há conjunto de cartas inéditas reunidas pela professora Regina Przybycien, que tratam de temas brasileiros, e que não faz parte da edição em inglês, publicada em 1994. Essa pesquisa teve acesso, portanto, apenas à tradução para o português da referida carta.

características essas que trazem vivacidade às suas imagens poéticas. Alguns de seus poemas chegavam a levar cerca de dez anos para serem concluídos, ao gosto da artista. Por exemplo, há registros manuscritos da criação do poema *Pink Dog* desde 1959 (ANASTÁCIO, 1999), sendo que o poema foi publicado somente em 1979 (BISHOP, 1995). Era muito comum para Bishop simplesmente abandonar um determinado projeto para somente voltar a se debruçar sobre ele muitos anos depois, publicando-os só quando estivesse relativamente satisfeita com eles. Obviamente, esse tipo de comportamento, esses longos períodos de tempo que Bishop parecia precisar para produzir seus poemas, essa preocupação com os detalhes, essa liberdade de criação, não se enquadravam à forma de produção de textos exigidos pela *Time-Life*. Eles queriam rapidez na produção de um texto superficial, cheio de clichês e que deveria apenas fazer o papel de coadjuvante das fotografias, já que o produto, o livro *Brazil*, assim como todos os outros da coleção *Life World Library*, série de livros publicada pela *Time-Life* entre 1962 e 1966, da qual *Brazil* fazia parte, deveria ser uma versão em livro da revista *Life*. O livro, assim como a revista *Life*, deveria privilegiar a comunicação através das imagens fotográficas, ficando a comunicação verbal em segundo plano (BISHOP, 1995). Essa revista era conhecida por enfatizar um tipo de jornalismo que priorizava as imagens fotográficas, com todos os elementos semióticos que constituam essas imagens, usadas como recurso principal para narrar uma determinada história (DOSS, 2001).

Assim, o texto de Bishop teria um papel secundário dentro do livro, fato que, a princípio, a autora pensara que facilitaria seu trabalho; mas, no final, toda a experiência se tornou um pesadelo para Bishop. De modo que ser submetida a essa forma de trabalho foi uma experiência traumática para a poetisa, fato que justificaria seu desejo em esquecer que escreveu tal livro. Bishop alega que nem mesmo as fotos de *Brazil* ficaram boas, o que muito a aborreceu, já que a *Life* seria conhecida pela qualidade artística e expressividade das fotos que costumava publicar. Reconhecendo a importância das imagens como instrumento narrativo para esse tipo de publicação, ao estilo revista *Life*, Bishop tenta interferir na escolha das fotos, sem muito êxito.

As fotos são mesmo o mais imperdoável de tudo – o que não falta é material, tem coisas maravilhosas – comecei a mandar listas para eles – e, além disso, eu sabia onde encontrar as coisas – desde julho do ano passado. Eles receberam muitos das minhas idéias com entusiasmo, só que não tomavam nenhuma iniciativa. [...] Imagine um Rio de Janeiro sem nenhum pássaro, nenhum bicho, nenhuma flor. E existem fotos maravilhosas de índios, suas casas, seus adereços, suas danças etc. - não saiu nada. [...] Bem, você devia ter visto as fotos de índios que eles queriam pôr – mendigos sífilíticos

esfarrapados – pelo menos isso eu consegui que eles mudassem. (BISHOP, 1995, p. 714-5)⁸

Aliás, não somente em relação à escolha das fotos, como também quanto à forma “final” do texto publicado, ambos acabaram obedecendo às escolhas dos editores em questão. Bishop lutou bastante e se recusou a aderir a essa superficialidade com que a editora queria tratar as questões brasileiras. Mas a vontade deles acabou prevalecendo, no final das contas, apesar dos protestos enfáticos da autora de *Brazil* (MILLIER, 1993).

Por outro lado, não fossem as alterações e os cortes realizados pelos editores da *Time-Life*, o livro provavelmente não teria sido publicado; conforme Lefevre (2007), uma condição para a existência e disponibilidade de um texto para um determinado público é que este esteja condizente com a lógica ditada por todo um contexto econômico e sócio-cultural deste público, num determinado momento histórico. Estas circunstâncias de publicação serão discutidas no capítulo dois deste trabalho dedicado à problemática da autoria do livro *Brazil*.

2.2 O BRASIL E OS ESTADO UNIDOS: UMA PARCERIA ESPECIAL

2.2.1 Um Intercâmbio de Imagens

Para esclarecer as circunstâncias históricas vigentes no período de publicação do livro em questão, convém recordar a história da troca de informações e de propaganda entre os Estados Unidos e o Brasil através da mídia desses dois países. Essa troca de informações remete a uma divulgação massiva de determinadas imagens dos Estados Unidos e de elementos da cultura norte-americana, em contrapartida, com a publicação de determinadas imagens do Brasil nos Estados Unidos. Esse intercâmbio começou no início dos anos 40, como um dos frutos do trabalho do Bureau Interamericano (*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*), agência do governo norte-americano que:

(...) deveria promover medidas de curto e longo alcance para recuperar as economias combalidas dos vizinhos latino-americanos (comprando sua produção agrícola e mineral exportável), bem como estabelecer um vigoroso programa educacional, de relações culturais, de informação e propaganda. (MOURA, 1995, p. 20).

⁸ Trecho de carta de Elizabeth Bishop publicada em português, somente na edição brasileira da coletânea de cartas da autora *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*, publicada em 1995.

A Política da Boa Vizinhança já estava em operação desde o início do governo Roosevelt, em 1933, mas, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, os Estados Unidos precisavam tomar atitudes mais drásticas em relação à significativa influência germânica nos países da América Latina. Os líderes do governo norte-americano acreditavam que as Américas Central e Sul seriam alvos importantes dos planos de dominação mundial do Eixo nazista, já que esses países eram fornecedores de matérias-primas para a indústria armamentista alemã. Ademais, muitos desses países tinham seus exércitos instruídos por missões alemãs (MOURA 1995). A resposta dos Estados Unidos foi exatamente criar essa agência especial do governo norte-americano, o Bureau Interamericano, com a finalidade de coordenar um plano de ação que trouxesse a América Latina para seu lado, naquele contexto de disputa por influência política e econômica com a Alemanha nazista. Assim, o Bureau Interamericano foi criado, não como mais um programa diplomático de melhoria das relações com a América Latina, como os programas da Política da Boa Vizinhança, mas como um verdadeiro esforço de guerra, tanto que essa agência estava subordinada ao Conselho de Defesa Nacional dos Estados Unidos.

Nesse contexto, grande parte dos esforços do Bureau concentrou-se em trazer o Brasil para apoiar os Estados Unidos, uma vez que, politicamente, a posição brasileira afetava a posição de vários outros países da América do Sul. Além disso, o Brasil era fonte de matérias-primas importantes para a indústria bélica americana, como a borracha, o manganês, o ferro, os cristais de quartzo, dentre outros. Também o Norte/Nordeste do Brasil viria a ser uma área geograficamente estratégica para a implantação de bases militares norte-americanas.

No início da Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro se esforçava em manter uma posição de neutralidade, buscando aproveitar todas as oportunidades de benefícios comerciais que essa rivalidade entre os Estados Unidos e a Alemanha gerava. Havia também resistência ao assédio americano dentro das forças armadas brasileiras, em que vários elementos do alto escalão do exército brasileiro admiravam o militarismo alemão e tinham sentimentos pró-Eixo. Assim, por causa de todas essas resistências, o Bureau Interamericano precisava de uma estratégia efetiva para Brasil, o que se traduziu em esforços dirigidos em quatro áreas de atuação: as áreas das comunicações, das relações culturais, da saúde e comercial/financeira. Nas palavras de Gerson Moura a missão do Bureau:

O trabalho do Birô Interamericano no Brasil se revestia, portanto, de um aspecto político vital: era necessário ganhar os corações e mentes dos

líderes políticos e militares brasileiros, sem cuja cooperação, os planos estratégicos dos Estados Unidos iriam por água abaixo. Mais ainda: era necessário assegurar não apenas o acesso às agências do Estado brasileiro, mas também ganhar os grupos sociais mais significativos do ponto de vista da formulação de políticas, assim como, na medida do possível, a massa da população politicamente significativa (MOURA, 1995, p. 31).

No final das contas, o governo Vargas conseguiu extrair do governo norte-americano, com muito esforço, os acordos e empréstimos que permitiram a construção da fábrica siderúrgica de Volta Redonda (MOURA, 1995). Este representava um passo fundamental para o processo de industrialização do Brasil, que, como parte do acordo, também recebeu uma quantidade suficiente de armas e munições para reequipar as Forças Armadas brasileiras, em troca de seu apoio político na guerra. Tal apoio político significava concordar em fornecer as matérias-primas estratégicas exclusivamente para os Estados Unidos, romper relações diplomáticas com o Eixo e aceitar tropas americanas em bases implantadas nas regiões norte e nordeste do Brasil. Mas, para ganhar o apoio das massas do Brasil para a causa dos Aliados, era preciso a utilização dos veículos de comunicação de massa para reproduzir a propaganda dos Estados Unidos no Brasil. Dessa forma, o trabalho da divisão de “informações” do Bureau Interamericano foi fundamental para a penetração cultural e ideológica norte-americana no Brasil (MOURA, 1995).

Primeiramente, houve um grande esforço, por parte dos executivos da mídia norte-americana que trabalhavam para o governo, em buscar e explorar os traços comuns entre a cultura norte-americanas e a cultura brasileira. O fato de que ambos os países possuem dimensões continentais, bem como abundância de recursos naturais, além de receberem imigração européia, seriam alguns desses traços em comum entre os dois países. Note-se que, convenientemente, ficava de fora toda a referência ao passado escravagista de ambos os países. Buscava-se o argumento de que a cooperação entre os dois países vinha de longa data, não sendo, portanto, algo novo, emergencial para o esforço de guerra.

Na carona dessa propaganda ideológica, convinha apresentar o estilo de vida americano para as massas brasileiras, visando à preparação de um mercado consumidor para o escoamento dos produtos manufaturados norte-americanos. Assim, para divulgar essas idéias, o Bureau Interamericano investiu pesado nos meios de comunicação de massa no Brasil (MOURA, 1995).

Além da utilização do cinema e do rádio para a divulgação da propaganda e do estilo de vida americanos no Brasil, o Bureau também concentrou esforços na imprensa brasileira.

Promoveu a troca de informações entre as agências de notícias americanas e as brasileiras, que deveriam divulgar exaustivamente notícias favoráveis aos Estados Unidos no Brasil, assim como dar notícias sobre o Brasil nos Estados Unidos (em menor escala); ainda procurava eliminar a presença das agências de notícias alemãs e italianas do Brasil. Também houve o intercâmbio de visitas de jornalistas e editores de ambos os países, sendo que os americanos vinham conhecer o Brasil, no sentido de fazer turismo, enquanto os brasileiros iam para conhecer a tecnologia da imprensa norte-americana e aprender suas técnicas. Além disso, as licenças de importação de papel norte-americano eram facilitadas para os jornais que apoiavam os Aliados, sendo esse um fator de peso no assédio do Bureau à imprensa brasileira, uma vez que havia uma escassez de papel para tal fim. Facilitou-se, também, a compra de espaço nesses jornais para a propaganda dos produtos norte-americanos (MOURA, 1995).

Afora todos esses incentivos, é preciso ressaltar que houve ainda incentivo ao intercâmbio cultural, no cinema, entre o Brasil e Os Estados Unidos, conforme atesta a criação do personagem Zé Carioca para o longa-metragem animado de Walt Disney *Hello, Friends* (1942). Um papagaio verde e amarelo, Zé Carioca, seria a representação do brasileiro comum, assim como o pato Donald, que personificaria o norte-americano comum. No segundo filme de Walt Disney, em que aparece esse personagem brasileiro, *The Three Caballeros* (1944), Zé Carioca recebe o visitante norte-americano, o pato Donald, “de braços abertos”, personificando a esperada hospitalidade do povo brasileiro:

Zé Carioca é falador, esperto e fã de Donald; sente um imenso prazer em conhecer o representante de Tio Sam e logo o convida para conhecer as belezas e os encantos do Brasil. Brasileiramente, faz-se íntimo de Donald — quando este lhe estende a mão, Zé Carioca lhe dá um grande abraço — que aceita o oferecimento e sai para conhecer o Brasil. Nem é preciso dizer que Donald fica deslumbrado com as paisagens e os ritmos brasileiros e inteiramente “vidrado” na primeira baiana que encontra. (MOURA, 1995, p. 40)

Outra leitura dessa hospitalidade brasileira representada nesses filmes de Walt Disney seria que a sociedade brasileira estaria receptiva à influência norte-americana. Já no filme *The Three Caballeros*, por exemplo, o pato Donald é convidado a conhecer o Brasil por Zé Carioca. Donald fica encantado com as belezas do Brasil e logo se apaixona pela baiana Iáíá, personagem representada pela irmã de Carmen Miranda, Aurora Miranda, que também era atriz e cantora. Iáíá é baiana e branca; aliás, nada de mulatas nesse filme. Para não ferir a sensibilidade das elites, ressentidas pelo apelido de “macaquitos” que os argentinos davam aos

brasileiros e também para não desagradar o público norte-americano, nesse filme, todos os baianos e baianas são brancos (MOURA, 1995).

É importante ressaltar que essa troca cultural entre os Estados Unidos e o Brasil se deu de forma desigual, desde o começo de sua história, nos anos 40, sob a influência do Bureau Interamericano. Nas palavras de Gerson Moura:

O contraste era marcante: enquanto se mostravam as paisagens, flores tropicais, festas, folclore, sítios arqueológicos, artesanato e produção de bens primários (estratégicos) da América Latina, procurava-se mostrar dos Estados Unidos as indústrias bélicas, aeronáutica, cinematográfica, siderúrgica, ótica, assim como os avanços técnico-científicos (microscópio eletrônico, tecidos sintéticos, produtos químicos), além de suas belezas naturais, o sistema educacional e a cultura em geral. (MOURA, 1995, p. 41).

Enquanto o Brasil recebia uma enxurrada de propaganda americana exaltando a sua capacidade bélica, o avanço tecnológico, enfim, a superioridade do *American way of life*, em relação às imagens mostradas do Brasil (e da América Latina), explorava-se o “exotismo” da natureza e das manifestações culturais do povo visto como “primitivo”. Havia a ênfase em mostrar as reservas naturais e a produção de mercadorias de interesse econômico para o estado americano. É importante notar que essas imagens do Brasil continuaram a ser divulgadas pela mídia dos Estados Unidos, mesmo depois do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), durante o período da Guerra Fria (1945-1991), período entre o final da Segunda Guerra Mundial e a extinção da União Soviética (MOURA, 1995).

2.2.2 A Guerra Fria nos anos 1960s

A Guerra Fria foi assim chamada por não ter ocorrido um confronto direto entre as duas superpotências rivais. Durante a Guerra Fria, a disputa de poder no cenário mundial se polarizou entre as superpotências que se formaram, no pós-guerra, representadas pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Caso ocorresse, tal confronto provavelmente evoluiria para uma guerra nuclear, já que ambas as superpotências tinham acesso a essa tecnologia bélica e ambas se empenhavam avidamente numa corrida armamentista, ou seja, na acumulação cada vez maior de artefatos nucleares. Pairava sobre o mundo, portanto, durante todo esse período, a *ameaça* de que semelhante confronto ocorresse, o que gerou um estado de tensão em toda a geração que viveu na época, já que as conseqüências devastadoras de tal confronto teriam

alcance global; esse confronto, caso ocorresse, provavelmente colocaria em perigo até mesmo a sobrevivência da humanidade.

Assim, para substituir o confronto direto que, possivelmente, resultaria em destruição mútua, as superpotências buscavam a manutenção e a ampliação de suas respectivas zonas de influência política, econômica e ideológica. Para tanto, o campo de batalha das superpotências esteve sempre fora de seus territórios doméstico; os combates da Guerra Fria ocorriam no território dos países que teriam sido objeto dessa disputa, geralmente países de menor poder econômico, como foi o caso da Guerra do Vietnã (1959-1975).

Chomsky sintetiza esses eventos, esclarecendo quais foram os povos que mais sofreram com a Guerra Fria: “Putting second-order complexities to the side, for the USSR the Cold War has been primarily a war against its satellites, and for the US a war against the Third World.” (CHOMSKY, 1992, p. 28)⁹

No campo ideológico, as idéias capitalistas ou comunistas eram apresentadas positiva ou negativamente, dependendo de quem era o patrono do veículo de comunicação da vez. Nesse contexto, a censura e a perseguição continuaram sendo armas amplamente utilizadas, de parte a parte. E não somente usadas pelos regimes totalitários do bloco comunista, como também, embora mais sutilmente, pelos regimes do mundo capitalista, que se pensavam democráticos. As agências da propaganda norte-americana - como a revista norte-americana *Life*, publicada pela mesma editora que lançou o livro *Brazil*- se ocupavam, incessantemente, em demonizar o seu oponente, apresentando o comunismo como uma força de natureza diabólica, cujo objetivo seria escravizar o mundo. Caberia, então, aos Estados Unidos o papel de “salvar” o mundo desse mal e proteger o ideal de “liberdade” (CHOMSKY, 1992).

Chomsky endossa que essa interpretação maniqueísta da Guerra Fria se faz clara no texto do *NSC 68 (National Security Council Report 68)*, principal documento oficial do governo norte-americano sobre a Guerra Fria, escrito em 1950, no período da formação de estratégias políticas, que iriam prevalecer pelos quase vinte anos seguintes. Nesse documento está a afirmação de que o plano do Kremlin seria promover a destruição e subversão de toda a ordem governamental e estrutural da sociedade, em todas as partes do mundo que ainda não estavam sujeitas ao seu domínio, eliminando, assim, a liberdade dos povos e dos indivíduos. De modo que essa força do “mal” seria altamente violenta e estaria determinada a alcançar o seu objetivo. Já aos Estados Unidos, caberia o papel de impedir o avanço da dominação soviética,

⁹ Colocando complexidades de segunda ordem de lado, para a União Soviética, a Guerra Fria foi primordialmente uma guerra contra seus satélites, e, para os Estados Unidos, uma guerra contra o Terceiro Mundo. (tradução nossa)

garantindo a integridade de uma sociedade livre e protegendo a dignidade, a liberdade e os direitos dos indivíduos. O documento também convocaria a nação norte-americana a tomar uma posição muito mais agressiva militarmente, colocando como prioridade o investimento em pesquisa e desenvolvimento bélico, mesmo que isso significasse sacrifício da população e cortes de verbas para os programas sociais, com objetivo de que os Estados Unidos pudessem prevalecer na luta entre as forças da luz e das trevas. Esse seria um momento decisivo, quando à continuação ou destruição, não apenas da república norte-americana, mas da própria civilização humana caso os norte-americanos não tomassem para si o papel de liderança mundial (CHOMSKY, 1992). Esse tom apocalíptico é bem ironizado nas palavras de Noam Chomsky:

The basic structure of the argument has the childlike simplicity of a fairy tale. There are two forces in the world at “opposite poles”. In one corner we have absolute evil; in the other, sublimity. There can be no compromise between them. The diabolical force, by its very nature, must seek total domination of the world. Therefore it must be overcome, uprooted, and eliminated so that the virtuous champion of all that is good may survive to perform his exalted works. (CHOMSKY, 1992, p. 10)¹⁰

Chomsky questiona, ainda, a interpretação maniqueísta da disputa das superpotências na Guerra Fria, mostrando que a mesma serviu para fins bastante específicos como forma de manipulação da opinião pública:

For each, it has served to entrench a particular system of domestic privilege and coercion. The policies pursued within the Cold War framework have been unattractive to the general population, which accepts them only under duress. Throughout history, the standard device to mobilize a reluctant population has been the fear of an evil enemy, dedicated to its destruction. The superpower conflict served the purpose admirably – both for internal needs, as we see in the fevered rhetoric of top planning documents such as NSC 68, and in public propaganda. The Col War had a functional utility for the superpowers: one reason why it persisted. (CHOMSKY, 1992, p. 28)¹¹

¹⁰ A estrutura básica da argumentação tem a simplicidade infantil dos contos de fadas. Há duas forças no mundo, em “pólos opostos”. De um lado há o Mal absoluto; do outro, a Bondade sublime. Não pode haver acordo entre eles. A força diabólica, por sua própria natureza maligna, busca a dominação total do mundo. Portanto, essa força precisa ser vencida, desarraigada e eliminada para que o virtuoso herói do Bem possa sobreviver para executar suas obras sublimes. (tradução nossa)

¹¹ Para cada um, ela serviu para estabelecer um sistema interno específico de privilégios e coerção. As políticas seguidas dentro dos parâmetros da Guerra Fria foram desagradáveis à população em geral, que as aceitaram apenas sob coação. Ao longo da história, a estratégia padrão para mobilizar uma população relutante tem sido o medo de um terrível inimigo, que se dedica a destruí-la. O conflito entre as superpotências serviu ao seu propósito de forma admirável – para ambas as necessidades internas, como se vê na acalorada retórica dos documentos dos planos de tal importância como o NSC 68 e na propaganda pública. A Guerra Fria teve uma função utilitária para as superpotências: única razão pela qual persistiu. (tradução nossa)

Tanto para os Estados Unidos quanto para a União Soviética, a Guerra Fria oferecia a justificativa necessária para coagir ambas as populações domésticas a aceitarem a implantação de políticas que seriam impopulares, não fosse sob a justificativa de defesa contra um inimigo “terrível”. Políticas essas que, para a União Soviética, serviam para solidificar o poder da elite militar-burocrática, que foi colocada no poder desde o Golpe Bolchevik de outubro de 1917. Para os Estados Unidos, a Guerra Fria beneficiou bastante a elite industrial e militar, em que os impostos da população financiavam pesquisas e o desenvolvimento da indústria de alta tecnologia, que depois passariam para o controle das corporações privadas, quando houvesse uma possibilidade de lucro (CHOMSKY, 1992).

Chomsky não nega que o conflito entre as superpotências tenha sido real, mas apenas afirma que se trata de apenas um dos elementos do contexto sócio-político-econômico do período da Guerra Fria. Teria sido primordialmente a contraparte econômica desse contexto que movimentaria e direcionaria tanto as políticas domésticas das superpotências, quanto suas políticas externas. Em relação à política externa dos Estados Unidos, é importante notar, no discurso do NSC 68, a ênfase dada à necessidade de expandir suas zonas de influência pelo mundo, tomando todos os espaços possíveis para que não ficassem vulneráveis à influência soviética. Nenhum país do mundo seria pequeno ou remoto demais para que fosse deixado de fora dos planos hegemônicos dos Estados Unidos (CHOMSKY, 1992). Os objetivos dessas políticas de expansão externa seriam, em resumo, reforçar o interesse das grandes corporações privadas que, em grande parte, controlavam as decisões políticas do Estado, além de manter o ambiente internacional de tal forma que as corporações pudessem prosperar (CHOMSKY, 1992). Aliás, esses objetivos da política externa dos Estados Unidos teriam sido os mesmos, desde antes da Guerra Fria, e continuaram os mesmo depois de seu término.

O próprio conflito entre as superpotências também teria raízes com base em questões de disputa econômica. Ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos surgiam vitoriosos, com os recursos e o poder necessários para colocar em prática seus planos de dominação global. Nos planos secretos do governo norte-americano para a reorganização da ordem mundial no pós-guerra, discutia-se a noção de Grande Área, que seria um grande grupo de países ou áreas estratégicas que os Estados Unidos deveriam dominar, ou ter sob sua influência, a fim de consolidar a hegemonia americana no comando do sistema econômico mundial. A própria forma de governo comunista da União Soviética era, por sua própria natureza, inaceitável para os Estados Unidos. Os princípios autárquicos do governo soviético, que resultavam na autoridade total do estado em comandar a economia do país, entravam em

choque direto com os planos dos Estados Unidos de construir um sistema global com base no livre comércio e investimento. Além disso, a rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética teria ficado ainda maior quando o império soviético impediu a entrada do comércio capitalista industrial em seus domínios. Essa região, portanto, deixou de ser uma importante fonte de matéria-prima, de oportunidades de investimentos e mercado, ou mão-de-obra barata. Ou seja, o maior problema do governo comunista não seria sua “maldade” ou seu autoritarismo, mas o fato de que o sistema econômico de tal forma de governo anulava o interesse dos países comunista em complementar as economias industriais do mundo capitalista, tornando os dois sistemas de governo incompatíveis, já que não poderiam co-existir dentro de um mesmo sistema econômico (CHOMSKY, 1992). Além disso, a União Soviética ofereceu, por diversas ocasiões, o apoio a países que foram alvo do ataque dos Estados Unidos, como foi o caso de Cuba, dando condições para que esses países resistissem à pressão dos Estados Unidos e fazendo também com que a ação norte-americana contra esses países fosse limitada; esse fato, especialmente, colocava obstáculos para os planos de dominação global dos Estados Unidos, em sua totalidade.

2.2.3 A Guerra Fria na América Latina e no Brasil

Na disputa das superpotências por áreas de influência no mundo, destaca-se a América Latina, espaço historicamente vinculado e subordinado aos Estados Unidos (SCHILLING, 2004) por ser fonte de matérias-primas que interessavam àquela superpotência; este era um mercado consumidor para escoamento de produtos manufaturados de tecnologia ultrapassada e fonte de mão-de-obra barata. Por oferecer os elementos chave para o suporte do modo de produção capitalista, a América Latina seria, então, uma peça bastante relevante para a manutenção do capitalismo americano. Através da concessão de empréstimos, dentre outros mecanismos de pressão, os Estados Unidos financiavam, nos países da América Latina, um tipo de desenvolvimento que mantivesse essas economias vinculadas ao seu sistema hegemônico global. De fato, os países latino-americanos se constituíam de economias capitalistas marginais e, por causa da má distribuição de renda, a maioria da população desses países não tinha acesso aos bens de consumo, como acontecia nas economias capitalistas centrais (FERNANDES, 1987). Ou seja, as "vantagens" do capitalismo não chegavam a América Latina, gerando insatisfação com o sistema vigente; criou-se, então, um terreno fértil para guerrilhas e revoluções, pois afinal, a ideia de liberdade apregoada pela propaganda norte-americana, em oposição ao totalitarismo soviético, significaria muito pouco diante da situação

de extrema pobreza da maioria da população latino-americana, tornando a propaganda comunista apelativa a essas massas, que já simpatizavam com o cunho nacionalista do discurso dos governos populistas no poder, durante os anos 60. Essa ideia de que a extrema pobreza da população a tornaria especialmente vulnerável à propaganda comunista aparece no capítulo cinco do livro *Brazil*, aquele capítulo que abordaria a economia brasileira. No trecho que relata o sofrimento da população que trabalha no corte de cana-de-açúcar do nordeste brasileiro, declara-se que essa condição de vida extremamente difícil tornaria aquela população vulnerável “à exploração comunista” (BISHOP, 1962, p. 74).

Além desses fatores, havia o desgaste da imagem dos Estados Unidos junto aos latino-americanos devido a toda uma história de opressão. Percebe-se, na inclusão da Emenda Pratt na Constituição de Cuba em 1901, um exemplo dessa opressão. Essa lei foi imposta pelo governo militar norte-americano que então estava no poder em Cuba e autorizava a intervenção dos Estados Unidos todas as vezes que os interesses de ambos os países fossem ameaçados. Na prática, tal emenda significava a perda da soberania desse país e só foi derrubada por completo pelo regime de Fidel Castro (SCHOULTZ, 1998).

O que, de fato, colocava em risco o império norte-americano, não era a “ameaça comunista” em si, mas a possibilidade de que os governos latino-americanos colocassem em prática as políticas de cunho nacionalista, conforme anunciava a retórica populista desses governos, que estava em voga na América Latina, no início dos anos 60. Tais políticas nacionalistas visariam os interesses econômicos internos desses países, que deixariam de seguir as ordens ditadas pelos interesses hegemônicos dos Estados Unidos.

A administração de Kennedy estava preocupada em defender os interesses políticos e, principalmente, econômicos, do governo norte-americano na América Latina. Esses interesses seriam, em parte, militares, visando à ocupação de locais estratégicos, como o canal do Panamá, além de garantirem a exclusividade na exploração de matérias-primas importantes para a indústria bélica. Porém, ainda mais importante para o governo Kennedy seria defender os investimentos das corporações norte-americanas na América Latina, que somavam em torno de nove bilhões de dólares. Chomsky ainda fala do efeito dominó, ou seja, se um país latino-americano com poucos recursos resolve implantar diretrizes políticas de cunho nacionalista, ou seja, comete o “pecado” de defender seus próprios interesses, e por isso, mostra algum sinal de progresso econômico ou social, se tornaria então um exemplo desejável a ser seguido por outros países de mais recursos, ocasionando assim a perda de influência, também sobre estes

países, por parte do poder hegemônico exercido pelos Estados Unidos (CHOMSKY, 1992, p. 57).

Assim, ao longo de todo o século XX, na América Latina, alguns governos de caráter nacionalista conseguiram chegar ao poder e tentaram implantar reformas políticas em que os recursos do país fossem aplicados para um desenvolvimento industrial e econômico, que beneficiasse os próprios interesses internos. A tentativa de autonomia empreendida por esses governos nas decisões políticas e econômicas internas ameaçavam diretamente os interesses econômicos do império norte-americano, o que resultou na intervenção indireta dos Estados Unidos no processo político de tais países. Essa intervenção indireta consistia na estratégia norte-americana de apoiar política e militarmente os setores conservadores daqueles países, como as elites militares e financeiras desses países, em seus planos de derrubada dos governos estabelecidos democraticamente, que seriam substituídos por ditaduras. Por causa do efeito dominó, países territorialmente pequenos, como Cuba, Colômbia, Guatemala, Panamá, Uruguai, dentre outros, se tornaram uma ameaça e, por isso, sofreram intervenção dos Estados Unidos. Daí a agressividade da interferência dos Estados Unidos nesses países pequenos do Terceiro Mundo, num confronto de poder tão desigual (CHOMSKY, 1992).

Após a Revolução Cubana de 1959, o regime de Fidel Castro desapropriou os bens das empresas norte-americanas em Cuba, no processo de nacionalização da economia cubana, rompendo assim com o imperialismo norte-americano. Cuba tornou-se, então, alvo de uma retaliação dos Estados Unidos e só conseguiu resistir devido à aliança que estabeleceu com o bloco comunista. Note-se que, inicialmente, o governo revolucionário de Cuba nem era comunista.

Assim, em resposta à revolução cubana e temendo perder sua influência sobre o restante da América Latina, os Estados Unidos se empenharam em evitar que outros países seguissem o exemplo de Cuba. Nesse contexto, foi lançado, pelo presidente Kennedy, um programa chamado “Aliança para o Progresso”, cuja finalidade era promover o desenvolvimento mediante a colaboração financeira e técnica com os países da América Latina, exceto Cuba. Chomsky (1992) fala da associação entre a ajuda norte-americana aos muitos casos de abusos aos direitos humanos nestes países. Não seria o caso de se afirmar que os políticos dos Estados Unidos gostem de violência. O que importaria seria barrar o desenvolvimento independente desses países e evitar que seus recursos fossem investidos nas “prioridades erradas”; ou seja, em projetos que fossem danosos aos interesses econômicos do capital estrangeiro.

Assim, já que a ajuda norte-americana estava condicionada à implantação de políticas que, na maioria das vezes, contrariavam os interesses internos e das populações dos países latino-americanos, que se tornaram ditaduras apoiadas pelos Estados Unidos, tais como o Chile e a Argentina, fazia-se amplo uso de extrema violência para intimidar os movimentos populares que se opunham a essas políticas (CHOMSKY, 1992). Portanto, em paralelo aos programas de auxílio, os Estados Unidos, sob o pretexto de defenderem o continente americano da “ameaça comunista”, apoiaram a derrubada dos governos de cunho nacionalista, colocados no poder democraticamente, mas que não estariam totalmente comprometidos com os interesses do capital estrangeiro. Esses governos foram substituídos por regimes militares cuja tomada do poder, o chamado “Golpe”, teria sido secretamente financiado pelos Estados Unidos; estariam esses governos ditatoriais dispostos a usarem de repressão e inimaginável violência para silenciar os movimentos sociais e manter a população “na linha”. O Brasil não foi exceção, nesse processo da derrubada dos governos democráticos e da imposição das ditaduras militares, um processo que aconteceu em quase toda a América Latina, nos anos 60. Sendo o Brasil um país de importância estratégica por suas dimensões continentais e sua posição de liderança na América Latina, também importava mantê-lo “na linha”. Chomsky (1992, p. 229) chama de “neonazista” o sistema de repressão policial estabelecido pelos “generais do Golpe” no Brasil e afirma que os “The US actively supported the coup, preparing to intervene directly if its help was needed for what Gordon {Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos no Brasil, na época} described as the “democratic rebellion” of the generals” (CHOMSKY, 1992, p.229) ¹².

Bishop, provavelmente por causa de seu relacionamento próximo com a elite carioca, através de Lota, e também pelo seu posicionamento anticomunista norte-americano, se colocou a favor dos militares, na ocasião do Golpe. Ela registra sua versão dos acontecimentos em carta a amigos escrita no mês de abril de 1964 (o Golpe que aconteceu em primeiro de abril de 1964):

As últimas duas semanas foram ficando cada vez mais loucas – o Goulart apostando num poder que ele claramente não tinha, provavelmente superestimando sua própria força, por burrice – ou por ser obrigado a fazê-lo. O outro lado (nós somos os “rebeldes”!) subestimava sua própria força. (BISHOP, 1995, p.737)

Ninguém foi morto de propósito – e só muitos morreram por acidente – nos primeiros dois dias. (Por outro lado, os comunistas tinham uma lista de

¹² Os Estados Unidos apoiaram o Golpe ativamente, se preparando para intervir, caso fosse necessário para o que Gordon descreveu como a “rebelião democrática” dos generais. (tradução nossa)

mais de quarenta a serem executados imediatamente – esta informação não foi divulgada – quem me passou foi a Lota.) É um tremendo alívio – mas foi uma “vitória” muito tensa e terrível. (BISHOP, 1995, p.742-3)¹³

Nos trechos acima, percebe-se claramente o posicionamento de Bishop favorável ao Golpe Militar, em consonância com o posicionamento oficial dos Estados Unidos. Percebe-se que Bishop também considera o comunismo como uma ameaça a ser evitada, a qualquer custo, e que a ação violenta dos militares seria justificada, pois evitaria uma violência maior, caso os supostos comunistas tomassem o país. Assim como para Bishop, o Golpe parecia necessário a muitos, já que o governo de Goulart parecia caótico, como afirma Millier (1993, p. 353): “The citizens of Brazil (Lota and Elizabeth included), discouraged by a currency worth only 10 percent of what it had been worth in 1962 and a cost of living that had tripled in the same period, were ready for almost any change.”¹⁴ Millier (1993) ainda afirma que, no período do Golpe, poucos imaginaram que o regime militar iria trair seus supostos objetivos de “restoring economic order, eliminating corruption in the government, and moving Brazil away from communism while maintaining a representative democracy” (MILLIER, 1993, p.354)¹⁵. Também poucos podiam prever

(...) the tremendous abuse of power that would follow, particularly after 1968: the thousands of arrests on flimsy evidence, the “disappearances,” the disenfranchisement of anyone voicing opposition to the military rule. And few in Brazil guessed that it would be twenty-five years before the country would again have a popularly elected president. (MILLIER 1993, p.354)¹⁶

De modo que, o equívoco de Bishop, assim como de grande parte da população que apoiou o Golpe Militar, poderia ser justificado pela influência da propaganda que defendia a necessidade da tomada de poder do regime militar no Brasil; propaganda esta que se faz presente na edição do livro *Brazil*, conforme mostra claramente o seguinte trecho de autoria

¹³ Trechos de cartas de Elizabeth Bishop publicadas em português, somente na edição brasileira da coletânea de cartas da autora *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*, publicada em 1995.

¹⁴ Os cidadãos brasileiros (inclusive Lota e também Elizabeth), desencorajados pela desvalorização da moeda, que valia apenas dez por cento do que valia em 1962 e pelo custo de vida, que tinha triplicado, estavam prontos para quase qualquer tipo de mudança.” (tradução nossa)

¹⁵ restaurar a ordem econômica, eliminar a corrupção do governo e afastar o Brasil do comunismo, mantendo uma democracia representativa.” (tradução nossa)

¹⁶ o tremendo abuso de poder que se seguiria, particularmente depois de 1968: os milhares de prisões sem o suporte de provas de culpa, os “desaparecimentos”, a perda dos direitos de qualquer um que expressasse uma opinião de oposição ao regime militar. E poucos no Brasil podiam prever que levariam vinte e cinco anos até que o Brasil tivesse um presidente eleito pelo povo. (tradução nossa)

dos editores da *Time-Life* (pode-se afirmar que esse trecho não é de autoria de Bishop uma vez que o mesmo não faz parte do conjunto dos manuscritos da autora para o livro *Brazil*):

The people of the United States of Brazil have long wanted a democracy. But many factors have prevented the country from achieving stable, democratic government. Democracy in the contemporary world demands, among other things, an educated and informed people. Up until now Brazil has not had one. Illiteracy, slow communications and a consequent lack of awareness among the people have made it possible for determined groups of men to control the affairs of the country without the general consent – or even the knowledge – of the Brazilian people as a whole. (BISHOP, 1962, p. 127) ¹⁷

Note-se que a justificativa doméstica para a necessidade de uma ditadura no Brasil difere daquela divulgada pela *Time-Life* nos Estados Unidos. A propaganda interna apelava para falsas promessas de solução dos problemas econômicos que o Brasil enfrentava, enquanto que a propaganda favorável ao regime militar divulgada nos Estados Unidos pela *Time-Life* apela para uma suposta inferioridade do povo brasileiro. Traz consigo uma releitura do discurso colonial, que considera que os povos dos países de economia dependente seriam inferiores, incapazes, infantis, precisando, portanto de condução (LOOMBA, 2005).

O Brasil tem sido um aliado político e comercial dos Estados Unidos desde o início do século XX, quando a manutenção de um “relacionamento especial” ou uma aliança de cooperação com os Estados Unidos se tornou uma das principais estratégias da política de relações exteriores do Brasil (HILTON, 1981, p. 600). Esse relacionamento, como se sabe, se estreitou ainda mais quando o Brasil colaborou ativamente com os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, fornecendo, com exclusividade, matérias-primas estratégicas para a indústria bélica norte-americana e enviando tropas para o combate na Europa; o Brasil foi o único país da América Latina a enviar tropas para lutar junto aos Aliados na Europa (HILTON, 1981). Além disso, o nordeste brasileiro apresentava uma localização estratégica para a implantação de bases militares norte-americanas. Por causa dessa cooperação, o Brasil esperava receber uma retribuição especial e ser incluído nos planos de investimentos para a recuperação do sistema econômico mundial no período do pós-guerra.

¹⁷ O povo dos Estados Unidos do Brasil há muito tem desejado uma democracia. Mas, muitos fatores têm impedido o país de conseguir um governo democrático estável. A democracia no mundo contemporâneo demanda, entre outras coisas, um povo escolarizado e informado. Até agora o Brasil não tem. O analfabetismo, a lentidão nas comunicações e a conseqüente falta de conscientização do povo têm possibilitado que determinados grupos de homens controlassem os assuntos do país sem o consentimento geral – ou até mesmo o conhecimento – do povo brasileiro como um todo. (tradução nossa)

Durante a primeira década da Guerra Fria, porém, o Brasil não logrou a obtenção de investimentos do porte mais substancial que esperava. A política externa norte-americana via a reconstrução da Europa e Ásia como prioridade, ficando o Brasil, junto com o restante da América Latina, fora dos planos mais urgentes. Essa atitude do governo norte-americano gerou um tremendo desgosto no governo brasileiro, ainda mais porque o Brasil foi tratado de forma a não obter nenhuma distinção em relação à Argentina, por exemplo, que permaneceu numa posição de neutralidade durante todo o período em que ocorreu a Segunda Guerra Mundial. Além disso, o investimento liberado para a Inglaterra e a França teria indiretamente ajudado as colônias francesas e inglesas na África, que eram competidoras diretas do Brasil no comércio internacional (HILTON, 1981).

Na Guerra da Coreia (1950-1953), mais uma vez, os Estados Unidos esperavam contar com o apoio da América Latina, sob a liderança do Brasil. Desta vez, porém, o governo brasileiro se mostrou mais cauteloso, negociando os termos de seu apoio. O governo Vargas, percebendo que os Estados Unidos apenas se voltavam para a América Latina em situações emergenciais, como a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coreia, procurou ganhar tempo em negociações com o objetivo de conseguir recursos dos Estados Unidos para dar impulso ao desenvolvimento industrial no Brasil, dando continuidade ao processo que se iniciara na Segunda Guerra Mundial com a construção da Siderúrgica de Volta Redonda. Por um lado os Estados Unidos insistiam em chamar a atenção do Brasil para uma suposta responsabilidade pela segurança continental ao se envolver na Guerra da Coreia (1950-1953), a fim de barrar o avanço comunista no mundo. Washington queria que o Brasil se envolvesse mais ativamente na Guerra Fria, apoiando os Estados Unidos na luta pela expulsão das forças comunistas, que disputavam com os Estados Unidos o controle da Coreia. Por outro lado, os negociadores brasileiros argumentavam que a melhor maneira de impedir a entrada das atividades comunistas na América Latina seria fomentar o desenvolvimento econômico e combater o atraso tecnológico através do incentivo ao processo de industrialização dos países latino-americanos, inclusive o Brasil. Assim, o governo brasileiro solicitava empréstimos aos Estados Unidos sob essa argumentação de que o fomento ao desenvolvimento industrial seria a medida preventiva mais efetiva contra a entrada do comunismo no Brasil. Por sua vez, os norte-americanos insistiam que o desenvolvimento da economia brasileira passava por uma melhor administração do dinheiro público e pela aprovação de leis que incentivassem a entrada do capital estrangeiro no Brasil, sob a forma de investimento privado. Esse investimento não seria

proveniente do estado norte-americano, como esperava o Brasil, mas da iniciativa privada, através das corporações multinacionais (HILTON, 1981).

Enfim, ao longo de toda a década de 50, em que se prolongou esse impasse, as relações do Brasil com os Estados Unidos foram se esfriando, na medida em que eram liberados recursos muito aquém das expectativas do governo brasileiro. Esses valores caíram ainda mais quando o governo de Getúlio Vargas tomou a iniciativa nacionalista de criar a Petrobrás, uma empresa estatal brasileira para explorar o petróleo brasileiro, contrariando a orientação dos Estados Unidos de incentivar a entrada do capital estrangeiro para desenvolver os recursos do Brasil (HILTON, 1981). O episódio da implantação da Petrobrás aparece no livro *Brazil*, apresentado sob uma perspectiva que visa atenuar a importância dessa atitude do governo brasileiro em defender os interesses internos, conforme será analisado mais adiante no presente trabalho.

Após a desilusão do governo brasileiro em relação ao “relacionamento especial” entre Brasil e Estados Unidos em meados da década de 50, os americanos negam empréstimos mais substanciais ao Brasil. Ao mesmo tempo, se impõe a doutrina de que o governo brasileiro deveria ser favorável à abertura do mercado interno para o capital estrangeiro como meio de estimular a industrialização e modernização do Brasil em curto período de tempo. Tal doutrina foi plenamente aceita pelo governo Kubitschek, embora esse crescimento, a qualquer custo, viesse a onerar a economia brasileira durante a vigência dos governos seguintes. Mesmo assim, e contraditoriamente, o governo Kubitschek ensaia a primeira iniciativa em termos de política exterior independente do Brasil com a criação da OPA (Operação Pan América), um conjunto de políticas de relações internacionais que visava à aproximação aos vizinhos latino-americanos para fazer frente às pressões do capital estrangeiro, bem como visava ao exercício da solidariedade e apoio mútuos. A OPA de Kubitschek não haveria de prosperar devido às pressões contrárias do Departamento de Estado norte-americano, que via nessa união, uma ameaça à sua hegemonia (HILTON, 1981).

Após a revolução cubana em 1959, os Estados Unidos voltam a direcionar seus esforços em manter o restante do continente latino-americano livre da ameaça comunista. O governo Kennedy, então, inaugurou em 1961 a “Aliança para o progresso”, um projeto que teria o objetivo de promover o desenvolvimento econômico através de colaboração financeira e técnica para os países latino-americanos. Na prática, esse projeto prestava uma ajuda de cunho mais assistencialista aos países da América Latina, distribuindo alimentos para comunidades carentes, aliviando os sintomas da miséria, sem, contudo, contribuir para a solução desses

problemas em longo prazo. De qualquer forma, a ajuda chega a algumas áreas mais pobres do Brasil, quando várias missões norte-americanas distribuem leite em pó e outros alimentos, em especial, no litoral brasileiro. Mas o que teria decepcionado ainda mais o corpo diplomático brasileiro seria o fato de que essa ajuda veio, não por causa do “relacionamento especial”, que se esperava, pois nenhuma distinção favorável foi concedida ao Brasil; ficou, então, clara a invalidade desse suposto relacionamento especial (HILTON, 1981). Ao contrário, o que teria motivado os Estados Unidos a prestar essa ajuda assistencialista aos países da América Latina, no entanto, teria sido o medo da ameaça comunista. O objetivo do governo Kennedy teria sido o de evitar que os outros países da América Latina seguissem o exemplo de Cuba (HILTON, 1981).

Apesar da ajuda assistencialista da “Aliança para o progresso” de Kennedy, a imagem dos Estados Unidos, que já estava desgastada na América Latina, passou a ficar desgastada também no Brasil, em meados dos anos 50 e início da década de 60. Nas palavras de Hilton (1981), para se ter uma ideia de quais eram as relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos no ano de publicação do livro *Brazil*, em 1962:

Nevertheless, it seems clear that the deteriorative impact of the first decade or so of the Cold War on American-Brazilian relations was decisive for the subsequent course of those relations. It was during that period, highlighted by the Korean crisis, that the theme of American neglect became a dominant ingredient in the thinking of the Brazilian foreign policy elite. By the end of that conflict, the conviction that Washington was not interested in a truly special relationship with Brazil, except in international emergencies when it suited American purpose, pervaded Brazilian policy making circles, generating increasing stronger doubts about the wisdom or even convenience of persisting in the effort to forge such a relationship. The subsequent reversal of Brazil's strategy toward the United States and Spanish America – of which the first major public manifestation was Kubitschek's OPA – was the consequence of that disillusionment.

Both postwar administrations, Democratic and Republican, bear responsibility for that shift. American policy makers gave priority to European and Asian issues and were inclined to pay attention to Latin American countries only insofar as they rocked the hemispheric boat or became targets of communist intrigue. There were no powerful bureaucratic or organizational interests lobbying on behalf of the special relationship with Brazil, and, rather than possibly incur further Spanish American animosity by decisively favoring the South American giant, administration spokesmen preferred to resist Brazil's pleas for massive and preferential treatment. By its reluctance to pursue imaginatively an effective key-country approach to relations with Latin America, Washington alienated Brazil, formerly an eager ally in the hemispheric matters. It also contributed powerfully to the long-range decline of American influence in the region by propelling Brazil along

the path of solidarity with its historical antagonists, the Spanish Americans. (HILTON, 1981, p. 624)¹⁸

A primeira edição de *Brazil*, publicada em 1962, se deu durante o governo de Jânio Quadros - João Goulart, cujas declarações políticas acenavam para a tentativa de rompimento com os interesses do capital estrangeiro. O Brasil desejava ficar mais independente dos Estados Unidos, do ponto de vista econômico e buscava se aproximar diplomaticamente, em solidariedade, dos outros países do Terceiro Mundo, visando o fortalecimento, que viria através da união desses países; essa nova prioridade da política externa brasileira, inaugurada por Kubitscheck e exacerbada durante o breve governo Quadros-Goulart, levou o corpo diplomático brasileiro a abandonar a estratégia do relacionamento especial com os Estados Unidos (HILTON, 1981).

Além da política externa do governo brasileiro não ter sido bem vista pelos investidores estrangeiros, já que implicava na perda de influência sobre as políticas de gerenciamento econômico vigente no Brasil, domesticamente, as políticas de Goulart se constituíam numa ameaça aos setores conservadores da sociedade, das elites brasileiras e do exército. Obviamente, as políticas de Goulart desagradavam às elites, pois estas se beneficiavam com o sistema produtivo vigente no Brasil, sistema esse que privilegiava a exportação de matéria-prima e a importação de manufaturados. Ainda mais, para o espanto dessas elites brasileiras e dos representantes do capital estrangeiro no Brasil, Goulart estava na China comunista negociando um novo pacto comercial para o Brasil, quando Jânio Quadros renunciou; atribuiu-se, então essa renúncia às pressões dos interesses internacionais contrários às políticas que seu

¹⁸ No entanto, parece claro que o impacto degenerativo de quase toda a primeira década da Guerra Fria nas relações Brasil - Estados Unidos foi decisivo para o curso dessas relações. Foi durante esse período, enfatizado pela crise da Coreia, que o tema da negligência americana se tornou um ingrediente dominante no pensamento da elite da política exterior brasileira. Ao final deste conflito, a convicção de que Washington não estava interessada num relacionamento especial verdadeiro com o Brasil, exceto em emergências internacionais quando servia aos seus propósitos, predominou nos círculos decisórios políticos brasileiros, gerando dúvidas cada vez mais fortes sobre a sabedoria ou mesmo a conveniência em insistir no esforço de fazer esse relacionamento acontecer. A reversão subsequente da estratégia do Brasil para com os Estados Unidos e a América Espanhola – cuja primeira manifestação pública foi a OPA de Kubitschek's – foi a consequência dessa desilusão.

Ambas as administrações no pós-guerra, tanto a democrática quanto a republicana, foram responsáveis por essa troca. Os políticos norte-americanos deram prioridade às questões européias e asiáticas e eram inclinados a prestar atenção aos países da América Latina apenas à medida que eles agitavam o barco hemisférico ou se tornavam alvo do interesse comunista. Não houve nenhum interesse burocrático ou organizacional para persuadir os grupos políticos em favor do relacionamento especial com o Brasil, até mesmo para evitar uma maior animosidade com os países da América Espanhola por favorecer o gigante sul-americano, os porta-vozes da administração preferiram resistir aos apelos do Brasil por um tratamento massivamente preferencial. Por causa de sua relutância em buscar uma abordagem que privilegiasse um país-chave nas relações com a América Latina, Washington perdeu o apoio do Brasil, antes um aliado fervoroso nas questões hemisféricas. Isso também contribuiu poderosamente para o declínio, a longo prazo, da influência norte-americana na região ao empurrar o Brasil para o caminho da solidariedade com seus antagonistas históricos, os ibero-americanos. (tradução nossa)

governo tentou implementar, no sentido de buscar um tipo de desenvolvimento da economia brasileira que fosse autônomo e independente dos interesses do capital estrangeiro (ALENCAR, 1996).

Quando ocorreu a renúncia de Quadros, Goulart não teve respaldo político suficiente para se manter no poder. A campanha chamada Rede da Legalidade iniciada pelo governador do estado do Rio Grande do Sul e também seu cunhado Leonel Brizola, defendia o cumprimento da constituição brasileira. Esta previa que o vice-presidente assumisse a administração do governo federal em caso de renúncia do presidente da república. Mesmo essa campanha pela posse de Goulart à presidência tendo conseguido o apoio dos governos de alguns estados brasileiros, como o estado de Goiás e do Paraná, bem como o apoio do congresso nacional, a pressão dos ministros militares conseguiu com que fosse tomada uma medida conciliatória: a implantação do regime parlamentarista no Brasil, a fim de diminuir os poderes do presidente no governo, sendo então João Goulart empossado neste sistema parlamentarista. Goulart tentou achar apoio político nos grupos de esquerda, que eram conhecidos por serem favoráveis às ideias comunistas, tais como sindicatos e organizações estudantis, além de ter tentado dar início ao processo de reforma agrária. Essas débeis iniciativas do governo Goulart continuavam desagradando tanto às elites brasileiras quanto aos investidores estrangeiros, que se aliaram na conspiração para a derrubada de seu governo, sob o pretexto de evitar uma “invasão comunista” no Brasil. Esse processo veio a culminar no Golpe Militar, que deu início a uma fase na política brasileira marcada por uma sangrenta perseguição aos políticos, artistas e intelectuais contrários ao novo regime.

Chomsky tem uma opinião bastante enfática a respeito da participação dos Estados Unidos nesse evento da História do Brasil:

[...] the overthrow of parliamentary democracy by Brazilian generals backed by the United States, which then praised the “economic miracle” produced by the neo-Nazi National Security State they established. In the months before the generals’ coup, Washington assured its traditional military allies of its support and provided them with aid, because the military was essential to “the strategy for restraining left-wing excesses” of the elected Goulard government, Ambassador Gordon cabled the State Department. The US actively supported the coup, preparing to intervene directly if its help was needed for what Gordon described as the “democratic rebellion” of the generals. (CHOMSKY, 1992, p. 228-9)¹⁹

¹⁹ [...] a derrubada da democracia parlamentar pelos generais brasileiros apoiados pelos Estados Unidos, que exaltavam então o “milagre econômico” produzido pelo estado de segurança nacional neonazista que eles estabeleceram. Nos meses antes do Golpe dos generais, Washington assegurou seu apoio a seus aliados militares tradicionais e lhes forneceu auxílio porque a milícia era essencial para “a estratégia de restringir os excessos esquerdistas” do governo eleito de Goulart, conforme o embaixador [dos Estados Unidos no Brasil] [Lincoln]

Esse pano de fundo da política, não só brasileira, mas de todo o mundo, haveria de encontrar um eco nos manuscritos de Bishop e nas alterações que tais documentos sofreram em sua edição publicada, em 1962, período em que as peças do jogo político no Brasil e nos Estados Unidos já estavam tomando suas devidas posições em preparação para o evento que viria a acontecer em 1964, ano em que ocorreu o Golpe Militar. Tais alterações refletiram a ideologia norte-americana favorável às ditaduras militares na América Latina, nos anos 60. Defendia-se, portanto, que os povos latino-americanos, de um modo geral, não possuíam as qualidades, em termos de “civilização”, que os habilitassem para viver em democracia. Por isso, acreditava-se, o povo precisaria de ditadores militares para manter “a casa em ordem”. Note-se aqui uma releitura imperialista do discurso colonial europeu a respeito dos povos colonizados, conforme será discutido mais adiante no presente trabalho.

Afinal, convém recordar que a Editora de livros *Time-Life* (1961) fez parte do grupo *Time Inc.* (1922), que também publicava as revistas *Time* (1923), *Fortune* (1930) e *Life* (1936). Essas três publicações reproduziam massivamente a ideologia americana, em especial, durante o período da Guerra Fria, quando da publicação da primeira edição do livro *Brazil*, em 1962.

Constata-se, assim, em quase todos os números da revista *Life* publicados em 1961 e 1962, os anos de escrita e publicação de *Brazil*, que há, pelo menos, um artigo a respeito da “ameaça comunista”. A ideologia da revista insistia massiva e detalhadamente, no aspecto “maligno” e “perverso” do comunismo, exaltando o modo de vida americano, em contraste. Os artigos também reforçavam, perante a opinião pública norte-americana, a necessidade de que o governo dos Estados Unidos tomasse atitudes cada vez mais “duras” no combate ao avanço do comunismo em todo o mundo.²⁰ Há um número da revista, em especial, em que Fidel Castro aparece na capa com uma expressão no rosto ameaçadora. Na manchete da revista está escrito: “The crisis in our hemisphere – Exclusive photo report shows how Castro and the Communists are working to seize Latin America” (CRISIS, 1961)²¹.

Gordon comunicou ao Departamento de Estado [norte-americano]. Os Estados Unidos apoiaram ativamente o Golpe, se preparando para intervir diretamente, se fosse necessário, para o que Gordon descreveu como uma “rebelião democrática” dos generais. (tradução nossa)

²⁰ Todos os números da revista *Life*, nos anos 1960, estão disponíveis digitalizados no *website* Google Books e podem ser acessados através do endereço:
http://books.google.com/books?id=R1cEAAAAMBAJ&source=gbs_navlinks_s#all_issues_anchor

²¹ A crise no nosso hemisfério – Foto-reportagem exclusiva mostra como Castro e os comunistas estão trabalhando para dominar a América Latina. (tradução nossa)

Nesse contexto de disseminação da propaganda norte-americana sobre a América Latina, num tom mais sutil, no entanto, a coleção *Life World Library*, da qual o livro *Brazil* faz parte, tencionaria convencer a opinião pública norte-americana da importância de conhecer e influenciar todos os países do mundo, se possível. No caso de um país de importância estratégica dentro da América Latina para os Estados Unidos, no período da Guerra Fria, como o Brasil, talvez interessasse tornar esse país mais conhecido e simpático aos olhos do público norte-americano, caso houvesse a necessidade de que a opinião pública norte-americana apoiasse alguma medida político-militar que o governo norte-americano decidisse adotar em relação ao Brasil. De fato, não houve necessidade de intervenção direta dos Estados Unidos, já que o corpo militar brasileiro agiu de acordo com as expectativas do estado norte-americano.

Além das mudanças que ocorreram entre os manuscritos de Bishop e a primeira edição de *Brazil*, publicada em 1962, houve modificações ainda mais dramáticas para o texto nas edições subsequentes, que ocorreram até 1970. Bishop recusou-se a revisar as reedições de *Brazil*, apesar de seu nome ainda constar como autora dos textos dessas re-edições (FERREIRA, 2008). Além dessa primeira edição do livro *Brazil*, publicada em 1962, a pesquisa do presente trabalho também teve acesso a uma das reedições do livro, a que foi publicada em 1967; a que ocorreu, portanto, depois do evento do Golpe Militar. Esta reedição contém alterações significativas, que não são de responsabilidade de Elizabeth Bishop e que, no conjunto, se constituem em um discurso que visa a justificar abertamente a necessidade do processo político que culminou com a perda da democracia brasileira.

3. A AUTORIA NO LIVRO *BRAZIL*

3.1 A MORTE DO AUTOR

O período que compreende o final do século XVIII e boa parte do século XIX, conhecido como Romantismo no campo dos estudos literários, é considerado a época do apogeu do *status* do autor no centro das discussões teóricas e análises das obras literárias. Provavelmente, em consonância com a valorização do individualismo, traço característico desse movimento artístico e filosófico, o autor teria sido considerado então a base sobre a qual ficariam estruturadas as obras literárias; os dados biográficos do autor seriam um dos principais parâmetros para análises e discussões em torno das obras (BENNETT, 2005). É contra esse autor, até então considerado autônomo, no controle das significações e interpretações do texto, que Barthes se posiciona em seu artigo “A morte do autor” (1967), e também Foucault em “O que é um autor?” (1969). Ambos esses artigos foram publicados nos anos 1960s, dentro do contexto do movimento literário conhecido como *nouvelle critique*, que surgiu na França, naquela década (CEIA 2005). Os referidos textos trazem algumas ideias que revolucionariam os conceitos de autoria e textualidade.

A nova tendência trazida por esses e outros autores que fizeram parte do referido movimento literário francês se caracterizou pela tentativa de analisar os textos sob a perspectiva dos princípios do estruturalismo, inaugurado dentro do campo da lingüística por Ferdinand Saussure durante seus cursos ministrados em Genebra, nos períodos entre 1906 e 1911; esses conceitos foram recuperados através das anotações de seus alunos para a publicação de *Curso de Lingüística Geral*, em 1916 (CEIA, 2005). Alguns dos princípios da lingüística inaugurados por Saussure seriam assimilados pela área dos estudos literários no contexto do movimento estruturalista, que influenciou diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, a produção textual deixaria de ser analisada sob uma perspectiva que privilegiasse o indivíduo e seu contexto histórico, forma de análise que estava então integrada no campo da teoria literária (CEIA, 2005). Os textos deveriam passar a ser analisados sob o ponto de vista de uma abordagem imanente, ou seja, partindo-se do princípio de que um texto seria formado por elementos constituintes que compõem uma determinada estrutura interna e que o estudo da morfologia dessa estrutura interna do texto forneceria todos os subsídios para a compreensão do mesmo, sem a interferência de elementos externos ao texto, como a vida do autor e o contexto histórico em que fora escrito. A questão da “morte” do autor, ou da descentralização

da figura do autor nas análises literárias passa pela desestabilização da centralidade do conceito de subjetividade, cujos valores tornaram-se relativos ou insuficientes sob a perspectiva de várias desconstruções do final do século XIX, em especial, com a colaboração das ideias de Freud, de Marx e de Nietzsche. Desse modo, a “subjetividade tornou-se sinônimo de “impoder” pela transgressão desindividualizada.” (CABRAL, 2005, p.1).

Apesar do radicalismo da análise imanente do texto ter sido superado pela perspectiva pós-estruturalista de análise textual, inaugurada por Derrida, em 1967(CEIA, 2005), no que diz respeito à questão da subjetividade, permaneceu a tendência a uma desestruturação e fragmentação da visão do sujeito. A ideia de subjetividade continuaria seu processo de reformulação, em que o indivíduo seria percebido não como um ser uno, livre, dono de sua identidade, de sua individualidade, mas como um ser múltiplo, fragmentado, fruto da polifonia cultural em que estaria inserido. O sujeito, portanto, não poderia ser a única fonte de qualquer ideia ou texto; isto porque tais ideias seriam, em grande parte, concebidas no contexto da interação do sujeito com as circunstâncias culturais e históricas na qual se inserisse. Assim, sua aquisição de conhecimento se daria dentro de um contexto de regras e códigos, que regularia todas as áreas do saber (LOOMBA, 2005). O texto seria então o espaço em que se expressariam todas as vozes, que contribuiriam para a formação do sujeito “autor”. Nas palavras de Barthes (2004), o texto seria “um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saldas dos mil focos da cultura” (BARTHES, 2004, p. 4). Essa hipótese implica em que os textos poderiam somente ser compreendidos dentro do contexto em que se originassem. De modo que os textos não seriam resultado apenas do esforço criativo do sujeito autor, mas, também resultado de determinadas condições em que nasceu: “When and where a text is written, the language in which it is inscribed, the traditions and debates within it intervenes all come together to create a textual fabric. What a text can say is as determined by these factors as what it cannot say.” (LOOMBA, 2005, p.36) ²².

Devido a esse *status* do autor nos estudos literários, de orientação estritamente estruturalista, alguns estudiosos tenderam a certo extremismo no afã de “matar” o autor, ao desconsiderá-lo totalmente de suas análises. Chegou-se, em alguns casos, a ignorar a figura do autor e a se desconsiderar aspectos de sua vida que, certamente, teriam relevância em determinados tipos de análise textual (BENNETT, 2005). Aliás, é notável o fato de que,

²² Quando e onde um texto é escrito, a língua em que é escrito, as tradições e debates nos quais ele intervém, tudo isso em conjunto cria um tecido textual. O que o texto pode dizer é determinado por esses fatores, bem como o que não pode dizer. (tradução nossa)

paradoxalmente à concepção da “morte do autor” nos estudos literários da modernidade, tem-se percebido o aumento do interesse do público leitor por biografias e a presença bastante expressiva da memória literária, da exposição de si mesmo, dos segredos do autor. Não apenas esse interesse transparece em relação à chamada poesia confessional, mas, de uma forma geral, em relação à produção literária do século XX (BENNETT, 2005).

3.2 O RETORNO DO AUTOR

Levando em consideração a relevância da descentralização do autor nas análises dos estudos literários, mas evitando extremismos de desconsiderá-lo a todo o custo, muitas disciplinas, dentro do campo dos estudos literários da contemporaneidade, têm trazido o autor de volta às discussões literárias, como é o caso da Crítica Genética. Nessa visão conciliadora, Colapietro (2003) também considera que as discussões sobre autoria passam pelo conceito da subjetividade quando discute a questão de qual seria a matriz geradora dos textos ou qual seria a fonte impulsionadora da criatividade de um autor. Para ele, em consequência do advento da descentralização do sujeito, o local da criatividade seria pluralizado e contextualizado historicamente. Seriam conceitos tomados dentro de uma perspectiva plural, não específica. Logo, não faz sentido localizar a fonte da criatividade no sujeito, uma vez que esse sujeito estaria situado no espaço, no tempo, na história; por isso, a sua consciência, engenhosidade e criatividade sofrem múltiplas influências culturais e históricas. Esse conceito elaborado por Colapietro não implica, no entanto, em um possível determinismo cultural nem histórico, mas sugere que a criatividade seja concebida como algo além de um dom natural e individual. Essa nova compreensão do processo criativo não eliminaria a eficácia do trabalho dos artistas criativos, uma vez que descentralizar o sujeito não significaria negar a sua criatividade. Para Colapietro, portanto, multiplicar os locais da criatividade não significaria subtrair a criatividade da subjetividade. Por consequência dessa visão descentralizada do sujeito, Colapietro também defende a relevância da contextualização histórica no processo de compreensão e análise textuais quando supõe que a consideração dos antecedentes históricos e as influências que contribuíram para a criação textual podem e, realmente devem ter um papel crucial para a compreensão do sujeito, uma vez que este estaria situado e envolvido num emaranhado de práticas históricas que se sobrepõem (COLAPIETRO, 2003).

É dentro dessa abordagem, que relativiza a ideia da subjetividade centralizada, sem, no entanto, desconsiderar a importância dessa mesma subjetividade, que a Crítica Genética se

coloca no que diz respeito às discussões concernentes às questões de autoria. Celebra o retorno ou a “ressurreição” da figura do autor dentro de suas análises textuais, já que privilegia o processo cognitivo-emotivo do qual o autor é sujeito, que resultará em uma produção textual. A Crítica Genética se ocupa, exatamente, do estudo desse processo criativo, que estaria por trás da produção das obras de arte.

3.3 A AUTORIA COLABORATIVA E AS FUNÇÕES DO AUTOR

Assim como a Crítica Genética, o campo dos estudos de Atribuição Autoral tem se beneficiado com a volta da figura do autor no centro das discussões da crítica literária na contemporaneidade. É uma área de estudos bastante antiga dentro da tradição ocidental (BRANDÃO, 2006), e, para se ter uma ideia da antiguidade desse campo de estudos, seus princípios já eram utilizados pela filologia medieval para determinar a autoria de textos religiosos com o objetivo de verificar a autoridade de tais textos (BRANDÃO, 2006). Na contemporaneidade, os estudos de Atribuição Autoral tomam nova relevância no sentido de que buscam privilegiar a questão da subjetividade (LOVE, 2002), cuja complexidade tem sido um dos principais pontos de discussão dentro dos estudos literários.

Os estudos de Atribuição Autoral têm por principal finalidade a distinção e identificação dos agentes individuais envolvidos na criação textual em obras nas quais a questão da autoria esteja em disputa. As pesquisas nesse campo de estudos partem do princípio de que os escritores teriam um estilo individual, distinto, que seria expreso, não apenas no nível consciente, através do trabalho de dar forma, ou ordem ao texto, mas também no nível inconsciente, através de maneirismos verbais, com frequência, usados inadvertidamente (LOVE, 2002). Considere-se, também, que esses traços conscientes e inconscientes, presentes no processo de criação, aparecem de forma ainda mais evidente nos manuscritos do(s) autor (es), fato de interesse da Crítica Genética. Conseqüentemente, os estudos de Atribuição Autoral propõem que é possível confirmar ou negar uma autoria de texto em que ela é questionada através do reconhecimento das marcas autorais conscientes e inconscientes de cada escritor. Para tanto, é necessário que se tenha acesso a amostras da escrita do autor em questão para que possam ser identificadas suas assinaturas autorais específicas (BENNET, 2005). Mas, foram as investigações relativas às questões da *colaboração autoral* e às *funções da autoria*, dentro do universo das discussões teóricas desenvolvidas nesse campo de estudos, no entanto, que se mostraram relevantemente produtivas para as análises desenvolvidas no presente trabalho.

Love postula que a autoria seja um conjunto de práticas, técnicas e funções, que têm variado, consideravelmente, ao longo dos séculos. Trata-se de uma série de atividades correlacionadas, raramente executadas por uma só pessoa, mas que seria, na maioria das vezes, realizada por várias pessoas em colaboração (LOVE, 2002). Aliás, a prática da autoria colaborativa teria sido muito comum, e talvez mesmo a regra e não a exceção, na produção literária (LOVE, 2002), ainda que esse fato não esteja formalmente reconhecido. Colapietro (2003) defende que a subjetividade supostamente consciente, intencional e inventiva de artistas individuais, em sua aparente solidão, precisa ser investigada, não apenas explicada superficialmente. Harold Love (2002) também desconfia da visão de que o autor seria um gênio solitário, trancado em seu escritório, isolado, criando inspiradamente suas próprias obras. Ele considera que o trabalho de autoria colaborativa é comum e que, por ficar na penumbra tantas vezes, se constitui em um foco central das atividades dos estudos de Atribuição Autoral.

Essa tentativa de esconder o fato tão comum da colaboração na autoria demonstra a reputação negativa que teria tal tipo de autoria junto à crítica literária. Bennet (2005) afirma que a autoria colaborativa tem assumido, muitas vezes, uma conotação de escândalo para os críticos; seria vista como um segredo “sujo” da literatura, uma imoralidade da escrita. Assim, por causa dessa visão negativa com que a colaboração literária parece ter sido abordada pela crítica, a frequência e a abrangência com que esta tem ocorrido seriam geralmente diminuídas ou mesmo negadas, mesmo no cânone da literatura. A esse respeito, argumenta Bennet (2005), que embora a crítica literária mais recente tenha abordado o trabalho de autoria colaborativa não mais como uma forma marginal de produção, já que se descobriu ter sido um fato muito freqüente ao longo da história literária, mesmo assim, não ficou de todo abalado o senso da autoria como individual e solitário.

Assim como Love (2002), Bennet (2005) também considera alguns procedimentos de composição como colaborativos, a saber: autores que contam com os editores para corrigir seus erros de digitação e de gramática; autores que podem usar cartas de amigos e amantes, transformando-os em texto poético, dentre outros. Mesmo assim, apesar do reconhecimento da evidente polifonia trazida por semelhantes procedimentos ao processo de criação literária, permanece a noção alimentada pelo senso comum e, até mesmo pela crítica, de que o texto se origina de um autor individual. Bennet argumenta, ainda, que nos textos reconhecidamente fruto de autoria colaborativa e que são alvo de ataques dos críticos, muito esforço se despende em estabelecer a origem das partes individuais do trabalho. Aliás, mesmo reconhecendo como legítimo o trabalho de autoria colaborativa, o campo dos estudos de Atribuição Autoral, por

princípio, valoriza a individualidade da autoria, já que seu objetivo principal seria o de distinguir os agentes individuais que teriam participado da criação de uma obra (BENNET, 2005).

Percebe-se, ainda, que a visão do trabalho autoral dentro dos estudos de Atribuição de Autoria se aproxima da concepção de criação como labor processual da Crítica Genética, quando ambas desmistificam a imagem da criação como fruto apenas da inspiração do autor e questionam a noção de que esse mesmo autor seja a única e essencial fonte do texto criado. Ao contrário, o texto seria o resultado de um processo complexo de adaptação e transformação (LOVE, 2002).

Considera-se como colaboração, no campo de estudos de Atribuição Autoral, desde a intervenção editorial até a censura jurídica ou comercial, de apropriação de cartas privadas de outros, até plágio, ou qualquer ajuda inespecífica até se chegar à edição (BENNET, 2005). Love (2002) considera que o processo autoral engloba as várias etapas anteriores e posteriores ao ato da escrita, tais como: a aquisição da linguagem usada pelo artista, sua formação escolar, suas experiências, conversas, leituras de outros autores; tudo o que vier depois do ato inicial da escritura, quando o trabalho passa pelo crivo de amigos e consultores, recebe segundas ideias e opiniões, até ser editado para a impressão (LOVE, 2002). É curioso notar que essa visão ampla do processo autoral também encontra eco dentro da Crítica Genética, uma vez que as interferências anteriores e posteriores ao ato da escrita são reconhecidas como momentos da criação nos estudos genéticos (SALLES, 1992).

Além dessa noção bastante ampla de contribuição autoral, que inclui tudo o que precede e vem depois da escrita do autor, Love postula também que estariam em ação, dentro do processo de autoria, quatro funções fundamentais, que podem ser exercidas por apenas um indivíduo, mas que, na maioria das vezes, são realizadas por pessoas diferentes. Essas funções da autoria seriam: autoria *precursora*, autoria *executiva*, autoria *declarativa* e autoria *revisional* (LOVE, 2002).

A autoria *precursora* se refere aos textos que serviram de fonte ou influência para um texto posterior. Essa categoria inclui a incorporação dos argumentos de outros, incluindo narrativas, cenas, frases ou palavras de outros, que são trazidos para um determinado texto. Também se refere àquele que concebeu as linhas gerais do texto, o assunto, o tom do texto. A autoria *executiva* é exercida por aquele que formata as tramas, ordena o texto, se encarrega da expressão verbal propriamente dita; escreve, organiza, ordenando o texto até que seja

considerado pronto para publicação, ou para ser revisado (LOVE, 2002). No entanto, a mais relevante para este trabalho seria a função declarativa da autoria. É aquela exercida pela pessoa que vai validar um trabalho publicamente, tendo participado ou não das funções precursora ou executiva na produção da obra (LOVE, 2002). Esse conceito de autoria também se aplica às celebridades que contratam os serviços de um *ghostwriter* na produção de suas biografias. Love acrescenta que a autoria declarativa também representa uma espécie de patrocínio, já que o autor declarativo empresta o prestígio de seu nome a textos formulados por autores executivos, que ainda não seriam reconhecidos dentro de um determinado campo literário ou científico. Ele dá o exemplo de textos científicos de autoria múltipla em que o cientista que coordena o trabalho, ou aquele que seja mais reconhecido em um determinado campo científico empresta seu nome para assegurar sua publicação em um periódico de prestígio (LOVE, 2002).

Mas o papel exercido pelo autor dentro da esfera da função declarativa da autoria postulada por Love, que mais interessaria a este trabalho, é aquele em que o autor aceita as responsabilidades e os benefícios decorridos de reconhecer publicamente a autoria de uma determinada obra. Aliás, é exatamente através deste aspecto da função declarativa da autoria que alguém pode se declarar um autor e que uma obra pode ser classificada dentro da “*função de autor*”- refere-se aqui à nomenclatura estabelecida por Foucault (1992, p.56).

Para Foucault, o *nome* de um autor teria a função de classificar os textos dentro do universo do discurso. Ele defende que o conceito de gênero seria um fator aglutinador secundário para a classificação das obras literárias. Para ele, a unidade fundamental sob a qual os discursos devem ser classificados remeteria à unidade “*nome do autor*” (FOUCAULT, 1992, p.33). Percebe-se aqui que o autor não seria uma entidade física, mas um nome, uma entidade simbólica. Para compreender melhor o ponto de vista de Foucault em relação ao atributo classificativo que o nome do autor exerce na organização da história das ideias:

Um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, seleccioná-los, opô-los a outros textos. Além disso, o nome do autor faz com que os textos se relacionem entre si... o fato de vários textos terem sido agrupados sob o mesmo nome indica que se estabeleceu entre eles uma relação de homogeneidade, de filiação, de mútua autentificação, de explicação recíproca ou de utilização concomitante. Em suma, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o facto de se poder dizer “isto foi escrito por fulano”, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber certo estatuto. (FOUCAULT, 1992, p.45).

Percebe-se, nas palavras de Foucault, que o *nome* autor seria um símbolo sob o qual se agrupa um conjunto de textos que, em primeiro lugar, devem possuir uma coerência discursiva entre si e formar um grupo homogêneo, no sentido de não se contradizerem entre si, nem no conteúdo discursivo, nem no estilo; e que, em segundo lugar, ocupam um determinado espaço dentro da cultura, têm um determinado *status* na sociedade e na história da literatura.

Além de defender a função classificatória da autoria, no sentido de que o nome de um autor fornece coerência e homogeneidade a um grupo de textos, Foucault aponta para a existência de um tipo especial de autor. Seria o que exerce as funções autorais, não apenas sobre os seus próprios textos, mas também sobre os textos de outros autores, formando assim, grupos discursivos. Esses grupos, por sua vez, estariam classificados sob o nome do autor fundador do discurso. De acordo com tal perspectiva, o autor que está no topo do grupo também seria co-autor ou autor em colaboração com outros autores do grupo. Esse tipo de autoria matriz estaria em consonância com o que Love chama de autoria precursora assim classificada dentro da nomenclatura teórica dos estudos de Atribuição Autoral formulada por Love (2002).

Seria possível, sob esse ponto de vista, considerar que Freud, para citar o exemplo dado por Foucault, seria um autor em colaboração com Jung, dos trabalhos deste; ou mesmo um autor considerado colaborador dos trabalhos de quase todos os autores que têm escrito sobre o tema da psicanálise. Foucault chama esse tipo especial de autores, que encabeçam grupos de outros autores, de “fundadores da discursividade”; cita, nessa categoria, o exemplo de Marx e de Freud. Seu argumento:

Estes autores têm isto em particular: não são apenas os autores de suas obras, dos seus livros. Produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos. Neste sentido, eles são muito diferentes, por exemplo, de um autor de romances, que nunca é, no fundo, senão o autor do seu próprio texto. Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou do *Mot d'Esprit*; Marx não é simplesmente o autor do *Manifesto* ou de *O Capital*: eles estabeleceram uma possibilidade indefinida de discursos. (FOUCAULT, 1992, p. 58).

Pode-se afirmar, portanto, que o autor “fundador de discursividade”, de certa forma, emprestaria seu nome de autor (sua reputação, seu *status*, seu lugar na história e na sociedade); ou seja, exerce uma função precursora e declarativa para um grupo de textos maior, textos que, no entanto, seriam escritos por outros, seus autores executivos, para citar a nomenclatura de Love (2002).

Também relevante para as discussões do presente trabalho é a noção da função revisional postulada por Love (2002). A função *revisional* da autoria seria aquela praticada por editores, classificados na categoria de “autor revisor”. Seu trabalho seria o de “polir” um texto preparando-o para a publicação. Love considera esta uma etapa legítima do processo de produção textual, cujas intervenções anônimas seriam bem acolhidas pelos autores, falando de uma maneira geral. (LOVE, 2002, p. 47).

3.4 A COLABORAÇÃO AUTORAL NO LIVRO *BRAZIL*

O livro *Brazil*, definitivamente, é fruto de um trabalho de autoria colaborativa. Seus autores são Elizabeth Bishop e os editores da *Time-Life*, conforme está reconhecido na folha de rosto do livro:

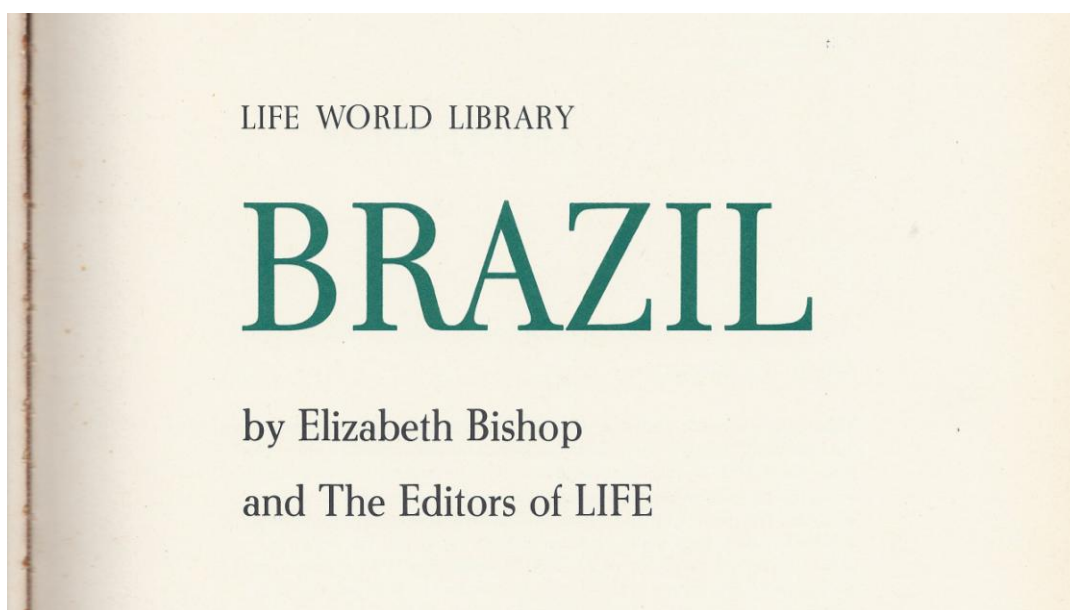


Figura 1 – Folha de Rosto do livro *Brazil*, 1962.

No entanto, essa autoria colaborativa identificada na folha de rosto de *Brazil* se refere ao livro como um todo, ou seja, o conjunto que inclui texto verbal em adição ao texto imagético constituído pelas fotografias que constam da obra. No que diz respeito exclusivamente ao texto verbal, não é reconhecida a natureza colaborativa dessa autoria em *Brazil*, uma vez que consta do verso da folha de rosto do livro, que apenas Elizabeth Bishop seria a autora do texto verbal, aqui chamado de texto interpretativo, conforme pode-se constatar neste trecho da página que contém os créditos do livro *Brazil*:

ABOUT THE WRITER

Elizabeth Bishop, the author of the interpretive text for this volume of the LIFE World Library, is an American poet who has made her home in Brazil since 1952. Widely acquainted in diplomatic, journalistic and artistic circles, she has traveled throughout the country, voyaging to the desolate Mato Grosso jungles and far up to the Amazon. Born and brought up in New England, Miss Bishop graduated from Vassar and has been publishing verse and prose for more than 25 years. Her two volumes of poetry, *North and South* and *A Cold Spring*, in conjunction with work in U.S. magazines, won her the Pulitzer Prize in 1956. (BISHOP, 1962, p.4)²³

Fica claro, portanto, que o texto verbal publicado no livro *Brazil* é erroneamente atribuído somente a Bishop, uma vez que a autora afirmou inúmeras vezes em cartas a amigos, conforme discutido no capítulo primeiro deste trabalho, bem como publicamente, em entrevista dada a George Starbuck em 1977 (STARBUCK, 1997, p. 82), que os editores da *Time-Life* modificaram muito o seu texto: “*I can't remember too much of that book; rather, I choose not to. It was edited by Time-Life Books and they changed a lot of it...*”²⁴ (BISHOP apud STARBUCK, 1977, p.82). Mesmo assim, apesar dos protestos de Bishop, seu nome figura publicamente como única autora do texto verbal do livro *Brazil*.

Os nomes dos editores do livro *Brazil* aparecem na seção de créditos do livro:

Editorial staff for “Brazil”	
<i>Editor, LIFE World Library</i>	OLIVER E. ALLEN
<i>Assistant to the Editor</i>	JAY BRENNAN
<i>Designer</i>	BEN SCHULTZ
<i>Chief Researcher</i>	GRACE BRYNOLSON
<i>Researchers</i>	REBECCA CHAITIN, IRENE ERTUGRUL, RUTH GALAID, NANCY JONES, HELEN TURVEY, LINDA WOLFE

Figura 2 – Trecho da lista de créditos do livro *Brazil*, 1962.

²³ SOBRE A ESCRITORA

Elizabeth Bishop, redatora do texto deste volume da *Life World Library* é uma poetisa americana que fez do Brasil seu lar desde 1952. Amplamente conhecida nos círculos diplomáticos, jornalísticos e artísticos, viajou pelo país, lançando-se em viagens desde as matas inóspitas do Mato Grosso até a Amazônia. Nascida e criada na Nova Inglaterra, a Srta. Bishop se graduou pela Universidade de Vassar e publica textos poéticos e em prosa há mais de 25 anos. Seus dois volumes de poesia, *North & South* e *A Cold Spring*, em conjunto com outros trabalhos publicados em revistas americanas, valeram-lhe o Prêmio *Pulitzer* em 1956. (BISHOP, 1962, p. 4) (tradução nossa).

²⁴ Não consigo lembrar muito desse livro; ao contrário, prefiro não lembrar. Foi editado pela *Time-Life Books* e eles o mudaram muito... (tradução nossa)

No trecho acima está a lista das pessoas que teriam participado do processo de revisão editorial do texto do livro *Brazil*. Fica identificado, no entanto, o editor-chefe da *Time-Life*, Oliver E. Allen, com quem Bishop trocou correspondência a respeito da obra, e que seria a figura hierarquicamente dominante daquele grupo de editores. Poder-se-ia afirmar, portanto, que Allen provavelmente teria exercido o poder de decidir e selecionar as alterações textuais feitas pelo restante do grupo, ou por ele próprio, a serem incluídas na versão publicada do livro.

Além de Bishop e do grupo liderado por Oliver E. Allen, há também um terceiro elemento envolvido nesse trabalho de autoria colaborativa, um jornalista amigo de Bishop, que teria colaborado com ela na escrita de *Brazil*, conforme ela menciona em carta a Robert Lowell:

Disciplina “- meu deus – é o que mais me falta. No livro sobre o Brasil, os trechos longos e chatos fui eu mesma que escrevi, pelo menos em parte, e depois pedi a um jornalista amigo meu para me ajudar, no fim, no que diz respeito à política mais recente etc. – Depois retomei e dei uma melhorada, ou pelo menos tentei, e aí a *Life* reescreveu tudo e, como diz a Lota, massacrou o texto.” (BISHOP, 1995, p.722)²⁵

Vê-se aqui Bishop elencando os dois elementos que, além dela própria, colaboraram no processo de autoria do texto publicado de *Brazil*. O primeiro colaborador, o amigo jornalista citado pela autora, seria um elemento que Bishop teria considerado bem-vindo, já que sua interferência no texto aconteceu a convite dela. Infelizmente a presente pesquisa não teve acesso ao nome desse jornalista. Já a colaboração dos editores da *Time-Life* foi recebida como uma intrusão.

Uma vez devidamente identificados todos os “autores do livro *Brazil*, parte-se para o foco principal deste trabalho, que é o papel de Elizabeth Bishop no processo de autoria em questão. Aplicando-se os princípios teóricos acima explicitados, tenta-se compreender melhor as razões mais profundas do desgosto de Bishop em relação a esse trabalho de autoria colaborativa realizado em *Brazil*.

No que se refere ao *nome* de autor, este é o símbolo sob o qual se agrupa um conjunto de textos, que compartilhariam uma coerência discursiva e ocupariam um determinado lugar dentro da cultura. Esses textos, por sua vez, assumiriam um determinado *status* na sociedade e na história da literatura, conforme as noções a respeito da autoria defendidas por Foucault; tais

²⁵ Trecho de carta de Elizabeth Bishop publicada em português, somente na edição brasileira da coletânea de cartas da autora *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*, publicada em 1995.

funções são citadas dentro do contexto da função declarativa da autoria demonstrada anteriormente.

No que diz respeito à Elizabeth Bishop, pode-se afirmar que tinha consciência do peso da responsabilidade que advém da função declarativa da autoria. Ela trabalhou durante toda a sua carreira literária para produzir uma poesia que estivesse mais próxima possível do que considerava aceitável; ela exercia uma autocrítica implacável sobre seus trabalhos; visava muito mais a qualidade do que a quantidade dos poemas produzidos, por isso, foram poucos os seus poemas que ela teria considerado bons o bastante para a publicação. De certa forma, ela sabia que, uma vez publicados, aqueles poemas fariam parte definitivamente de seu legado, estariam *para sempre* associados ao seu nome; além disso, tais poemas levariam seu nome a ocupar um determinado lugar dentro da história da literatura inglesa. Seu arrependimento em aceitar o projeto de escrever o livro *Brazil* por causa da compensação financeira que esse trabalho lhe traria provavelmente se devia ao fato de que ele “sujaria sua bibliografia”. Ou seja, talvez Bishop receasse que o conjunto de sua obra perdesse a homogeneidade, a coerência, o *valor*, por associação a uma obra jornalística como o livro *Brazil*. Esta era considerada por Bishop como menor, sem valor artístico, conforme explica Regina Przybycien:

Ela, que passava, às vezes, mais de dez anos burilando um poema, até encontrar o tom exato, a palavra adequada, não admitia escrever um livro superficial sobre o Brasil. Isso configuraria uma traição ao seu próprio rigor poético. É provável que também receasse ser julgada mercenária pelo público que admirava sua poesia ou, pior, que ele concluísse que seu talento poético se esgotara (um pesadelo que a perseguia durante toda a vida) e, por causa disso, aceitara escrever literatura “menor”. (PRZYBYCIEN, 1993, p.71-72)

Przybycien defende, conforme fica claro neste trecho de sua tese de doutorado, que Bishop estaria preocupada com a sua *imagem pública*, com o nome de autor que teria construído *publicamente* ao longo de sua carreira literária. Sua aversão ao livro *Brazil*, portanto, diz respeito ao aspecto da autoria ativado pela função declarativa de autor.

Além disso, também teria incomodado a Bishop ver seu nome associado a *Time-Life* no que diz respeito ao papel que esta representaria como autora “fundadora de discursividade” (FOUCAULT, 1992, p.58). No que concerne à editora, a *Time Inc* foi fundada em 1922 e lançou as revistas *Time*, *Fortune* e *Life*, dentre muitas outras publicações. Atualmente, a *Time Inc.* integra o grupo *Time Warner* e é a maior editora de revistas dos Estados Unidos e uma das maiores do mundo. A editora *Time-Life* seria a divisão de livros da *Time Inc.*, que iniciou suas operações em 1961. Foi a editora que publicou a série *World Library*, da qual o livro *Brazil* fez

parte (FERREIRA, 2008, p. 29). O período de consolidação da *Time Inc.* como uma corporação poderosa coincidiu com o período da vigência do *New Deal*, a estratégia de recuperação da economia norte-americana depois da Grande Depressão de 1929. Esse conjunto de medidas implantadas pelo Estado norte-americano resultou na universalização do consumo, fruto do pacto social em que as corporações capitalistas repassavam parte dos lucros por produtividade para os salários, com o objetivo de gerar um mercado consumidor para seus produtos. Era um acordo em que os sindicatos aceitavam a ordem capitalista, em troca de sua incorporação ao mundo do consumo (LIMOLIC, 2003). Nesse contexto em que as condições da economia norte-americana tornavam o sonho americano possível para uma classe média que tinha acesso aos bens de consumo, coube aos veículos de comunicação de massa reproduzir a contraparte ideológica que legitimasse esse sistema econômico. As publicações da *Time Inc.*, naquele contexto, assumiriam um papel muito importante na construção do sonho americano, do *American way of life* no imaginário da sociedade norte-americana. Terry Smith (2001) defende que a seqüência de lançamentos das revistas produzidas por essa corporação, - a revista *Time* (1923), depois a revista *Fortune* (1930), até a revista *Life* (1936)-, demonstra o objetivo de alcançar o público leitor de todas as classes, desde a elite até a popular.

Já Erika Doss (2001) afirma que a revista *Life* se utilizou do estilo do fotojornalismo moderno, visualmente apelativo ao público encantado com o cinema, visando definir como o mundo e a nação norte-americana seriam vistos, bem como determinar a forma como a classe média norte-americana veria o mundo, a nação e a si mesma. Fica, portanto, evidente a importância dos veículos de comunicação de massa na formação da identidade e da visão de mundo da sociedade norte-americana.

Apesar desse esforço de atingir a classe média, principalmente através da revista *Life*, leitura, em especial, direcionada àquela classe, Smith (2001) afirma que tal processo teria sido dirigido pelos interesses das elites corporativas. Mais tarde, depois da Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos se consolidavam como uma potência mundial, esse estilo de vida norte-americano seria construído como um modelo a ser seguido pelo resto do mundo. Propõe-se, então, que, nesse contexto da divulgação da propaganda do estilo de vida e do modelo de democracia norte-americano pelo mundo durante a Guerra Fria é que teria surgido a série *World Library*.

O nome *Time-Life*, no papel de autor formador da discursividade, segundo a classificação de Foucault, agruparia todo um conjunto de textos que compartilharia o objetivo de reproduzir a ideologia defendida por aquela instituição editorial. Assim, aos autores que aceitassem as

normas das publicações da *Time Inc.*, caberia escrever em um determinado estilo, abordar certos assuntos, evitando outros, e, principalmente, defender um *status* e lugar na cultura associados com o nome da editora.

No caso de *Brazil*, bem como de toda a série *World Library*, este deveria ser um livro ao estilo da revista *Life*, com fotos ocupando a maior parte do espaço do exemplar e textos escritos que receberiam uma atenção secundária, dentro do estilo do fotojornalismo característico da revista. A presença icônica da logomarca da revista *Life*, na capa do livro *Brazil*, sinaliza ao leitor essa associação:

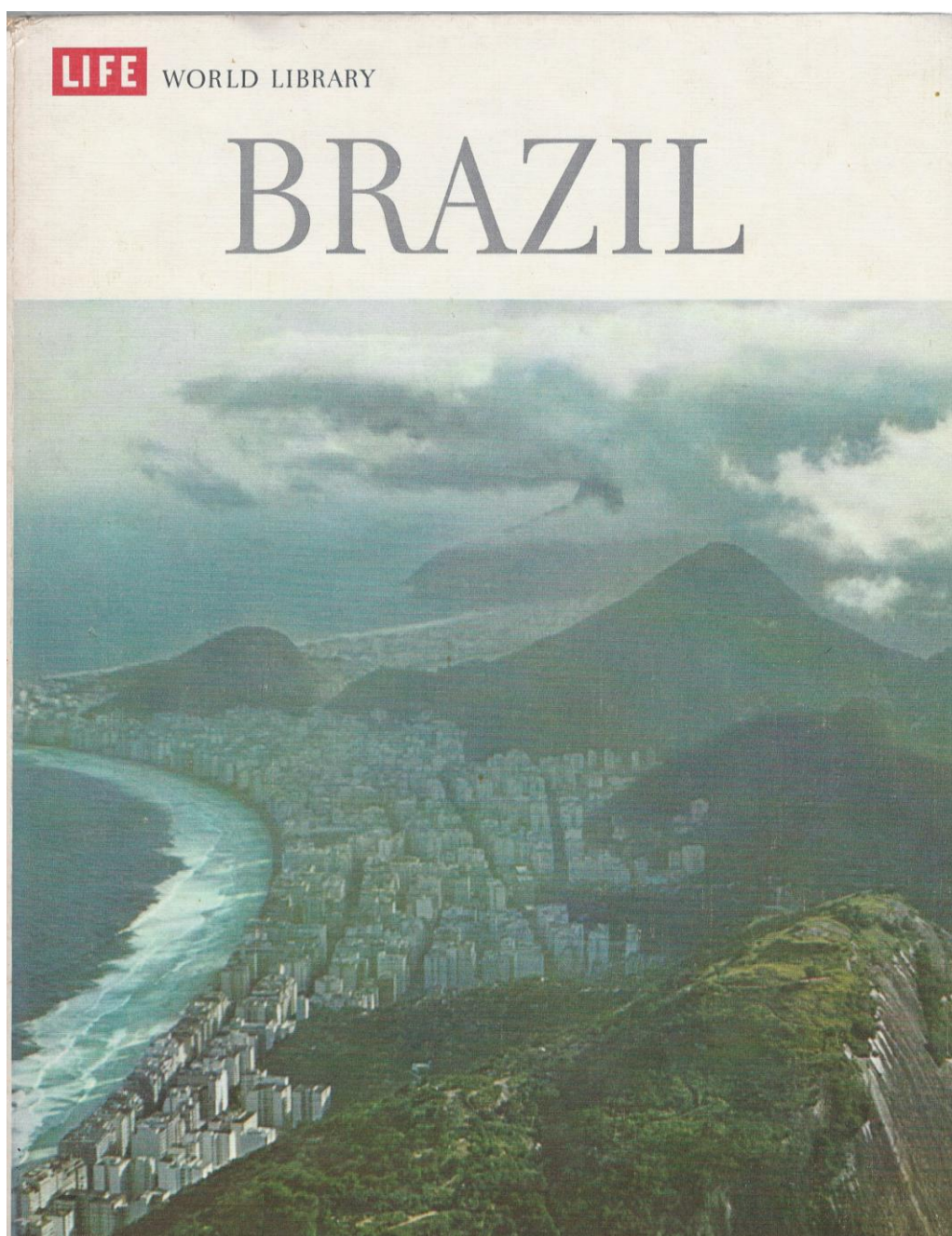


Figura 3 – Capa do livro *Brazil*, 1962.

O texto encomendado a Bishop deveria atrair a atenção do leitor, já que o livro, bem como toda publicação de massa, deveria ser bem sucedido em termos de vendagem, mesmo que fosse superficial em sua abordagem das questões concernentes à sociedade brasileira. Era exatamente esta uma das características da produção textual demandada pela editora, típica das publicações de massa e que batia de frente com a concepção de Bishop sobre o que seria “literatura de qualidade”. Bishop teria se ressentido por ter se envolvido com o projeto do livro *Brazil* porque essa associação significaria que seu nome seria incluído dentro de semelhante grupo discursivo encabeçado pela *Time-Life*. Nas palavras de Bishop, as características da produção textual promovida pela *Time-Life* que entravam em conflito com sua ideologia autoral:

No use the Flaubert stuff (although I CAN'T seem to compose any other way) since they will just put it through their own meat grinder, lawfully, and it will come out sounding like them no matter what I say. (...) And the worst is really that, like publishers, they keep paying lip service to “distinguished writing,” “your own opinions,” “your fine reputation,” and blah blah blah – *lying* like RUGS... (...) They are INCREDIBLE, that's all. It is really more like manufacturing synthetic whipped cream out of the by-products of a plastic factory than anything remotely connected with writing – even journalistic writing. I put on one display of temperament & the editor here came running around all fluttering and consoling. (BISHOP, 1994, p. 399 - 400)²⁶

I was supposed to work for three weeks – well, it's four now and I am still working like mad and don't see much hope for ending it ever. I have never worked so hard in my life and never been so tired – and the book about Brazil is going to be awful! It has been an interesting experience – but never again – not for Time, Life, etc. They are incredible people and what they know about Brazil would fit on the head of a pin – and yet the gall, the arrogance, the general condescension! However – I've saved some of the book, and it does tell the truth, more or less – and some of the picture are pretty – but not nearly enough. (BISHOP, 1994, 403)²⁷

²⁶ Não adianta querer bancar o Flaubert (se bem que NÃO SEI escrever de outra maneira), já que depois vai tudo passar pelo moedor de carnes deles, segundo o contrato, e vai sair igualzinho a tudo que eles publicam, independentemente do que eu estiver escrito. (...) E o pior de tudo é que, como toda editora, eles ficam a toda hora falando na “sua obra admirável”, “suas próprias opiniões”, “sua excelente reputação”, e blábláblá – não sei como a cara deles não treme (...) Eles são INACREDITÁVEIS. A coisa tem muito mais a ver com a fabricação de *chantilly* a partir de subprodutos de uma fábrica de plásticos do que com literatura – ou mesmo jornalismo. Resolvi bancar a temperamental, e o editor daqui veio todo solícito, cheio de panos quentes. (BISHOP, 1995, p. 435-436)

²⁷ O plano original era eu trabalhar três semanas – pois já estou aqui há quatro e continuo trabalhando feito louca e não tenho esperanças de que isto acabe algum dia. Nunca trabalhei tanto na minha vida, e nunca me senti tão cansada – e mesmo assim o livro sobre o Brasil vai ficar um horror! Não deixa de ser uma experiência interessante – mas trabalhar com a *Time*, a *Life* etc. – isso nunca mais. Essa gente é inacreditável, e o que eles sabem sobre o Brasil cabe na cabeça de um alfinete – e, no entanto, são de uma audácia, uma arrogância, uma condescendência! Porém – consegui salvar uma parte do texto, e ele diz a verdade, mais ou menos – e algumas das fotos são bonitas – mas podiam ser muito mais. (BISHOP, 1995, p. 439-440)

Para Kim Fortuny (2003), o que poderia ser interpretado como um “chilique” de uma artista com o ego ferido, como provavelmente os editores da *Time-Life* teriam visto a atitude de Bishop, pode também ser lido como uma rejeição apaixonada ao tipo de abordagem consumista da criação literária e da cultura. E esta seria uma característica das publicações de produção em massa. Dessa forma, a briga de Bishop com os editores da *Time-Life* refletiria sua insatisfação com o conceito de que a representação de uma cultura estrangeira deveria ser formatada de modo a atender as expectativas ou aos gostos de uma audiência mais interessada em diversão do que em conhecimento sobre o outro (FORTUNE, 2003). Esse trecho da correspondência pessoal de Bishop mostra o quanto estressante deve ter sido para a autora trabalhar sob as condições ditadas pela *Time-Life*. Bishop, que não estava acostumada a um ritmo de trabalho quase industrial, já que a sua produção artística acontecia dentro de seu ritmo minucioso e detalhista, podia levar anos para terminar um poema. Pode-se imaginar como teria sofrido para trabalhar sob tamanha pressão para o cumprimento de prazos, observando a distorção de suas palavras e ideias num trabalho de “revisão” alheio à sua vontade.

Assim, além de testemunhar sobre as longas horas de trabalho de Bishop, o trecho mencionado da sua correspondência também atesta sobre a opinião da autora a respeito da forma de produção textual dos editores da *Time-Life*. Ela os considera arrogantes, provavelmente, dentre outros motivos por acharem que tinham um conhecimento sobre o Brasil superior ao de Bishop. Tratava-se de um conhecimento construído sob a perspectiva de alguém que via de fora os acontecimentos; portanto, não poderia se comparar ao de Bishop, que tinha acesso aos acontecimentos e à vida brasileira de uma perspectiva de quem vivia no Brasil. Além disso, muitos dados selecionados para o livro *Brazil* teriam sido consultados por Bishop através de fontes que, na sua maioria, eram livros e jornais brasileiros.

Provavelmente, Bishop também não compartilhava da opinião dos editores da *Time-Life* de que o estilo de vida norte-americano - este mesmo sendo uma construção unificada e projetada por veículos de comunicação como a revista *Life* (DOSS, 2001) - deveria servir de modelo para os outros países do mundo.

Reli todas aquelas legendas, repetidamente – e eles me garantiram que elas seriam mudadas –de fato, mudaram algumas – mas fico doente só de ver – e também essa tendenciosidade deles, de modo a dar a entender que a solução de todos os problemas da vida é a “industrialização” – e lares felizes em estilo americano. Não há dúvida de que a industrialização é a única coisa

que pode salvar o Brasil, seja boa ou má, mas a maneira como eles colocam a coisa... (BISHOP 1995, p. 715) ²⁸

A visão mais ampla que Bishop tinha do mundo, possibilitada por uma perspectiva de quem vivera fora dos Estados Unidos por quase duas décadas e por suas muitas viagens, não lhe permitia aceitar todas as crenças reproduzidas pela mídia norte-americana.

Em suma, tanto Bishop não gostou de ver o livro *Brazil* desvirtuando sua produção bibliográfica, ou melhor, perturbando a coerência discursiva do grupo de textos que levavam o seu nome, como também não gostou ver o seu nome incluído no grupo discursivo liderado pela *Time-Life*, já que suas crenças sobre a composição literária não tinham nada em comum com a abordagem massiva e comercial da *Time-Life*. Essas seriam algumas das razões que poderiam explicar a recusa veemente de Bishop em assumir a função declarativa da autoria em relação ao livro *Brazil*.

Além disso, a aversão de Bishop a essa co-autoria forçada não seria nenhuma surpresa. Afinal, uma poetisa tão meticulosa não olharia com simpatia nenhum tipo de intromissão ao seu trabalho, lembrando ainda que a colaboração, de uma forma geral, tem sido encarada dentro da crítica literária de uma forma negativa. Essa crítica negativa encontra eco na opinião de Bishop a respeito do “baixo” valor estético que ela atribuía aos textos jornalísticos (PRZYBYCIEN, 1993). Pode-se levantar, portanto, a possibilidade de que a baixa reputação das obras produzidas através do processo de autoria colaborativa, dentro da crítica literária, tenha influenciado, de certa forma, a opinião de Bishop a respeito do texto jornalístico; este último seria considerado uma forma de produção textual de natureza essencialmente colaborativa.

Em relação ao trabalho de edição do livro *Brazil*, pode-se dizer que foi extrapolada a função revisional da autoria, neste caso, conforme descrita acima; em geral, o trabalho dos editores seria simplesmente o de “polir” um texto, preparando-o para a publicação. Obviamente, este não foi o caso do livro *Brazil*, que, nas palavras de Lota, teria sido “massacrado” pelos editores da *Time-Life* (BISHOP, 1995, p.722).

Por outro lado, pode-se dizer que o trabalho dos editores de *Brazil* teria cumprido a função revisional da autoria de “preparar” o livro para a publicação; ou seja, os editores

²⁸ Trecho de carta de Elizabeth Bishop publicada em português, somente na edição brasileira da coletânea de cartas da autora *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*, publicada em 1995.

alteraram e formataram o livro de tal maneira até que *Brazil* fosse considerado “apropriado” para a publicação, dentro dos padrões ideológicos defendidos pela editora.

Além de tentar compreender as razões do desafeto de Bishop pelo livro *Brazil*, cabe agora entender os motivos pelos quais os outros “autores” do livro, os editores da *Time-Life*, produziram um texto tão conflitante com o de Bishop, já que, normalmente, o trabalho revisional não tem o caráter tão invasivo como no caso da edição de *Brazil*. Nesse sentido, o conceito de patronagem pode ser útil para se compreender o papel dos editores do livro *Brazil* na moldagem de um texto até o ponto em que o mesmo pudesse ser considerado “pronto” para publicação.

3.5 A PATRONAGEM NO LIVRO *BRAZIL*

Para entender melhor a história da escrita e publicação de *Brazil*, é preciso compreender que os editores da *Time-Life* reescreveram o texto de Bishop de forma a adaptá-lo aos padrões ideológicos vigentes nos Estados Unidos, na década de 60. André Lefevere (2007) defende que esse é exatamente o principal papel dos re-escritores de uma obra literária. Reescrever uma obra literária seria tão importante quanto escrevê-la, pois é esse trabalho de reescrita que garante que uma obra sobreviva, ao longo da história. Os críticos, tradutores, historiógrafos, acadêmicos, editores, dentre outros, são exatamente aqueles que fazem do trabalho de reescrita a sua profissão. Lefevere ainda destaca o poder que tem a tradução de projetar a imagem de um autor e sua obra em outra cultura. Ele argumenta que o tradutor, na função de re-escritor, vai adequar o texto de partida ao sistema da cultura de chegada. Dessa forma, argumenta-se, no presente trabalho, que o livro *Brazil* publicado seria uma re-escritura, não apenas porque seria resultado de uma conformação e moldagem ideológica pelos editores da *Time-Life*, mas, principalmente, porque o próprio texto produzido por Bishop propunha-se a *traduzir* a cultura brasileira para o público norte-americano. Por consequência, partindo do princípio de que teria sido um trabalho que envolve tradução cultural, o texto de Bishop vai buscar explicar elementos da cultura brasileira, a cultura do outro, fazendo comparações com elementos da cultura norte-americana, com a finalidade de tornar suas ideias familiares ao seu público leitor.

Voltando à questão da importância do trabalho de reescrita ao longo da história, Lefevere (2007) argumenta que os textos literários não teriam um valor intrínseco, essencial que eventualmente levariam esses textos a se tornarem obras canônicas na literatura de uma determinada cultura. Ao contrário, essas obras teriam sido tornadas canônicas devido ao intenso trabalho de reescrita dedicado a estas obras ao longo da história. Os textos canônicos

teriam sobrevivido porque seus re-escritores os moldaram tantas vezes quanto foi necessário, para torná-los aceitáveis, seja ideologicamente, seja esteticamente, aos leitores de sua geração. Conforme fica claro neste trecho da argumentação de Lefevere:

Produzindo traduções, histórias da literatura ou suas próprias compilações mais compactas, obras de referência, antologias, críticas ou edições, reescritores adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poetológica dominante de sua época. (LEFEVERE, 2007, p.23)

Para ilustrar o papel do re-escritor, Lefevere cita o trabalho de Santo Agostinho de interpretar – reescrever - trechos da Bíblia que pareciam indecentes, e, portanto, “inaceitáveis”, de acordo com a ideologia católica vigente no século I DC. Para se tornarem “aceitáveis”, esses trechos bíblicos deveriam ser interpretados figurativamente. Também, os eruditos dos séculos IV e V DC reescreveram os textos clássicos greco-latinos ao interpretá-los de forma tal que não entrassem em conflito com a ideologia cristã dominante. Além disso, por causa de condições ideológicas favoráveis é que alguns romances de escritoras “esquecidas” ganharam novas edições quando a ideologia feminista ganhou força e passou a fazer parte da cultura ocidental, de forma mais expressiva:

De forma semelhante, muitos clássicos feministas “esquecidos”, originalmente publicados nos anos 20, 30 e 40 do século 20, foram publicados no final dos anos 70 e 80. O conteúdo do romance era, supostamente, não menos feminista do que é agora, uma vez que estamos lidando com os mesmos textos. A razão pela qual os clássicos feministas são republicados não se encontra no valor intrínseco dos textos, ou mesmo na (possível) falta desse valor, mas no fato de que eles estão sendo agora editados sobre o pano de fundo de um impressionante conjunto de crítica feminista, que os anuncia, os incorpora e os suporta. (LEFEVERE, 2007, p. 14)

Lefevere usa a teoria sistêmica para explicar o processo pelo qual um determinado conjunto de regras são prescritas aos re-escritores dos textos literários de forma que esses textos possam se adequar a uma determinada estrutura ideológica ou estética vigente em uma determinada cultura. A *patronagem* seria, então, o poder exercido por pessoas ou instituições para liberar, limitar ou mesmo impedir a leitura, a escrita e a reescrita dos textos literários ou não. De acordo com o pensamento sistêmico, a literatura seria um subsistema atuando dentro do sistema mais amplo e complexo, que é uma determinada cultura.

“Sistema” seria um conjunto de elementos inter-relacionados que compartilham certas características que os diferenciam dos elementos de fora do sistema. O “sistema da literatura” é assim denominado por ter uma determinada estrutura, uma diferenciação do que entra e do produto que sai desse sistema; o sistema literário é aceito pela sociedade em que se insere e cumpre funções que nenhum outro sistema pode cumprir (André Lefevere *apud* SCHMIDT 1979, p.563).

Assim, uma cultura seria um complexo “sistema de sistemas” composto por vários subsistemas que se intercomunicam, influenciando-se simultaneamente. Como a ciência e a tecnologia, a literatura seria também um dos subsistemas que compõe o universo da cultura, recebendo, portanto a interferência de fatores extra-literários, que podem interferir em seus processos. Nas palavras de Lefevere: “uma cultura, uma sociedade é o ambiente do sistema literário. Este e os outros sistemas pertencendo ao sistema social são abertos uns para os outros: eles se influenciam mutuamente.” (LEFEVERE, 2007, p. 33).

Neste contexto, a patronagem seria o fator extra-literário que determinaria os parâmetros a serem obedecidos pelos elementos internos ao sistema da literatura. Tais elementos internos seriam representados por aqueles que escrevem e reescrevem a literatura. Esses profissionais se deparam com a escolha entre escrever ou reescrever produtos literários, que se conformariam à poética e ideologia vigentes no sistema da literatura da sociedade em que estão inseridos e, conseqüentemente, ter acesso aos meios de distribuição desses produtos literários. Ou optar por produzir fora de determinado sistema e enfrentar dificuldades para conseguir que as obras sejam publicadas ou distribuídas, ou seja, enfrentam dificuldades de atingir um público leitor mais abrangente. Cabe ressaltar que uma determinada produção literária pode ser considerada dissidente ou fora do sistema em um determinado momento histórico, mas ser acolhida tempos depois, dentro até do mesmo sistema, como resultado das mudanças dentro e fora desse sistema.

O fator extra-literário que determina os parâmetros internos do sistema da literatura, a patronagem, estaria mais preocupado com a variante ideológica do sistema, delegando autoridade aos profissionais da literatura, escritores e re-escritores, em relação à variante estética do sistema, sua poética ou seu estilo. Dessa forma, a patronagem seria representada por pessoas ou instituições - corpo religioso, partido político, classe social, corte real, editoras e a mídia - que determinariam o que deve ser publicado, ou barrariam certos textos, de acordo com seus interesses e ideologia. Ela regula se não a escrita, a distribuição da literatura, e controla a entrada de novas obras no cânone literário através do controle das grandes editoras, garantindo

sua permanência no cânone, principalmente através do sistema educacional. A patronagem seria composta por três elementos: ideológico, que determina forma e conteúdo da obra; econômico, que tem a ver com a renda dedicada aos profissionais da literatura, escritores e re-escritores; *status*, pois a aceitação de certo tipo de patronagem implica em inclusão em um grupo e em apoio a um determinado estilo de vida. Além disso, a aceitação da patronagem implica em aceitação dos parâmetros ditados pelos patronos, implicando na capacidade e disposição em legitimar seu *status* e poder (LEFEVERE, 2007).

No caso da publicação do objeto do presente estudo, o livro *Brazil*, percebe-se que a escritora da obra, Elizabeth Bishop, relutou em seguir as regras ditadas pelo patrono, a editora *Time-Life*. Para que o livro fosse aceitável dentro da ideologia dominante no sistema da cultura de massa dos Estados Unidos nos anos 60, teve que ser reescrito pelos editores da *Time-Life*. Caso contrário, o livro, provavelmente, não seria publicado, pelo menos não nos Estados Unidos dos anos 60. Talvez Bishop tenha sido ingênua ao acreditar que poderia aceitar a patronagem da editora *Time-Life* para escrever *Brazil*, sem ter que seguir as regras ditadas pelo patrono e sem perceber que isso também fazia parte do “pacote” que lhe fora oferecido.

Citando as circunstâncias do processo de composição de Shakespeare, Lefevere aponta para as muitas restrições impostas pelo sistema da cultura na qual o escritor estava inserido e se empenhava em tornar sua produção artística viável:

Como qualquer outro súdito do rei, ele tinha de satisfazer – ou pelo menos não desagradar o soberano e sua corte; a Rainha, com boa razão, era sensível a qualquer desafio à legitimidade da monarquia, e sua palavra poderia por um fim à carreira de Shakespeare, se não à sua vida. Igualmente ele tinha de evitar a censura das autoridades de Londres, cujo puritanismo militava contra qualquer produção dramática, considerando-as decadentes, frivolidades supersticiosas e que buscavam desculpas para fechar os teatros. Como um novo tipo de empreendedor ideológico, ainda trabalhando no contexto das relações tradicionais de mecenato da produção literária, Shakespeare tinha de se manter nas graças de seu mecenas da corte – que fornecia a proteção política da companhia e, literalmente, sua licença para trabalhar; ao mesmo tempo, ele deveria manter o interesse de um público mais amplo, advindo das classes de mercadores, artesãos e trabalhadores de Londres. (André Lefevere *apud* KAVANAGH, 1985, p.151).

Talvez Bishop não estivesse ciente das regras do jogo que envolve a patronagem, conforme teorizadas por Lefevere. Ela estava disposta a aceitar o aspecto econômico da patronagem, ao receber o dinheiro do pagamento pela encomenda do livro, mas simplesmente, não queria endossar os parâmetros ideológicos ditados pelo “patrono”, a editora *Time-Life*. Quem sabe, ela não estivesse ciente, pelo menos não de forma clara, de que, junto com o

pagamento, viria uma série de demandas relacionadas às ideologias defendidas pela editora, que ela, Bishop, teria que estar implicitamente se comprometendo a atender e a legitimar.

4. O CAPÍTULO CINCO DO LIVRO *BRAZIL*

O capítulo cinco do livro *Brazil* é aquele dedicado à economia brasileira. Ao contrário de todos os outros capítulos, este não possui a versão do texto de Bishop na forma em que ele teria sido considerado pronto para ser entregue aos editores da *Time-Life*, como todos os outros capítulos. Há, no entanto, quatro fragmentos do referido capítulo na caixa n. 47, da coleção de Bishop guardada na *Special Collections* da Universidade de Vassar, local dedicado aos manuscritos do livro *Brazil*, dentro desta coleção. Um dos fragmentos contém uma amostra do texto de Bishop para o capítulo em questão, que difere radicalmente do texto publicado no conteúdo e no tom, conforme será analisado na presente seção deste trabalho.

O texto publicado parece uma mistura de livro didático de geografia do Ensino Médio com um guia dos recursos do Brasil, acrescentado de algumas pitadas do texto de Bishop, que podem ser identificados exatamente por causa desses fragmentos de manuscritos deixados por Bishop. Tais fragmentos atizam a curiosidade do leitor dos seus manuscritos, deixando-o com “água na boca”, ao mesmo tempo em que lamenta a falta deste capítulo como tinha sido idealizado por Bishop. O tom geral do texto da *Time-Life* é enfadonho, didático, tendencioso, salvo pelas partes esparsas em que se identifica a escrita de Bishop. Já o tom de Bishop, que se pode perceber nesses fragmentos de manuscrito, é bem humorado, espirituoso, divertido, conforme ela própria declara em carta ao amigo Robert Lowell: “Cheguei a achar que meu capítulo ‘Animal, vegetal e mineral’ estava bem divertido - adoro gado zebu e pescarias etc. - mas depois que eles meteram a mão...” (BISHOP, 1995, p. 722).

4.1 A POETISA E O CUIDADO COM OS DETALHES

Uma característica bem conhecida da poetisa Elizabeth Bishop é o cuidado quase obsessivo em tentar reproduzir com o máximo de acuidade as cenas que pretende descrever com suas imagens poéticas (ANASTÁCIO, 1999). Um dos fragmentos deixados pela autora para o capítulo cinco de *Brazil* dá testemunho dessa preocupação da autora em revelar os fatos com minúcia, sempre prestando atenção aos detalhes do que descreve. Este trecho do manuscrito que contém as correções das provas do livro enviadas para aprovação de Bishop é um recorte que se refere ao capítulo cinco e atesta tal característica autoral²⁹:

²⁹ A marca “#” indica que as citações são trechos dos manuscritos não-publicados do livro *Brazil*. Esses são os códigos de transcrições dos manuscritos:
[] - eliminação /il/ ilegível < > acréscimo

#

Chapter 5

“The cashew fruit bears the valuable cashew nut” - it doesn't “contain” it. The nut is on the outside of the fruit. (BISHOP, 1962: Box 47.1)³⁰

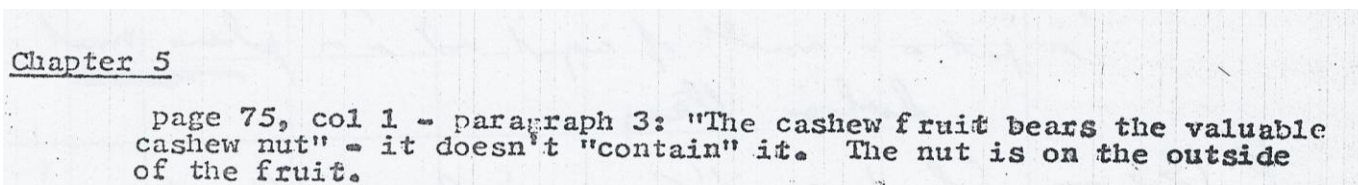


Figura 4 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.1).

Nesta nota referente ao capítulo cinco, Bishop corrige o texto que descreve, erroneamente, o caju, a fruta do cajueiro. Ela corrige, explicando que o caju “segura” a castanha e não “contém” a castanha, como estava para ser publicado. A castanha ficaria do lado de fora da fruta, detalhe que não passou despercebido a Bishop, que fez questão de solicitar que fosse feita a retificação. No entanto, a correção não foi aceita da forma sugerida por Bishop, já que acabou sendo publicada uma terceira opção: “The cashew fruit of the northeast provides the valuable cashew nut”³¹ (BISHOP, 1962, p. 75). A escolha verbal de Bishop ao descrever o caju, o verbo *to bear* (segurar, carregar) estimula a visualidade do leitor, ajudando-o a construir uma imagem mental muito mais acurada da fruta. Interessa a Bishop a acuidade e o senso estético em sua descrição da *forma* do caju. Já os pragmáticos editores da *Time-Life* optaram pelo verbo *to provide* (fornecer), item lexical que pouco comunica ao leitor a respeito da aparência da fruta. Assim, sem compartilhar do interesse estético de Bishop, os editores optam por apenas informar que o caju fornece um produto de valor comercial, a castanha.

4.2 A CULTURA POPULAR *VERSUS* O PROGRESSO – VISÕES CONFLITANTES EM *BRAZIL*

Além do trecho dos manuscritos de Bishop para o capítulo cinco que trata da descrição do caju, há também uma seção do esboço em que Bishop traça um quadro esquemático com o

³⁰ #

Capítulo 5

“A fruta caju segura a valiosa castanha” – não a “contém”. A castanha fica do lado de fora da fruta. (tradução nossa)

³¹ O caju, fruta do nordeste, fornece a valiosa castanha de caju. (tradução nossa)

planejamento dos capítulos de *Brazil*, onde consta a descrição resumida do conteúdo de cada um dos dez capítulos, inclusive do cinco. Outro fragmento é uma lista das referências bibliográficas que Bishop teria planejado usar como base para a escrita deste capítulo. Cabe ressaltar que, juntos, esses dois fragmentos dão pistas sobre quais seriam as partes do texto publicado em que se poderia atribuir a autoria à Bishop.

Abaixo, recorte do manuscrito mostrando o planejamento do conteúdo do capítulo cinco:

Chapter 5. Vege[n]table, Mineral, and Animal.
Sugar, heyday and decline. Coffee, the "one crop." Gold, jewels, .
ores; untouched mineral wealth. Cattle-raising in the south. Difficulties
of transportation. The types: Bah[aiana] [and old-time fazendeira
Can[a]gaceir[a], [Grimpeiro] <Garimpeiro>, [and] Gaúcho.
[Banderates] <Bandeirante> [Bahian] <Bahianinha> (BISHOP, 1962: Box
*47.1)*³²

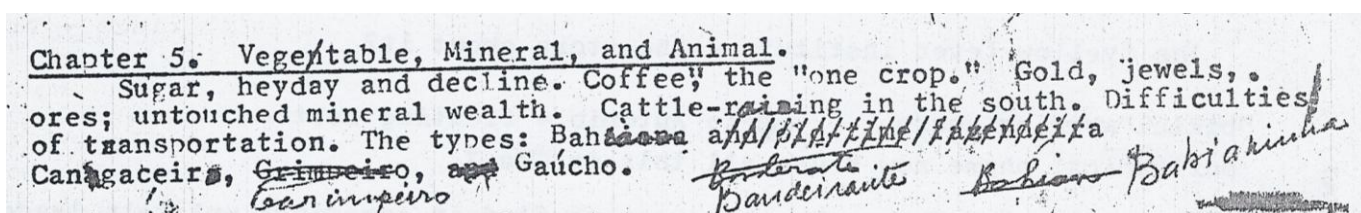


Figura 5 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.1).

Segue também uma lista das referências bibliográficas que Bishop selecionou para usar como base para a escrita do capítulo:

Bibliografia do Animal, Vegetal, Mineral
Pedro Calmon: Historia do Brasil
Capistrano de Abreu: Caminhos Antigos e povoamento do Brasil
Bernardino José de Souza: Ciclo dos Carros de boi no Brasil
Virgilio Corrêa Filho: Ervais do Brasil e Ervateiros

³² #

Capítulo 5. Vegetal, Mineral e Animal.
Açúcar, apogeu e declínio. Café, o "único produto agrícola." Ouro, pedras preciosas, .
metais; riqueza mineral intocada. Criação de gado no sul. Dificuldades
de transporte. Os tipos: Bah[aiana] [e fazendeira de antigamente]
Can[a]gaceir[a], [Grimpeiro] <Garimpeiro>, [e] Gaúcho.
[Banderates] <Bandeirante> [Bahian] <Bahianinha>
(tradução nossa)

< // // // : Fazendas de Gado no Pantanal Matogrossense >
 Bernardino José de Souza: Ciclo dos Carros de Bois no Brasil
 Carlos B. Schmidt: Lavoura Caiçara
 Gilberto Freire: Açúcar
 Mauro Mota: O Cajueiro Nordestino
 Luis da Camara Cascudo: Tradições populares da pecuária nordestina
 Eurico Santos: Historias e lendas folclóricas dos nossos bichos
 Anibal Fernande: Um senhor de Engenho pernambucano
 Carlos Eugenio Porto: Roteiro do Piauí
 XXX: A tragédia do Zebu
 José de Figueiredo Filho: Engenhos de rapadura do Cariri
 (BISHOP, 1962: Box 47.1)

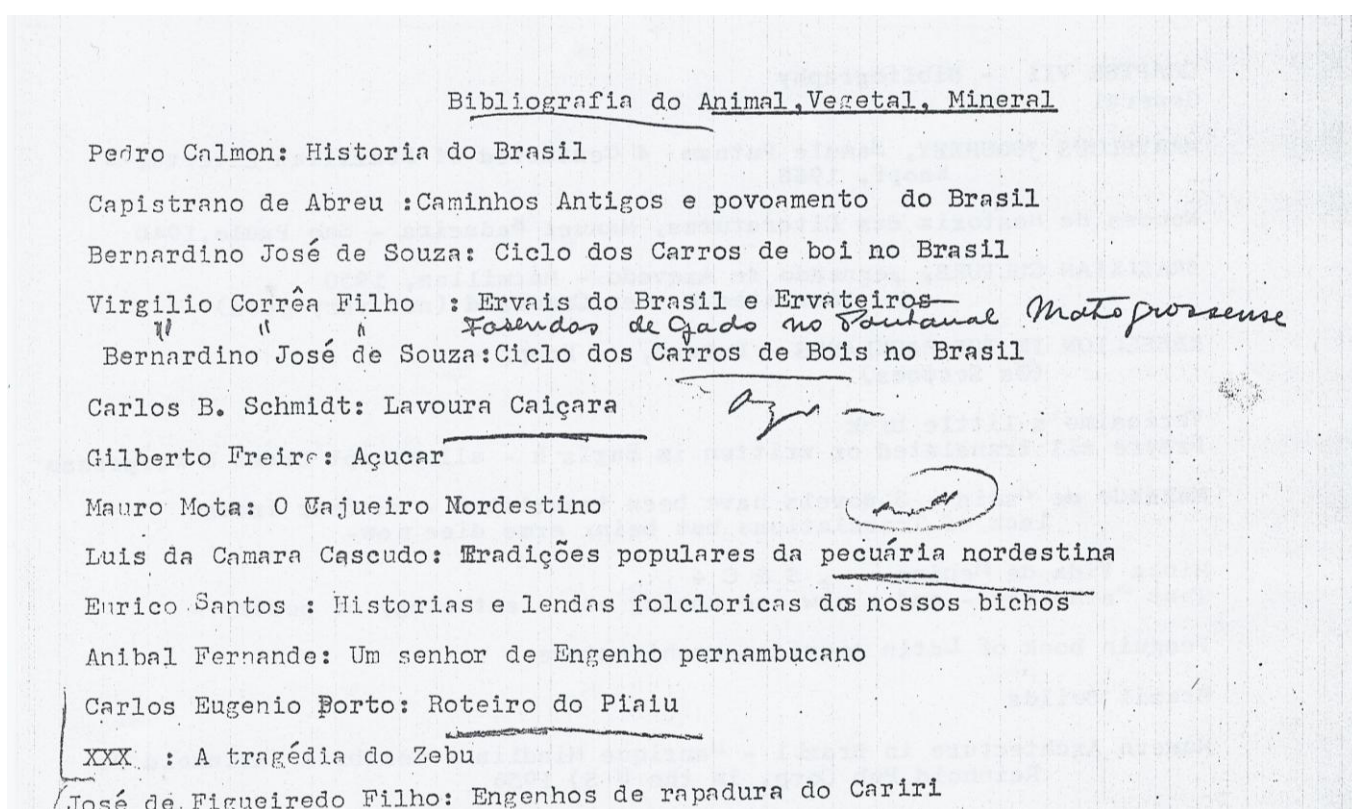


Figura 6 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.1).

Bishop chama este capítulo de *Vegetal, Mineral e Animal*, enquanto que os editores da *Time-Life* optam pelo título *The Slow Awakening of a Giant – O Lento Despertar de um Gigante* (BISHOP, 1962, p. 69). A diferença entre os títulos já demonstra uma divergência de enfoque entre Bishop e a *Time-Life*, no sentido de que o capítulo cinco de Bishop privilegia a natureza do Brasil e a forma em que essa mesma natureza teria sido transformada pelo homem, ao longo do tempo e da história do desenvolvimento econômico das regiões do Brasil. Ademais, o material do planejamento de Bishop para o conteúdo do capítulo cinco sugere que a autora pretendia, pelo menos naquela fase da escritura, elencar os produtos típicos de cada

região do país. Percebe-se que havia um interesse na contrapartida cultural de cada produto, ou seja, havia interesse de Bishop na cultura popular em torno do cultivo dos produtos típicos de cada região, conforme sugere a escolha das referências bibliográficas. Os títulos dos livros da bibliografia escolhida por Bishop – que mencionam o boi zebu, carros de boi, ervas, lendas folclóricas, bichos e rapadura – são indicativos do caminho de pesquisa da autora e da abordagem que pretendia dar ao referido capítulo do livro *Brazil*.

Do título do capítulo cinco escolhido pela *Time-Life*, ‘O Lento Despertar de um Gigante’, pode-se fazer uma leitura na qual se percebe rastros de certos elementos do discurso colonial, como a enunciação da inferioridade dos povos colonizados. No discurso colonial, o colonizador, sujeito nesse discurso, tenta justificar a violência da invasão territorial com a afirmação de que os povos colonizados não mereceriam as terras em que viviam, por não possuírem inteligência e capacidade para explorar as riquezas dessas terras. Retrata o colonizador como superior, como civilizado, e, portanto, merecedor das riquezas da terra a ser tomada; não os povos nativos, retratados nesse discurso como selvagens e inferiores – o *outro* (objeto) do discurso colonial (LOOMBA, 2005; SAID, 2008). Nas palavras de Everardo Rocha, uma descrição das representações do ‘eu’ *versus* ‘outro’ no discurso colonial:

O grupo do “eu” faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível. Este processo resulta num considerável reforço da identidade do “nosso” grupo. No limite, algumas sociedades chamam-se por nomes que querem dizer “perfeitos”, “excelentes” ou, muito simplesmente, “ser humano” e ao outro, ao estrangeiro, chamam, por vezes, de “macacos da terra” ou “ovos de piolho”. De qualquer forma, a sociedade do “eu” é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do “outro” é atrasada. É o espaço da natureza. São os selvagens, os bárbaros. São qualquer coisa menos humanos, pois, estes somos nós. O barbarismo evoca a confusão, a desarticulação, a desordem. O selvagem é o que vem da floresta, da selva que lembra, de alguma maneira, a vida animal. O “outro” é o “aquém” ou o além, nunca o “igual” ao “eu”. (ROCHA, 1984, p.9-10)

Logo, o título da *Time-Life* parece reproduzir tal discurso, numa releitura baseada na mesma justificativa, agora elaborada no espaço dominado pelo poder capitalista, em que a tomada das terras dos povos subjugados não é mais necessária à apropriação dos recursos dos povos dominados. O Brasil é então mostrado, dentro desse discurso, como um “gigante” em tamanho e recursos, mas lento e adormecido, *atrasado*, no sentido de não ter um povo que saiba explorar esses mesmos recursos. Essa visão do Brasil faz parte de um contexto maior, o

discurso imperialista do poder hegemônico voltado para a América Latina, cujos povos eram considerados incapazes pelo poder imperialista. Caberia então, ao “poder civilizatório”, representado pelos Estados Unidos, a missão de “liderar” os povos latino-americanos (SCHOULTZ, 1998).

Em contraste com as referências bibliográficas escolhidas por Bishop, segue a bibliografia para o capítulo cinco publicada pela *Time-Life*:

Chapter 5: Economics

Hannicutt, Benjamin H., *Brazil, World Frontier*. D. Van Nostrand, 1949.

Jobim, José, *Brazil in the Making*. Macmillan, 1943.

Kuznets, Simon and others, *Economic Growth: Brazil, India, Japan*. Duke University Press, 1955.

Loeb, G. F., *Industrialization and Balanced Growth with Special Reference to Brazil*. Gregory Lounz, 1958.

Normano, J. F., *Brazil: A Study of Economic Types*. University of North Carolina Press, 1935.

Stein, Stanley J., *Vassouras, A Brazilian Coffee Country, 1850-1900*. Harvard University Press, 1957.

Survey of the Brazilian Economy, 1960. Brazilian Embassy, Washington, D.C., 1960.

Wythe, George, *Industry in Latin America*. Columbia University Press, 1949. (BISHOP, 1962, p. 153)

CHAPTER 5: ECONOMICS

Hannicutt, Benjamin H., *Brazil, World Frontier*. D. Van Nostrand, 1949.

Jobim, José, *Brazil in the Making*. Macmillan, 1943.

Kuznets, Simon and others, *Economic Growth: Brazil, India, Japan*. Duke University Press, 1955.

Loeb, G. F., *Industrialization and Balanced Growth with Special Reference to Brazil*. Gregory Lounz, 1958.

Normano, J. F., *Brazil: A Study of Economic Types*. University of North Carolina Press, 1935.

Stein, Stanley J., *Vassouras, A Brazilian Coffee Country, 1850-1900*. Harvard University Press, 1957.

Survey of the Brazilian Economy, 1960.
Brazilian Embassy, Washington, D.C.,
1960.

Wythe, George, *Industry in Latin America*.
Columbia University Press, 1949.

French make - what is <it?> one - hundred and forty var[o]<i>eties of chees<e>- but we make one cheese forty different ways.” Lack of standardization that has its charms but also its annoyances. /il/ <U>sual<ly> these incidents are made into jokes - [and as usual]

The Dauphine - the next to cheapest home – made car – innumerable jokes about its vulnerability and fragility – “The car of a Lifetime” - (if you have one you never have another one) Or – it says on one well-known brand of powdered milk “Dissolves without beating” - beating and bumping, or colliding being the same word in Brazil – this phrase is also applied to the Dauphine. One truck says: “Woman – still the best Brazilian Product.”

Other truck mottoes: “Women - here I am!”

“It doesn’t pay much, but it’s amusing.”

“God guides; I steer” // No passenger – without [skirts.] <tight skirts>.

No salesmanship it is a relief, but. One asks in a shop in Rio or Sao Paulo * Do you have anything new today? The clerk looks dreamy, smiles, and says “No. o.. I don’t think so. Nothing . “ “ or “The senhora would’t like that. It is not very good...” A nursery owner [owner] says – “They sent these plants up from the baixada. But don’t buy them - they won’t do well here...” /il/ <T>his is very refreshing [and] non-high pressure is very refreshing – but probably bad for Business. “Is this material color fast? “No - senhora – you know the Only Industria Brasileira that’s color-fast is the Negro..” (and that isn’t exactly true, either) (BISHOP, 1962: Box 47.1)³³

³³ #

Enquanto é verdade que a industrialização tem resultado em avanços enormes na última década ou duas Nos últimos dez anos todos os tipos de aparelhos, eletrodoméstico e produtos tem se tornado disponíveis antes eram importados - desde flocos de milho até lenços de papel, de até automóveis. No entanto, talvez devido à supervisão insuficiente, talvez devido aos padrões inadequados ou falha na manutenção desses padrões (regulamentação legal?) as coisas tem um baixo padrão de qualidade, que não as torna confiáveis. Não é assim [ilegível]

notamos que alguma coisa não é tão boa quanto era dez anos atrás – mas, no Brasil, isso acontece da noite para o dia. Uma marca de pasta de dentes conhecida de repente vira cimento dentro do tubo ou algodão absorvente para de absorver. Não se pode reclamar dos defeitos. As lojas não devolvem o dinheiro no Brasil – algumas, mas não todas, trocam por mercadorias do mesmo preço. O fabricante parece ter a vantagem.

O Brasil produz poucos tipos de queijos cujo sabor pode ser bastante variável. Como um brasileiro disse – “os franceses fazem umas cento e quarenta variedades de queijo – mas nós fazemos um tipo de queijo de quarenta maneiras diferentes.” A falta de padronização, que tem o seu charme, mas pode ser irritante. Geralmente vira piada.

O [Renault] Dauphine – o próximo carro barato feito no Brasil – inúmeras piadas sobre sua vulnerabilidade e fragilidade – “O carro para a vida toda” (se tiver um desses, nunca vai ter outro) Ou – como diz uma marca conhecida de leite em pó “Dissolve sem bater” – sendo bater [misturar] e bater [choque físico] a mesma palavra no Brasil – essa frase também se aplica ao Dauphine.

Um caminhão diz: MULHER – ainda o melhor produto brasileiro.”

Outro caminhão diz: “Mulheres, aqui vou eu!”

“Agente não ganha muito mas se diverte”

“Deus guia, eu dirijo”

“Passageiro aqui só de minissaia”

Não há técnicas de vendas – o que é um alívio, mas. Alguém pergunta numa loja no Rio ou São Paulo “Chegou alguma novidade? A vendedora com o olhar distraído, sorri e diz “Não. Acho que não. Nada.”

Notes for IV V & IX - & VI

While it is true that industrialization has made enormous strides in the last decade or two. In the last ten years all kinds of gadgets, appliances, and goods have become available that were formerly imported - from cornflakes to paper tissues, from ~~to~~ to automobiles. Nevertheless, perhaps because of insufficient supervision, perhaps because of inadequate standards or keeping them up to standard (Food and Drug Laws?) things have a disconcerting way of falling off in quality. This is not ~~trivial~~ elsewhere of course, but ~~third the US~~ *not quite so fast as in B.*

we notice something isn't as good as it was when ten years ago - but in Brazil it happens overnight. A well-known brand of toothpaste will suddenly turn to cement in its tube, or absorbent cotton will cease to absorb. There is no way of complaining about redress. Shops do not refund in Brazil - some of them, but not all will exchange for goods of the same price. The manufacturer seems to have the upper hand.

Brazil makes a few cheeses that can be very good, for example - but they are not to be relied on. As one Brazilian said - "The French make - what is it? - one hundred and forty varieties of cheese - but we make one cheese forty different ways." Lack of standardization that has its charms but also its annoyances. ~~Usually~~ *Usually* these incidents are made into jokes - ~~and as usual~~ *?*

The Dauphine - the next to cheapest home-made car - innumerable jokes about its vulnerability and fragility - "The car of a Lifetime" - (if you have one you never have another one) Or - it says on one well-known brand of powdered milk "Dissolves without beating" - beating and bumping, or colliding being the same word in Brazil - this phrase is also applied to the Dauphine. [One truck says: "WOMAN - still the best Brazilian Product."]

[Other truck mottoes: "Women - here I am!" "It doesn't pay much, but it's amusing." "God guides; I steer." // No passengers - without ~~skirt~~ *right skirt*.

No salesmanship - it is a relief, but. One asks in a shop in Rio or Sao Paulo * Do you have anything new today? The clerk looks dreamy, smiles, and says "No.o.. I don't think so. Nothing." "or "The senhora wouldn't like that. It's not very good..." A nursery ~~woman~~ *woman* says - "They sent these plants up from the baixada. But don't buy them - they won't do well here..." ~~This is very refreshing~~ *This is very refreshing* ~~and non-high pressuring~~ is very refreshing - but probably bad for business. "Is this material color fast?" "No - senhora - you know the only Industria Brasileira that's color-fast is the Negro.." (and that isn't ~~exactly~~ *exactly* true, either)

Figura 9 - Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.1).

ou "A senhora [em português] não iria gostar. Não é muito bom..." Uma dona de loja de suprimentos para jardim diz "Eles mandaram essas plantas da baixada [em português]. Mas não compre - elas não vão se adaptar aqui..." Essa < é uma bem deferente > forma de atender que não pressiona o cliente é interessante - mas provavelmente ruim para os negócios. "Esse material tem garantia de não desbotar?" Não- senhora [em português] - a única Indústria Brasileira [em português] que não desbota é o negro.. (e isso também não é <exatamente> verdade) (tradução nossa)

Neste fragmento de manuscrito, Bishop começa discorrendo sobre a industrialização no Brasil, os produtos manufaturados brasileiros e a falibilidade das leis de defesa do consumidor. Fica patente o lugar de fala da autora, suas críticas são as de uma consumidora norte-americana, vinda de uma sociedade de consumo, cuja indústria já estava, mesmo na década de 60, num grau muito mais adiantado que a indústria brasileira. De qualquer forma, as críticas de Bishop são temperadas por um toque de humor, quando cita algumas piadas sobre a má qualidade dos produtos manufaturados do Brasil, como a piada sobre o carro que, como o leite em pó, “dissolve sem bater”.

Antes da preocupação generalizada em tornar a linguagem politicamente correta, ou seja, neutra em termos de discriminação racial ou sexual, o toque de humor de Bishop fica também evidenciado quando ela cita uma frase de caminhão que diz: que “mulher” ainda é o melhor “produto brasileiro”; e que o único “produto brasileiro” que não desbota é o “negro”, na fala da vendedora que Bishop cita no manuscrito acima. Bishop se interessava por frases de caminhão (há uma lista dessas frases nos manuscritos do livro *Brazil*) e admirava o humor popular no Brasil (ANASTÁCIO, 2002).

Apesar do humor, essas tiradas de Bishop ecoam, de certa forma, a “coisificação” da mulher e do negro, também elementos típicos do discurso colonial. Aliás, a intersecção entre as questões raciais e de gênero é algo complexo, uma vez que os grupos minoritários não são grupos homogêneos. Ou seja, grupos antagonistas como o do “homem branco” e o do “homem negro” podem compartilhar certas ideias machistas em relação à mulher, bem como a questão do racismo tem sido retrabalhada dentro do movimento feminista europeu e norte-americano (LOOMBA, 2005).

Acontece aqui um fenômeno semelhante ao descrito por Fanon ao teorizar sobre a desagregação da identidade negra devido a séculos de abusos físicos e psicológicos, processo que teria contribuído para que o negro, muitas vezes, se voltasse a buscar certa semelhança com a identidade branca (FANON, 2008). Pode-se imaginar que a mulher Elizabeth Bishop, ao incluir em seu texto essas piadas, que classificam a mulher brasileira e o negro brasileiro na categoria de “produtos”, estaria vestindo a máscara ou a identidade do homem branco. Ou talvez, o que é mais provável, Bishop estivesse consciente da impropriedade desses comentários, mas simplesmente não tenha conseguido resistir ao humor daquelas piadas.

A propósito, houve uma ocasião em que um comentário de Bishop sobre o negro no Brasil gerou uma tremenda confusão. Em 1965, ela foi convidada a escrever um texto

referente ao Quarto Centenário do Rio de Janeiro, que viria a ser publicado pelo *New York Times Sunday Magazine*, na edição de 7 de março, sob o título *On the railroad named Delight* [No trem do Encantado] (FERREIRA, 2008) ³⁴. Para finalizar o artigo, Bishop faz um comentário sobre um comercial de um fogão em que se vê uma patroa branca e uma empregada negra se beijando no rosto, felizes por causa do fogão novo. Ao citar esse comercial, Bishop estaria elogiando as relações raciais no Brasil, que considerava menos marcadas pelo preconceito do que nos Estados Unidos devido a uma suposta harmonia representada no comercial, conforme afirma no artigo:

Far more enduring and important than these small treats, in what is now essentially a provincial city, is another compensation for those who have to put up with the difficulties of life in Rio. One example will make it plain. Recently a large advertisement showed a young Negro cook, overcome by her pleasure in having a new gas stove, leaning across it toward her white mistress, who leaned over from her side of the stove as they kissed each other on the cheek.

Granted that the situation is not utopian, socially speaking, and that the advertisement is silly – but could it have appeared on billboards, or newspapers, in Atlanta, Ga., or even in New York? In Rio, it went absolutely unremarked on, one way or the other. (BISHOP, 2008, p.448) ³⁵

Cabe ressaltar que era desta maneira que Bishop via as relações raciais do Brasil, o que aparece, mais claramente, a título de curiosidade, no capítulo oito do livro *Brazil*, aquele dedicado aos grupos sociais no Brasil, quando declara em seus manuscritos:

*Brazilians are proud of their fine record in race relations.
Rather, their attitude can be best described by saying that the
upper-class Brazilian is usually proud of his racial tolerance, while
the lower-class Brazilian is not aware of his; he just practices it.
(...)*

³⁴ Tradução de Armando Olivetti Ferreira (2008, p. 400).

³⁵ Muito mais duradoura e importante que esses pequenos divertimentos, numa cidade que hoje é essencialmente provinciana, é outra compensação para aqueles que têm de enfrentar as dificuldades da vida no Rio. Um exemplo vai esclarecer a questão. Há pouco tempo, um grande anúncio mostrava uma jovem cozinheira negra maravilhada com o novo fogão a gás, inclinada sobre um dos lados do fogão, na direção da sua patroa branca, que, por sua vez, se inclinava sobre o outro lado, e se beijavam no rosto.

Uma vez que a situação não é utópica, em termos sociais, e que o anúncio é bobo – poderia ter aparecido em *outdoors* ou em jornais de Atlanta, Geórgia, ou até de Nova York? No Rio, passou totalmente despercebido, de um jeito ou de outro. (FERREIRA, 2008, p.412).

(...) to a South African or a North American or anyone who has lived in a "colonial" country, - to be able to hear black cook [fondly] call her small, elderly < white > mistress minha negrinha "my little nigger" <as a term of affection,>; comes as a revelation, - a breath of fresh air at last.

It was not planned; it just happened. But Brazil [is] now realiz[ing]<es> that her racial situation is one of her greatest assets (BISHOP, 1962: Box 47.8)³⁶

Brazilians are proud of their fine record in race relations. Rather, their attitude can be best described by saying that the upper-class Brazilian is usually proud of his racial tolerance, while the lower-class Brazilian is not aware of his; he just practises it.

dirty, short and cruel. And yet - to a South African or a North American or anyone who has lived in a "colonial" country, - to be able to hear a black cook ~~fondly~~ call her small, elderly mistress minha negrinha "my little nigger"; - comes as a revelation, - a breath of fresh air at last.

It was not planned; it just happened. But Brazil ~~is~~ now realizing that her racial situation is one of her greatest assets.

Figuras 10 e 11 – Recortes com trechos de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.8).

Bishop teria, portanto, elogiado o que percebia como um convívio racial harmonioso no Brasil, conforme demonstrado nos manuscritos do livro publicado em 1962. Bishop reitera essa opinião ao citar o comercial do fogão em seu artigo sobre o Rio de Janeiro em 1965 (BISHOP, 2008).

³⁶ #

Os brasileiros têm orgulho de suas boas relações raciais. Aliás, sua atitude pode ser melhor descrita por se afirmar que o brasileiro da classe alta normalmente é orgulhoso de sua tolerância racial, enquanto o brasileiro da classe baixa não é consciente da sua; ele apenas a pratica. .

(...)

(...) para um sul-africano ou norte-americano ou qualquer um que viveu num país "colonial" – ouvir uma cozinheira negra chamar [carinhosamente] sua pequena e idosa patroa <branca> de minha neguinha <como um termo de afeição>; vem como uma revelação- finalmente um sopro de ar fresco.

Não foi planejado; simplesmente aconteceu. Mas o Brasil [está] agora se dando conta de que sua situação racial é um de seus maiores bens. (tradução nossa)

Ao comentar esse artigo numa coluna para o jornal *Correio da Manhã*, o jornalista Fernando de Castro ataca duramente o artigo de Bishop, já que ela, em seu artigo, teria tecido críticas à cidade do Rio de Janeiro. De fato, no seu artigo, para cada elogio à cidade, Bishop tem uma crítica: “Rio is not a beautiful city, for example, but a beautiful setting for a city. The sambas were wonderful but are now being ruined by commercialization. After four hundred years, the city has grown shabby.”³⁷ (MILLIER, 1993, p.363). Por fim, Castro acusa Bishop de racista devido ao comentário final sobre o fogão, um dos poucos elogios de Bishop que não veio acompanhado de uma crítica (MILLIER, 1993).

Em contrapartida, Bishop escreve uma carta de resposta ao jornal, que fora traduzida por Lota, em que acusa o jornalista de não saber ler as expressões idiomáticas da língua inglesa e dizendo que viria a processá-lo caso ele tivesse alguma importância no cenário literário brasileiro (MILLIER, 1993). Para esclarecer seu ponto de vista sobre o comercial do fogão, Bishop reproduz, nesta carta, seu comentário como o teria escrito originariamente, sem as alterações do texto publicado. Explica, então, seu comentário da seguinte maneira, conforme reproduzido na tese de Armando Olivetti Ferreira (2008, p.412):

Muito mais duradoura e importante do que do que outros prazeres (referindo-se a concertos e exposições de arte), é esta outra compensação para os que têm que enfrentar as dificuldades da vida no Rio. Um exemplo demonstrará o que digo. Recentemente, um grande anúncio mostrava uma jovem cozinheira de cor, feliz pelo prazer de ter um novo fogão, beijando a sua jovem patroa no rosto... Fato é que esta situação é, socialmente falando, utópica, apesar do anúncio ser simples, mas poderia ele jamais ter aparecido em cartazes ou jornais de Atlanta, Ga, ou mesmo em Nova York? No Rio esse anúncio passou totalmente despercebido, de uma maneira ou de outra.

A resposta a esta minha pergunta retórica seria: não, um anúncio como este não poderia aparecer nos Estados Unidos, o que é uma pena. O fato é que ninguém no Rio sequer comentou este anúncio, contra ou a favor, que eu saiba, tomei como uma bonita e clara demonstração do fato de que o Brasil já atingiu um estágio avançado e altamente civilizado de integração racial. E a moral da história, que deve ser óbvia a qualquer um, é que as relações inter-raciais são melhores no Brasil do que nos Estados Unidos. Mas foi interpretada como prova de minhas ‘convicções racistas’. (BISHOP, 27 abr. 1965)

Segundo Millier (1993), Bishop se posicionava de maneira ambivalente em relação às questões raciais. Tomando uma posição que seria típica de uma norte-americana liberal branca de sua geração, Bishop era favorável à luta pelos Direitos Civis nos Estados Unidos e

³⁷ O Rio não é uma cidade maravilhosa, por exemplo, mas um maravilhoso cenário para uma cidade. Os sambas são excelentes, mas agora estão sendo estragados pela comercialização. Depois de quatro séculos a cidade se tornou gasta e suja.” (tradução nossa)

apreciava a postura de Martin Luther King. Ao mesmo tempo, ela teria desejado que a filha adotiva da amiga Mary Morse não se tornasse muito “Negroid” quando crescesse (MILLIER, 1993, p. 364). O que Bishop talvez não percebesse é que essa suposta “harmonia racial” tinha um preço a ser pago e que a “conta” ia para o negro no Brasil:

Elizabeth was not prepared to consider the deeper implication of the Brazilians’ “unconscious” acceptance of the social status quo in their country. The servants in Brazil were (and still are) almost always black; the mistresses and masters were relatively pale, if not absolutely white. As long as black Brazilians did not object to this arrangement, a remarkable racial peace did reign. The absence of conflict was an absolute good to Elizabeth (...) (MILLIER, 1993, 365)³⁸

4.4 OS TRAÇOS DE BISHOP NO TEXTO PUBLICADO

Segue agora a análise de alguns trechos do livro editado, que ecoam certos elementos do discurso colonial. Também será chamada a atenção para os trechos do texto publicado que podem estar associados aos fragmentos do capítulo cinco, deixados por Bishop, já que tal associação sugere a autoria de Bishop em relação a certos trechos publicados. Serão traçados paralelos entre esses trechos e outros escritos pela autora, tais como trechos de sua correspondência e poemas. Além disso, embora essa análise focalize mais diretamente o capítulo cinco do livro *Brazil*, serão utilizados alguns trechos de manuscritos de outros capítulos do livro para justificar alguns pontos de vista. Afinal, um livro é um sistema e, como tal, a análise de um capítulo dá-se na contextualização do sistema do qual faz parte.

No exemplar publicado do livro *Brazil*, aquele que contém as anotações de Bishop na marginália, guardado na Universidade de Harvard, conforme descrito na introdução deste trabalho, está a seguinte inscrição feita pela autora:

³⁸ Elizabeth não estava preparada para considerar as implicações mais profundas da “inconsciente” aceitação do *status quo* social dos brasileiros. Os empregados domésticos no Brasil eram (e ainda são) quase sempre negros; os patrões e patroas são relativamente claros, quando não são brancos. Desde que os negros brasileiros não fizessem objeção a esse estado de coisas, uma paz racial excepcional reinaria. Essa ausência de conflito era um bem absoluto para Elizabeth (...) (tradução nossa)

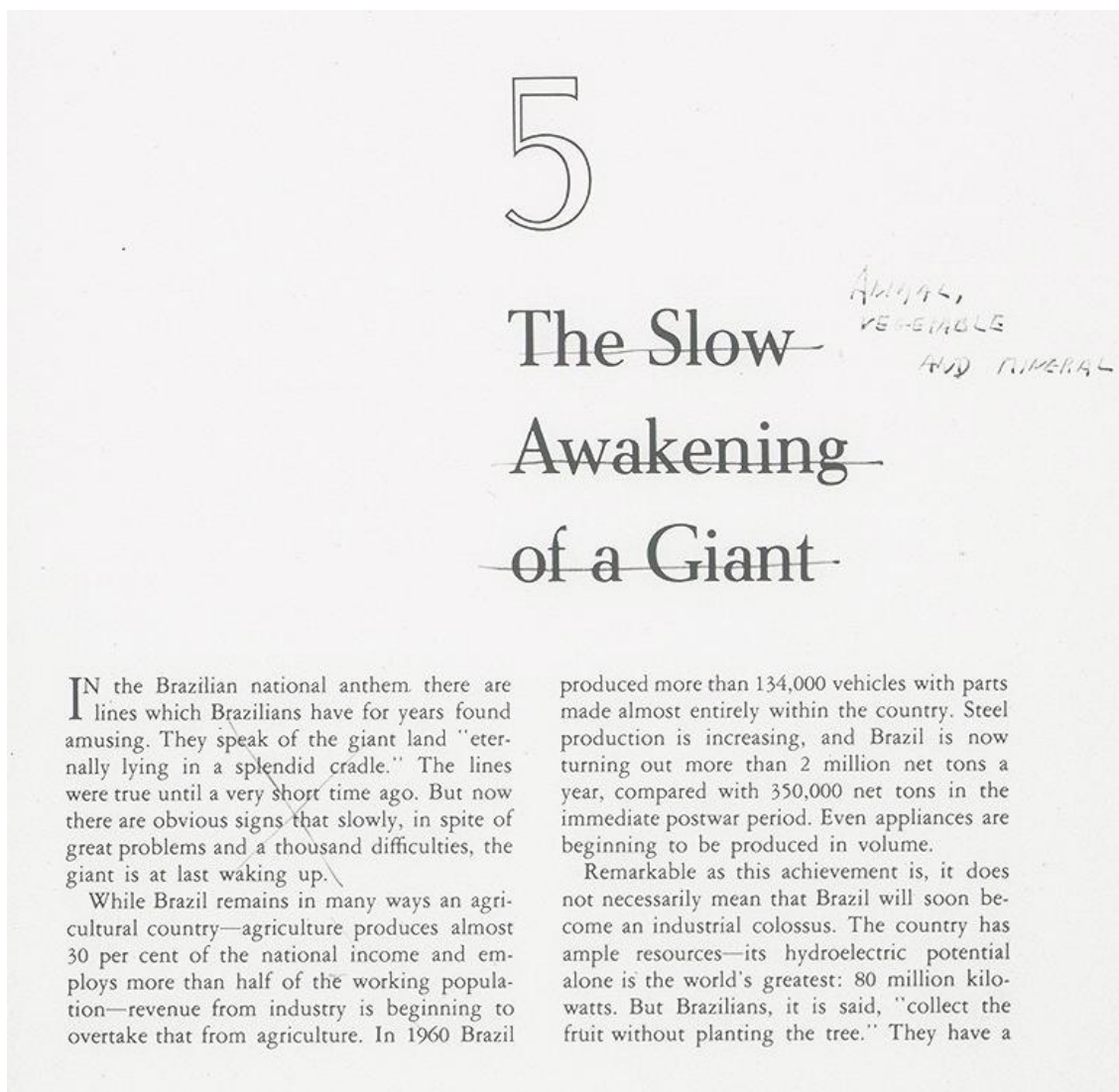


Figura 12 – Primeira página do capítulo cinco de *Brazil*, com anotações de Bishop (BISHOP, 1962, p.69).

Para facilitar a visualização do recorte feito para a análise deste trecho, repete-se abaixo o trecho do livro publicado a ser comentado:

The Slow Awakening of a Giant

In the Brazilian national anthem there are lines which Brazilians have for years found amusing. They speak of the giant land “eternally lying in a splendid cradle”. The lines were true until a very short time ago. But now there are obvious signs that slowly, in spite of great problems and a thousand difficulties, the giant is at last waking up. (BISHOP, 1962, p. 69)³⁹

³⁹O Lento Despertar de um Gigante

O primeiro parágrafo do capítulo cinco de *Brazil* aparece riscado com um “x” pela autora, o que leva a crer que este parágrafo seja totalmente de autoria dos editores da *Time-Life* (FERREIRA, 2008, p. 215). No próprio título dado pelos editores da *Time-Life* subjaz a mensagem de que o Brasil teria sido incapaz ou lento para desenvolver e explorar os recursos naturais de seu território. O texto publicado continua da seguinte maneira:

While Brazil remains in many ways an agricultural country – agriculture produces almost 30 per cent of the national income and employs more than half of the working population – revenue from industry is beginning to overtake that from agriculture. In 1960 Brazil produced more than 134,000 vehicles with parts made almost entirely within the country. Steel production is increasing, and Brazil is now turning out more than 2 million net tons a year, compared with 350,00 net tons in the immediate postwar period. Even appliances are beginning to be produced in volume.

Remarkable as this achievement is, it does not necessarily mean that Brazil will soon become an industrial colossus. The country has ample resources – its hydroelectric potential alone is the world’s greatest: 80 million kilowatts. But Brazilians, it is said, “collect the fruit without planting the tree.” They have a national penchant for skimming off quick profits instead of laying the foundation for solid future earnings. The economic history of Brazil could almost be told in its long succession of spectacular booms. Brazil’s economy was dominated by sugar, gold and coffee in succession, with brief interludes devoted to other products. But the country is today trying to diversify, rather than depend on single crops or industries. (BISHOP, 1962, p. 69-70)⁴⁰

Este trecho confirma a ideia embutida no título do capítulo de que, no Brasil, os recursos são abundantes, mas os brasileiros não saberiam explorar suas próprias riquezas. Mais uma vez, evocando elementos do discurso colonial, lê-se uma edenização da terra e uma

No hino nacional existem versos que os brasileiros sempre acharam engraçados. Eles falam de uma terra gigante ‘deitada eternamente em berço esplêndido’. Os versos foram verdadeiros até pouco tempo atrás. Mas agora há sinais óbvios de que lentamente, a despeito de grandes problemas e de milhares de dificuldades, o gigante está finalmente despertando. (FERREIRA, 2008, p.215)

⁴⁰Embora o Brasil permaneça sob vários aspectos um país agrícola – a agricultura é responsável por cerca de 30 por cento das divisas nacionais e emprega mais da metade da população ativa -, o ganho industrial está começando a sobrepujar o agrícola. Em 1960 o Brasil produziu mais de 134 mil veículos, com partes fabricadas quase inteiramente no país. A produção de aço está crescendo e hoje já passa de 2 milhões de toneladas por ano, enquanto logo após a Segunda Guerra Mundial esse número chegava a apenas 350 mil toneladas. Até mesmo utensílios domésticos começam a ser produzidos em grande volume.

Por mais notável que seja essa marca, ela não implica que o Brasil vá tornar-se em breve um colosso industrial. O país tem amplos recursos – seu potencial hidrelétrico é o maior do mundo: 80 milhões de quilowatts. Mas os brasileiros, dizem, “colhem a fruta sem terem plantado a árvore”. Existe uma queda nacional por conseguir lucros rápidos em vez de lançar as bases para sólidas poupanças futuras. A história econômica brasileira quase poderia ser narrada em sua longa sucessão de booms espetaculares. A economia foi dominada pelo açúcar, depois pelo ouro e pelo café, com breves interlúdios devotados a outros produtos. Mas o país busca hoje diversificar, em vez de depender de um só produto agrícola ou industrial. (FERREIRA, 2008, p. 215)

demonização da população nativa. Neste trecho deixa-se de observar que o desejo da elite brasileira de obter lucros rápidos nos seus negócios seja uma assimilação da herança colonial; o objetivo da metrópole era extrair toda a riqueza possível da colônia e investir quase nada em contrapartida para o bem-estar daqueles que viviam nas terras colonizadas.

Uma evidência de que essa crítica ao desejo de lucros rápidos da elite brasileira está ligada à herança colonial brasileira é a referência feita aos produtos explorados no país pelos portugueses, no período colonial, como o açúcar, o ouro e o café. Esse trecho atribui aos brasileiros a decisão pouco inteligente de se dedicarem às monoculturas do café e do açúcar, além de explorarem o ouro, por vontade própria, ignorando todo o processo de dominação colonial ao qual o Brasil estava submetido à época do auge da produção do açúcar, café e ouro. A escolha da produção desses produtos específicos se deu simplesmente porque importava aos portugueses que o Brasil se dedicasse ao cultivo e à exploração dos produtos que eram do interesse da metrópole, e não dos produtos que interessariam aos brasileiros.

De fato, Bishop tinha lá seus bons motivos para reclamar da superficialidade com que os editores da *Time-Life* abordaram tais assuntos no livro *Brazil*. Este parágrafo é, sem dúvida, um exemplo da frivolidade com que foram tratados os assuntos brasileiros. No fragmento do manuscrito de Bishop, que contém o *outline* daquele capítulo cinco, percebe-se que estava nos planos dela mencionar as monoculturas dos referidos produtos, mas não se tem evidência de que seria de sua autoria a associação entre essas monoculturas coloniais e a crítica ao lucro rápido da elite brasileira.

O próximo trecho a ser analisado contém elementos sugestivos de que Bishop teria sido a autora de boa parte do mesmo:

Although from the beginning sugar was the principal product in the northeast, cattle were a stimulus to colonization and the opening of new lands. In search of pastures for their herds, cattlemen pushed deep into the northeast interior. Cattle raising changed from a simple adjunct of the great plantations to an independent activity. From it came the so-called "leather civilization" that developed in this whole vast region of Brazil during the first centuries of the country's history. The horse, upon which cattle raising depended, today inseparable from the gaucho of the Brazilian pampas and the *vaqueiro* of the northeast, became acclimated throughout the country. Today Brazil has more than 8 million horses.

In the northeast most of the cattle are descendants of the original herds. They are small and give little milk, but are tough and resistant. Over the years, the government and progressive cattle raisers have improved the stock throughout the country by crossing it with the zebu or Brahman, introduced from India. This animal is well-adapted to the harsh northern conditions of heat, drought and meager pasturage, and it thrives where the

finest European stock dies off or quickly sickens and degenerates. Zebus, with their high shoulder humps, high-domed skulls and long, drooping ears, have become common in most of Brazil, adding an exotic yet somehow not incongruous note to the landscape. (BISHOP, 1962, p. 70)⁴¹

Pode-se reconhecer pistas que apontam para a autoria de Bishop deste trecho. Em primeiro lugar, a criação de gado brasileiro consta do seu esboço como um dos assuntos a serem incluídos no texto do capítulo cinco de *Brazil*. Além disso, sua lista de referências bibliográficas inclui vários livros cuja temática seria exatamente a criação de gado brasileira, bem como o desenvolvimento da cultura popular em torno dessa atividade produtiva que, no trecho comentado, é chamada de “civilização do couro” (BISHOP, 1962, p. 70). Pela análise da lista de referências bibliográficas escolhida por Bishop, bem como pela análise deste trecho, que parece conter muito do texto da escritora, apreende-se que a atenção da autora estava sobremaneira voltada para a cultura popular brasileira. Esta desejava tematizar a criação de gado, com suas tradições e lendas folclóricas, além de figuras típicas das regiões, como o vaqueiro, a fazendeira, o garimpeiro, o cangaceiro e o gaúcho, segundo consta no esboço de Bishop. Infelizmente, apenas a figura do vaqueiro passou para o texto publicado, cuja descrição detalhada de sua indumentária aparece nos manuscritos do capítulo seis de *Brazil*:

*Another art has developed in the zones the sociologists call t
“leather – culture” / (pastoral): a great [a]riety of articles made from calf-
skin. The most esteemed, however, are those [made] of deer-skin, - and deer
are plentiful in the scrub-forests of the northeast. The cowboy’s leather
costume is made to protect him from the thorns and sharp-edged leaves of
the caatinga, the scrub-forests, and its varieties of <low-growing> cacti and
thorny
trees[t]. It is like medieval armor, made in leather: leggings, serving the
smaw purpose as an American cowboy’s s “chaps”, but tight-fitting and extending*

⁴¹Embora desde o início o açúcar tenha sido o principal produto do Nordeste, a criação de gado constituiu um estímulo para a colonização e para a conquista de novas terras. Em busca de pastos para seus rebanhos, vaqueiros penetraram fundo no interior nordestino. A criação de gado deixou de ser um simples apêndice das grandes plantações e tornou-se uma atividade independente. Daí surgiu a chamada “civilização do couro” que se desenvolveu por toda essa vasta região do Brasil durante os primeiros séculos de sua história. A criação de gado dependia do cavalo, animal hoje inseparável do gaúcho dos pampas e do vaqueiro do Nordeste, e que se aclimatou em todo o país. Hoje, o Brasil tem mais de oito milhões de cavalos.

No nordeste a maior parte do gado descende dos rebanhos originais. Os animais são pequenos e dão pouco leite, mas são fortes e resistentes. Ao longo dos anos, o governo e os criadores progressistas melhoraram os rebanhos de todo o país cruzando-os com o zebu ou brâmane, trazido da Índia. Esse animal é bem adaptado às condições severas de calor, seca e pasto escasso do Nordeste, e ele sobrevive onde o melhor gado europeu morre ou adoce e degenera rápido. Zebus, com suas altas corcovas, crânios arredondados e orelhas longas e pendentes, tornaram-se comuns na maior parte do Brasil, adicionando uma nota exótica, mas de alguma maneira não incongruente, à paisagem. (FERREIRA, 2008, p.216-7)

over the top of the foot, like spats; an apron, a "chest-protector," and over all the leather "doublet," with long sleeves meeting the leather gloves or mits. On the head the cowboy wears leather hat, with a strap under the chin. All these garments are fancifully decorated: embroidered, inlaid in different colored leather, stamped. (...) (BISHOP, 1962, Box 47. 6)⁴²

Another art has developed in the zones the sociologists call the "leather-culture" (pastoral): a great variety of articles made from calf-skin. The most esteemed, however, are those made of deer-skin, - and deer are plentiful in the scrub-forests of the northeast. The cowboy's leather costume is made to protect him from the thorns and sharp-edged leaves of the caatinga, the scrub-forest, and its varieties of ^{low-growing} cacti and thorny trees. It is like medieval armor, made in leather: leggings, serving the same purpose as an American cowboy's "chaps," but tight-fitting and extending over the top of the foot, like spats; an apron, a "chest-protector," and over all the leather "doublet," with long sleeves meeting the leather gloves or mits. On his head the cowboy wears a leather hat, with a strap under the chin. All these garments are fancifully decorated: embroidered, inlaid in different colored leather, stamped. Their saddles are equally

Figura 13– Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.6).

Este trecho atesta, mais uma vez, o detalhismo da autora em suas descrições, sendo que sua sensibilidade artística permitia que ela enxergasse arte em objetos de uso cotidiano, como naqueles utilizados na lida com o gado. Infelizmente, todo esse esforço descritivo de Bishop não foi honrado, e nem sobrou sequer uma foto do vaqueiro nordestino, que ela queria publicar.

⁴² # Outra arte que se desenvolveu nas áreas em que os sociólogos chamam de cultura do couro ou pastoril: uma grande variedade de artigos feitos de couro de bezerro. Os mais apreciados, no entanto, são os artigos feitos de couro de veado - e há veados em abundância nos arbustos das matas do nordeste. A roupa de couro do vaqueiro é feita para protegê-lo dos espinhos e folhas de pontas afiadas da caatinga, as matas cheias de arbustos, and suas espécies de cactos baixos e árvores espinhosas. É como a armadura medieval, feita de couro: perneiras, que servem ao mesmo propósito que as "chaps" do cowboy americano, mas mais ajustado e se estendido até em cima dos pés, como polainas; um colete, um protetor peitoral, e, por cima de tudo o gibão de couro com mangas compridas que vão até as luvas de couro. Na cabeça do vaqueiro um chapéu de couro, com uma tira embaixo do queixo. Toda essa vestimenta é muito decorada: bordados, enfeites com pedaços de couro coloridos, estampas (...) (tradução nossa)

Enquanto o enfoque da *Time-Life* para os produtos do Brasil priorizava a questão do desenvolvimento industrial, Bishop estava mais interessada na cultura popular que cercava a manufatura dos produtos típicos do país. O próximo trecho do texto publicado do capítulo cinco de *Brazil* traz um parágrafo que enfatiza essa cultura popular, mais especificamente, um produto da cana-de-açúcar tipicamente brasileiro, a cachaça:

One product of the sugar cane is *aguardente*, generally called *cachaça* or *pinga*. A clear, fiery, powerful drink made since colonial times, it is known as “the brandy of the poor”. *Cachaça* is now being exported. There is no Brazilian product surrounded by so much folklore as *cachaça*; a whole cycle of songs celebrates it. The names by which it is called, mostly affectionate nicknames – “the grandmother”, “the little blonde”, “the thread of gold” – show the esteem in which *cachaça* is regarded. When a man takes a drink at the nearest corner bar, he always spits out a little of the first mouthful onto the floor, as an offering to whichever saint he believes to be the donor of the liquor. (BISHOP, 1962, p. 74)⁴³

O álcool, esse elemento presente nos rituais profanos desde a Antiguidade, em forma de vinho e iconizado pela figura de Dionísio ou Baco, na cultura greco-romana, também se faz presente na cultura folclórica brasileira, que mistura tranquilamente o sagrado com o profano em seu dia-a-dia. Só que no ritual profano brasileiro, esse elemento toma a forma da cachaça, muitas vezes bebida em honra a um santo que se quer homenagear. A cachaça, juntamente com o charuto, são elementos que marcam presença nos rituais religiosos afro-brasileiros que Bishop presenciou em Salvador, na Bahia, quando visitou terreiros de camdomblé na companhia de Jorge Amado (MILLIER, 1993). Segundo Anastácio (2003), essas imagens teriam causado uma forte impressão em Bishop, que incluiu esses elementos característicos dos rituais de candomblé ou umbanda, a cachaça e o charuto, em seu poema *The riverman* para descrever o ritual de iniciação xamanística de um jovem ribeirinho do Amazonas, conforme trecho do poema:

(...)
They gave me a shell of *cachaça*
and decorated cigars.
The smoke rose like mist
through the water, and our breaths
didn't make any bubbles.

⁴³ Um dos produtos da cana é a aguardente, quase sempre chamada cachaça ou pinga. Essa bebida clara e fortíssima, feita desde os tempos coloniais, é conhecida como “o drinque do pobre”. Agora, a cachaça está sendo exportada. Não existe produto brasileiro tão envolto em folclore quanto ela; todo um ciclo de canções lhe é dedicado. Os nomes pelos quais é chamada, em geral apelidos afetuosos – “a avó”, “moça-loura”, “fio-de-ouro” – mostram a estima dedicada à cachaça. Quando um homem toma uma dose no bar da esquina mais próxima, sempre cospe no chão um pouco do primeiro gole, como uma oferenda para seu santo padroeiro. (FERREIRA, 2008, p.224)

We drank *cachaça* and smoked
the green cheroots. The room
filled with gray-green smoke (...) (BISHOP, 2008, p. 86)⁴⁴

Afora esse interesse pela cultura popular associada às atividades produtivas no Brasil, como a criação de gado e a manufatura de produtos típicos, como a *cachaça*, Bishop também gostava de observar os animais, descrever detalhes de sua aparência, o que corrobora com a descrição do boi zebu no texto publicado: “Zebus, with their high shoulder humps, high-domed skulls and long, drooping ears”⁴⁵ (BISHOP, 1962, p. 70). Em várias partes de sua correspondência Bishop demonstrava um carinho especial pelos seus animais de estimação e curiosidade a respeito dos animais “exóticos” que encontrou no Brasil.

Neste trecho de uma de suas cartas, Bishop descreve os animais que encontrou em viagem pelo Rio São Francisco, a bordo de um barco a vapor em 1967:

I found this picture I cut out for you ages ago, in one of my notebooks. The sternwheeler pictured is not the one I went on. Mine was considerably smaller – but you get the idea: wood, pigs, hens, a ram, a few hammock passengers (bring your own hammock) below – and a few, in my case only 15, cabin passengers above. We ate the animals as we went along – except that I stopped eating almost, and certainly didn’t touch meat, after the slaughter of the big, gentle ram with curling horns. As for birds, the Amazon is a 1,000 times better – but still, a lot of white herons, an occasional huge gray-blue one, hawks, and tiny swallows, black and white – that popped into little round holes in the bank as we went by. And something like a cormorant. The gray-blue heron flew alongside, lit in the rushes, flew again, lit down again, etc., for quite a long way. I finally decided he or she was thinking we were after the nest and was trying to mislead the whole boat. (BISHOP, 1994, p. 463-4)⁴⁶

⁴⁴ (...) Me deram uma concha de *cachaça* / e charutos decorados. / A fumaça subia como nuvem / pela água, e nossa respiração / não fazia bolhas. / Bebemos *cachaça* e fumamos / os charutos verdes. A casa cheia daquela fumaça verde (...) (tradução nossa)

⁴⁵ Zebus, com suas altas corcovas, crânios arredondados e orelhas longas e pendentes (tradução nossa)

⁴⁶ Encontrei esta foto que recortei para você há milênios, num dos meus cadernos. O vapor que aparece nela não é o mesmo em que viajei. O meu era bem menor – mas assim mesmo serve para dar uma idéia: madeira, porcos, galinhas, um bode, alguns passageiros em redes (cada um com a sua) embaixo – e uns poucos, no meu caso apenas quinze, em cabines em cima. Nós comíamos os animais ao longo da viagem – só que eu praticamente parei de comer; e me recusei a comer carne, depois que mataram um bode, uma criatura grande e mansa, com chifres curvos. Em matéria de aves, o Amazonas é mil vezes melhor – mas assim mesmo tem muitas garças brancas, uma ou outra de um cinza-azulado, falcões e pequenas andorinhas, pretas e brancas, que se enfiavam em buraquinhos redondos na margem do rio. E também uma espécie de cormorão. A garça cinza-azulado voou ao longo do rio, pousou nos juncos, levantou vôo outra vez, pousou de novo, e ficou fazendo isso um bom tempo. Acabei concluindo que ela achava que nós estávamos atrás do ninho dela e estava tentando nos despistar. (BISHOP, 1995, p. 510)

Percebe-se que a sensibilidade de Bishop permitia que ela enxergasse os animais, mesmo aqueles destinados à alimentação, como o boi zebu citado no livro *Brazil* e o bode mencionado na carta acima, com um olhar compassivo e atento aos detalhes físicos. A autora até mesmo era sensível à “energia” transmitida pelo animal: “except that I stopped eating almost, and certainly didn’t touch meat, after the slaughter of the big, gentle ram with curling horns.” (BISHOP, 1995, p. 510)⁴⁷.

Os animais de estimação ocupam um lugar especial na correspondência de Bishop. Há várias menções em cartas a trechos em que Bishop descreve as peripécias de seu gato Tobias e seu amado tucano Tio Sam, além de se deter em observar as aves e borboletas que encontra no Brasil:

Sammy, the toucan, is fine. A neighbor built him a very large cage in which he seems quite happy, and I give him baths with the garden hose. Someone also brought him a big pair of gold earrings from the Petrópolis “Lojas Americanas” (5&10) and he loves them. He has two noises – one a sort of low rattle in his throat, quite gentle, if he is pleased with you, or cranky, if he isn’t, and the other, I’m afraid, a *shriek*. He also has the shortest intestinal tract ever known, I think, and has to eat constantly and is far from neat. Just a few minutes ago I found a hummingbird in the pantry – quite a big one, yellow and black. I got it out with an umbrella. There are such varieties of them – and now the butterflies have come for summer – some enormous, pale blue iridescent ones, in pairs. (...) And I’ve never seen such moths. (...) The house is all unfinished and we’re using oil lamps so of course we get thousands, and mice, and large black crabs like patent leather, and the biggest walking-stick bugs I’ve ever seen. (BISHOP, 1994, p. 238)⁴⁸

The cat teases him {toucan} all the time – takes naps on the top of his cage and dangles a paw over him – and Sammy just cocks his blue eyes up at him on one side then the other, and goes on swallowing his endless bananas and when he gets a good change taking a terrific peck at the cat’s nose... (BISHOP, 1995, p. 300)⁴⁹

⁴⁷ só que eu praticamente parei de comer; e me recusei a comer carne, depois que mataram um bode, uma criatura grande e mansa, com chifres curvos. (BISHOP, 1995, p. 510)

⁴⁸ Sammy, o tucano, vai muito bem. Um vizinho fez uma gaiola enorme para ele, e o Sammy parece se sentir muito bem dentro dela. Eu dou banho nele com a mangueira do jardim. Alguém também trouxe para ele um par de brincos de ouro enormes comprados nas Lojas Americanas de Petrópolis, e o Sammy adorou. Ele emite dois ruídos diferentes – um é uma espécie de ronco gutural grave, bem suave, quando ele está satisfeito com você, ou mal-humorado, quando ele não está; o outro som, devo confessar, é um *guincho*. Além disso, ele tem o tubo digestivo mais curto que já ouvi falar, é obrigado a comer o tempo todo e não é lá muito limpo. Ainda há pouco encontrei um beija-flor na dispensa – um dos grandes, amarelo e preto. Expulsei-o de lá com um guarda-chuva. A variedade de beija-flores é extraordinária – e agora com o verão chegaram as borboletas – umas enormes, de um azul-claro iridescente, aos pares. (...) E nunca vi mariposas iguais às daqui. (...) A casa ainda está inacabada, usamos lampiões de querosene e é claro que as mariposas são atraídas aos milhares, juntamente com os camundongos, e uns caranguejos pretos grandes que parecem de verniz, e os maiores bichos-paus que já vi na minha vida. (BISHOP, 1995, p. 244)

⁴⁹ O gato vive mexendo com ele {o tucano} – dorme em cima da gaiola e enfia a pata dentro – e o Sammy limita-se a entortar a cabeça e olhar para ele com um dos olhos azuis, depois com o outro, e continua engolindo

Essas são algumas das muitas menções que Bishop faz em cartas a seus animais de estimação e outros bichos que conheceu no Brasil. Percebe-se, nesses trechos de cartas, que Bishop amava os animais e, provavelmente, teria escrito para o livro *Brazil* detalhadas descrições dos animais no mesmo tom afetuoso e espirituoso das cartas. Mesmo assim, esse afeto, essa sensibilidade, o seu olhar atento aos detalhes são perceptíveis, ainda que minimamente, na descrição do boi zebu. Nessa descrição o boi é visto como um elemento “exótico” nas paisagens do interior das regiões criadoras de gado do Brasil. Para o autor desse trecho, cujos indícios textuais apontam para Bishop, o boi zebu é mais do que uma mercadoria; é um animal que tem uma aparência que lhe chama a atenção e merece ser descrita, não meramente um objeto de consumo considerado apenas por causa da excelência de sua carne. É visto, portanto, como um objeto estético em uma paisagem que não escapa ao olhar de uma viajante atenta e sensível, enfim, ao olhar de uma poetisa.

O próximo trecho do capítulo cinco do livro *Brazil* publicado segue falando sobre a criação de gado no Brasil, e também, se configura dentro do estilo de Bishop, no seu gosto pelas histórias trágicas e, ao mesmo tempo, cômicas dos mais pobres no Brasil.

In Pará, especially on the island of Marajó, the Indian water buffalo has been introduced and seems completely at home. The wilderness and abundant rivers and swamps of the huge island provide the kind of semiaquatic life this semidomesticated beast prefers, while ordinary cattle, even zebu, do not thrive there. The buffalo present some small problems on occasion, though. Buffalo like to lean on things and meditate. Sometimes they lean on their owners' frail mud-and-wattle houses, which collapse under them. (BISHOP, 1962, p. 71)⁵⁰

Neste trecho, evidencia-se o gosto de Bishop pelo que considerava diferente, estranho do dia-a-dia da vida dos brasileiros. Estranho ao seu olhar de estrangeira, em uma cultura tão diferente da sua própria. O toque de comicidade adicionado à tragédia da queda de uma casa sobre os seus habitantes vem da imagem do boi inclinado sobre a parede de pau-a-pique e

uma infinidade de bananas, e quando tem uma boa oportunidade dá uma tremenda bicada no focinho do gato [...] (BISHOP, 1995, p. 318)

⁵⁰ No Pará, sobretudo na Ilha de Marajó, o búfalo aquático indiano foi introduzido e parece sentir-se em casa. As áreas despovoadas e os rios e pântanos abundantes dessa ilha enorme fornecem o ambiente para a vida semi-aquática que esses animais semidomésticos preferem, ao passo que o gado comum, mesmo o zebu, não sobrevive ali. No entanto, às vezes o búfalo apresenta alguns pequenos problemas. Ele gosta de se apoiar nas coisas e meditar. Às vezes, eles se apóiam sobre as frágeis casas de pau-a-pique de seus donos, e elas caem. (FERREIRA, 2008, p. 218)

“meditando”. Aliás, Bishop se interessava pelas histórias que presenciou e considerava tipicamente brasileiras, contando muitas delas em cartas para amigos.

We were given a tremendous turkey for Christmas, alive. One of the workmen killed it for me – he wanted to know if I wanted to give it *cachaça* first (a very strong sugarcane vodka stuff). I thought it was for humanitarian reasons but no, it seems it’s supposed to relax the poor bird and it tender. Well, I roasted it and it turned out very well. (BISHOP, 1994, p. 252)⁵¹

The most miserable painter or plumber we get always changes his clothes at work and takes a shower in the maid’s bathroom and puts on his street clothes again before going out. They live in filth, unavoidably, but they’re personally fastidious. (BISHOP, 1994, p. 418)⁵²

Robert Giroux (1995), na sua introdução do livro *Uma arte*, coletânea de cartas de Bishop que editou, comenta sobre o famoso “olho” de Bishop para observar detalhes interessantes nas situações que presenciava no Brasil. Aliás, Bishop planejou escrever um livro sobre o Brasil, contando as histórias que presenciou no país, mas, apesar de ter juntado bastante material de pesquisa para esse livro, nunca concretizou seu plano (FERREIRA, 2008). Numa anotação de Bishop, para a introdução deste livro sobre o Brasil que nunca chegou a escrever, cujo manuscrito está disponível juntamente com os manuscritos do livro *Brazil*, na Vassar College, ela parece estar consciente da sua perspicácia em apreender o jeito de ser do brasileiro:

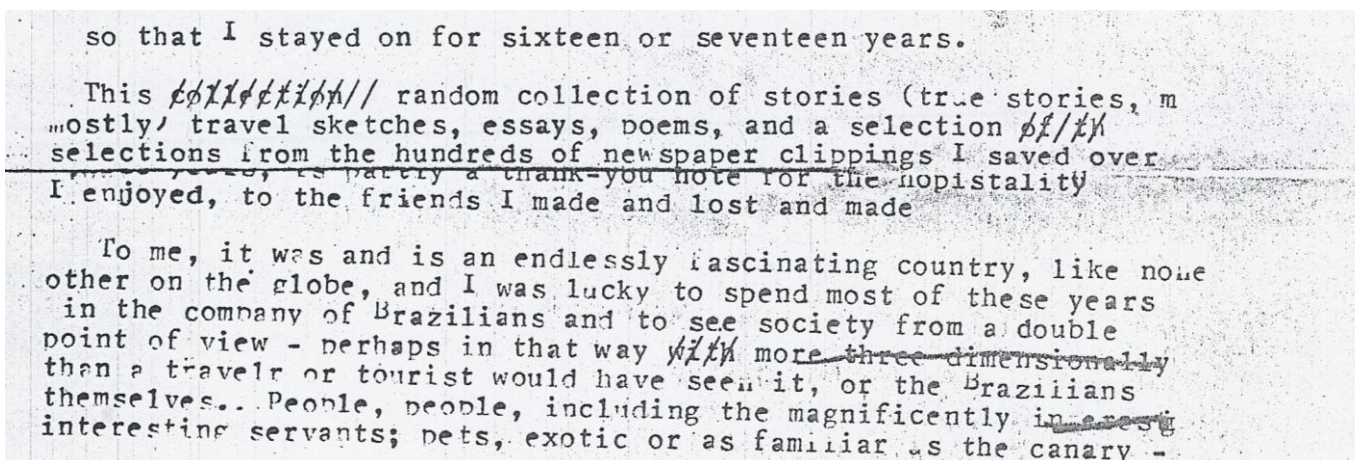
so that I stayed on for sixteen or seventeen years.
This [collection] random collection of stories (true stories, m
ostly, travel sketches, essays, poems, and a selection [of th]
selections from the hundreds of newspapers clippings I saved over
these years, is partly a thank-you note for the hopistality
enjoyed, to the friends I made and lost and made

To me, it was and is an endlessly fascinating country, like none
other on the globe, and I was lucky to spend most of these years
in the company of Brazilians and to see society from a double
point of view – perhaps in that way [with] more [three dimensionally]
than a travelr or tourist would have seen it, or the Brazilians

⁵¹ Ganhamos no Natal um peru imenso, vivo. Um dos operários matou-o para mim – me perguntou se eu queria primeiro dar ao bicho cachaça (uma espécie de vodka forte, feita de cana-de-açúcar). Eu pensava que fosse por motivos humanitários, mas não – parece que relaxa o coitado e a carne fica mais macia. Mas eu assei o peru e ficou uma delícia. (BISHOP, 1995, p. 259)

⁵² O pintor ou bombeiro mais miserável que a gente pega aqui sempre troca de roupa no trabalho e toma um banho de chuveiro no banheiro de empregada e põe a roupa de andar na rua antes de sair. Vivem na imundície, o que é inevitável, mas quanto ao asseio pessoal são limpíssimos. (BISHOP, 1995, p. 458-9)

themselves.. People, people, including the magnificently [interest]
interesting servants; pets, exotic or as familiar as the canary (BISHOP,
1962: Box 47.1)⁵³



so that I stayed on for sixteen or seventeen years.

This ~~collection~~ random collection of stories (true stories, m
ostly travel sketches, essays, poems, and a selection ~~of the~~
selections from the hundreds of newspaper clippings I saved over
I enjoyed, to the friends I made and lost and made

To me, it was and is an endlessly fascinating country, like none
other on the globe, and I was lucky to spend most of these years
in the company of Brazilians and to see society from a double
point of view - perhaps in that way ~~with more three dimensionally~~
than a traveler or tourist would have seen it, or the Brazilians
themselves.. People, people, including the magnificently ~~interest~~
interesting servants; pets, exotic or as familiar as the canary -

Figura 14 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.1).

Nesta nota, há algumas pistas na direção de como seria um livro sobre o Brasil que Bishop gostaria de ter escrito e teria intitulado *Black beans and diamonds* (Feijões pretos e diamantes) (FERREIRA, 2008). Parece que estava nos planos de Bishop incluir as histórias que teria vivenciado na companhia dos brasileiros, privilegiando peculiaridades de seu comportamento. O livro também deveria incluir o comportamento de animais e crianças, duas paixões de Bishop no Brasil. Essa viajante sabia que possuía um olhar particularmente perspicaz em reconhecer as particularidades e diferenças do outro brasileiro. Um olhar atento para a espontaneidade dos brasileiros, especialmente dos pobres, conforme ilustra essa história encontrada juntamente com os manuscritos do livro *Brazil*, e que, provavelmente é parte do material que Bishop reuniu para seu livro que não foi concluído:

*I picked up a very poor wobbly old taxi from the airport, with a
very poor nervous young driver. There were evn holes in the floor and I could
see the road road gliding backwards underneath me. First he had to stop for a
long time at a filling station, and asked me for some of my fare in advance,
to buy gasoline and, I suspected, pay an old bill. Then the car stopped two or
three times and he had to get out and adjust things under the hood. At the
barreiro we were stopped for along time; apparently his license had expired.*

⁵³#

então eu acabei ficando por dezesseis ou dezessete anos. Essa [coleção] coleção aleatória de estórias (estórias verdadeiras na maioria, casos que aconteceram em viagens, ensaios, poemas, e uma seleção de centenas de recortes de jornais que guardei por todos esses anos, em parte é um agradecimento pela hospitalidade que desfrutei, e aos amigos que fiz e perdi e fiz

Para mim, esse é um país de um fascínio sem fim, como nenhum outro no mundo, e eu tive a sorte de passar a maior parte desses anos na companhia de brasileiros e de ver a sociedade de um duplo ponto de vista - talvez desse jeito [com] mais [tridimensionalmente] que um viajante ou turista teria visto, ou os brasileiros mesmos... Gente, gente, incluindo os incrivelmente interessantes empregados domésticos; animais de estimação, exóticos ou tão familiares quanto o canário – (tradução nossa)

The poor man was in such a state of nerves that his driving beame mre and more erratic and I thought I'd never get home.

When I did get home I paid him, with a large tip, and went into my room with my bags. The maid came in and said that my chauffuer wanted to say good-bye, and before I could go out to see him in the sala he had come into the bedroom and given me a fond abraço – the first time I have been hugged by a taxi-driver (BISHOP, 1962: Box 47.1)⁵⁴

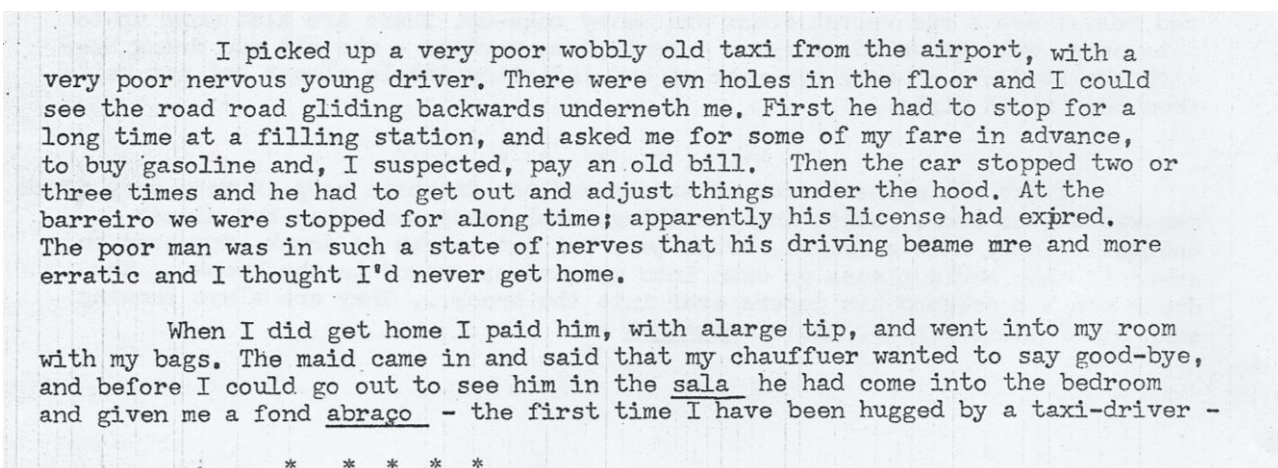


Figura 15 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.1).

O livro que Bishop gostaria de ter escrito sobre o Brasil, provavelmente algo como um diário de viagens, incluiria sua interação com brasileiros das diversas classes sociais que encontrou pelo caminho, especialmente os brasileiros da classe baixa, que considerava os personagens mais interessantes, como o taxista, a empregada e o jardineiro. Encantou-se tanto com o jardineiro de sua companheira Lota em Petrópolis, que fez dele protagonista de um de seus poemas sobre o Brasil, intitulado *Manuelzinho* (1957); aliás, o nome do jardineiro serviu de inspiração para o título do poema.

⁵⁴ #

Eu peguei um taxi muito velho e todo frouxo no aeroporto, com um jovem motorista muito pobre e nervoso. Tinha até furos no piso do carro e dava para ver o chão embaixo deslizando ao contrário. Primeiro ele teve que parar por muito tempo num posto de gasolina e me pediu uma parte do pagamento adiantado, para pagar a gasolina e – suspeitei – pagar uma conta antiga. Então o carro parou duas ou três vezes e ele teve que sair do carro e ajustar alguma coisa dentro do capô do carro. Na barreira policial ficamos parados por um longo tempo; parece que a licença do taxista estava vencida. O pobre rapaz estava tão nervoso que começou a errar o caminho aí pensei que nunca iria chegar em casa.

Quando finalmente cheguei em casa e paguei o rapaz, dando uma generosa gorjeta, e fui para meu quarto com minha bagagem. A empregada entrou no quarto e disse que meu chofer queria se despedir, e antes que eu pudesse sair para o ver na sala, ele entrou no quarto e me deu um abraço caloroso – foi a primeira vez que fui abraçada por um motorista de taxi. (tradução nossa)

4.5 OS DISCURSOS CONFLITANTES NO CAPÍTULO CINCO DE *BRAZIL*

A seguir serão analisados alguns trechos do capítulo cinco do livro *Brazil* publicado, em que se percebem os traços da ideologia defendida pelos editores da *Time-Life* em contraste com as ideias e crenças de Elizabeth Bishop, que se fizeram conhecidas através de cartas e manuscritos da autora. O próximo trecho a ser analisado aborda o tema das riquezas naturais inexploradas no Brasil:

The country's immense coastline and teeming rivers should make fishing and processing fish much more important industries than they are. But commercial exploitation has just begun, and fish still represent one of the greatest undeveloped resources of the country. In the states of Pará and Amazonas there is, for example, the *pirarucu*, the fresh-water codfish, weighing up to 500 pounds. The *pirarucu* is an important item in the diet of the river people.

The commercial catch in the Amazon runs to only 90,000 tons a year, largely because fishing techniques used in the river are still primitive, as are those of many of the coastal fishermen. The beautiful, traditional *jangadas* of the northeast are merely rafts made of balsa trunks lashed together. They have one sail, and every object aboard must be tied fast to the deck. The fishermen venture on the high seas aboard the *jangadas*, but the hauls of fish they bring back are usually so small that it has been said that the real place for the picturesque *jangada* is in the folklore museum.

Some modernization has been taken place in the fishing industry. Several Japanese firms have formed motorized fleets in the south, specializing in tuna and whale. One large whale-processing plant has been built in at Cabo Frio, a coast town east of Rio. Whales are abundant, and whale meat is being urged on a somewhat reluctant public in the coastal markets as the cheapest form of meat. Lobster fishing has also been increasing, chiefly in Pernambuco and Ceará. Canning factories are being built along the coast. (BISHOP, 1962, p. 71)⁵⁵

⁵⁵ O imenso litoral do país e os seus rios caudalosos deveriam tornar a pesca e a indústria pesqueira muito mais importante. Mas a exploração comercial começou há pouco, e a pesca ainda representa uma das grandes fontes de recursos ainda inexploradas do país. Nos estados do Pará e do Amazonas existe, por exemplo, o pirarucu, o “bacalhau da água-doce”, que pesa até 250 kg. O pirarucu é um item importante na dieta dos ribeirinhos.

A pesca comercial no Amazonas não passa de 90 mil toneladas por ano, em grande parte porque as técnicas utilizadas no rio ainda são primitivas, assim como acontece entre muitos pescadores da costa. As belas e tradicionais jangadas do Nordeste são feitas de meros troncos de madeira balsa amarrados. Elas têm uma vela, e todos os objetos a bordo devem ser bem amarrados ao deque. Os pescadores se aventuram em alto-mar a bordo das jangadas, mas as quantidades de peixe que eles trazem são tão pequenas que o melhor lugar para a pitoresca jangada, dizem, é o museu folclórico.

Tem havido alguma modernização na indústria da pesca. Várias empresas japonesas organizaram frotas motorizadas no Sul, especializadas em atum e baleia. Construiu-se uma grande indústria para processamento de carne de baleia em Cabo Frio, cidade costeira a leste do Rio. Baleias são abundantes, e sua carne tem sido anunciada para um público até certo ponto relutante, nos mercados litorâneos, como a carne mais barata que existe. A pesca de lagostas também vem crescendo, especialmente em Pernambuco e no Ceará. Fábricas de conservas têm sido construídas ao longo da costa. (FERREIRA, 2008, p. 219-220)

Neste trecho, a impressão que se tem é a de que os editores da *Time-Life* utilizaram elementos da pesquisa, provavelmente de Bishop, a respeito do pirarucu e da jangada para desmerecer tais elementos da cultura popular, da pesca artesanal, atitude nada típica de Bishop.

Percebe-se, então, uma visão utilitária norte-americana, que prioriza o “progresso” e a produção em escala máxima, típicos do sistema capitalista e que seriam ideais defendidos pela a patronagem do livro *Brazil*.

A atitude de Bishop para com os métodos de produção artesanal que se praticava no Brasil era totalmente oposta. O capítulo seis do livro *Brazil* é aquele que trata da arte popular no Brasil, que Bishop intitula *The Unselfconscious Arts – As Artes Espontâneas* (BISHOP, 1962, Box 47.6). Durante todo este capítulo, Bishop louva a arte popular no Brasil, descrevendo vários tipos de trabalhos artísticos, especificamente os artesanais, destacando a criatividade do povo do interior em *fazer* seus próprios objetos de uso cotidiano. Delicia-se em vê-los criar suas próprias formas de entretenimento, já que não possuíam uma renda que lhes possibilitasse a compra de objetos prontos e o acesso às formas de entretenimento das cidades. A título de curiosidade, conforme afirma em manuscrito para o capítulo seis de *Brazil*:

#

*The Brazilian of the interior owns almost nothing and has little cash income. He is not a “consumer”; he still makes most of the things he wears and uses. He lives close to the life of the Indian and the primitive African. These are some of the reasons why, once away from the coastal cities, arts and handcrafts flourish in Brazil as they haven&t in the United States since colonial days. Since the man of the interior also has no entertainment (or hadn't until radio, now man's alter ego in Brazil as everywhere else), he still makes his own: songs, ballads, dances, ancient, sometimes very elaborate, folk-plays and rituals, according to the seasons and saints days. He weaves wool and cotton home-spun; plait straw and wicker; makes pottery; carves – and the richness and variety of these native arts owes much to the fact that they, too, like the people are racially mixed: Portuguese and Moorish, African and Indian, and now in southern Brazil sometimes German, Italian and Japanese, as well. (BISHOP, 1962, box 47.6)*⁵⁶

⁵⁶ #

Os brasileiros do interior não possuem quase nada e tem baixa renda. Ele não é um “consumidor”; ainda faz a maioria das coisas que veste e usa. Seu estilo de vida se aproxima do indígena e do africano primitivo. Há algumas razões pelas quais, longe das cidades costeiras, as artes e o artesanato florescem no Brasil como não floresceram nos Estados Unidos desde os tempos coloniais. Uma vez que o homem do interior também não tem nenhum entretenimento (ou não tinha até que surgiu o rádio, agora o alter-ego de todo homem, no Brasil como em todo lugar, ele ainda faz seu próprio entretenimento: músicas, poesia de cordel, danças, peças folclóricas e rituais ancestrais, às vezes muito complexos, de acordo com as estações e dias dos santos. Ele tece lã e fia o algodão; trança palha e vime; faz cerâmica; entalha madeira – e a riqueza e variedade dessas artes nativas se

UU
Folder 47.6

CHAPTER VI (UNselfconscious Arts)

The Brazilian of the interior owns almost nothing and has little cash income. He is not a "consumer;" he still makes most of the things he wears and uses. He lives close to the life of the Indian and the primitive African. These are some of the reasons why, once away from the coastal cities, the arts and handcrafts flourish in Brazil as they haven't in the United States since colonial days. Since the man of the interior also has no entertainment (or hadn't until the radio, now man's alter ego in Brazil as everywhere else), he still makes his own: songs, ballads, dances, ancient, sometimes very elaborate, folk-plays and rituals, according to the seasons and the saints' days. He weaves wool and cotton home-spun; plait straw and wicker; makes pottery; carves - and the richness and variety of these native arts owes much to the fact that they, too, like the people are racially mixed: Portuguese and Moorish, African and Indian, - and now in southern Brazil sometimes German, Italian and Japanese, as well.

Figura 16 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.6).

Ao contrário desse trecho de *Brazil* que desmerece a pesca artesanal no Brasil, Bishop, de certa forma, enxergava que existia no Brasil um tipo de tecnologia que era adequada às necessidades do povo e valorizava a destreza, a criatividade do artesão em criar os objetos e as máquinas de que precisava. Isso fica claro quando Bishop descreve o grau de sofisticação com que são construídas as máquinas de madeira para processamento de alimentos regionais tradicionais:

#

*One speciality that industrialization has not yet touched is
the art of carpentry – inherited from the Portuguese ship-builders –*

devem muito ao fato de que elas são, como o povo, racialmente mistos: português e mouro, africano e indígena, e mais recentemente no sul do Brasil, também alemão, italiano e japonês. (tradução nossa)

particularly the manufacture of *for flour mills, cotton <seed> and*
cheese presses, and other domestic industries.
They are complicated pieces, nuts and screws, rollers and scrapers and
all worked in hard-wood, and in some cases, such as machinery
for making manioc flour or wine or paste from cashew fruit, no metal
can be used at all. The huge screws, more than six feet high, are carved
in spirals, in "bow-wood", as hard as iron; the enormous wheels and
travelling beams made of whole tree-trunks, without a single nail or screw
of metal, held together by a complex system of wooden pegs and joints.
The carpenter's only tools are the axe, saw, adze, and his two hands.
(BISHOP, 1962: Box 47.6)⁵⁷

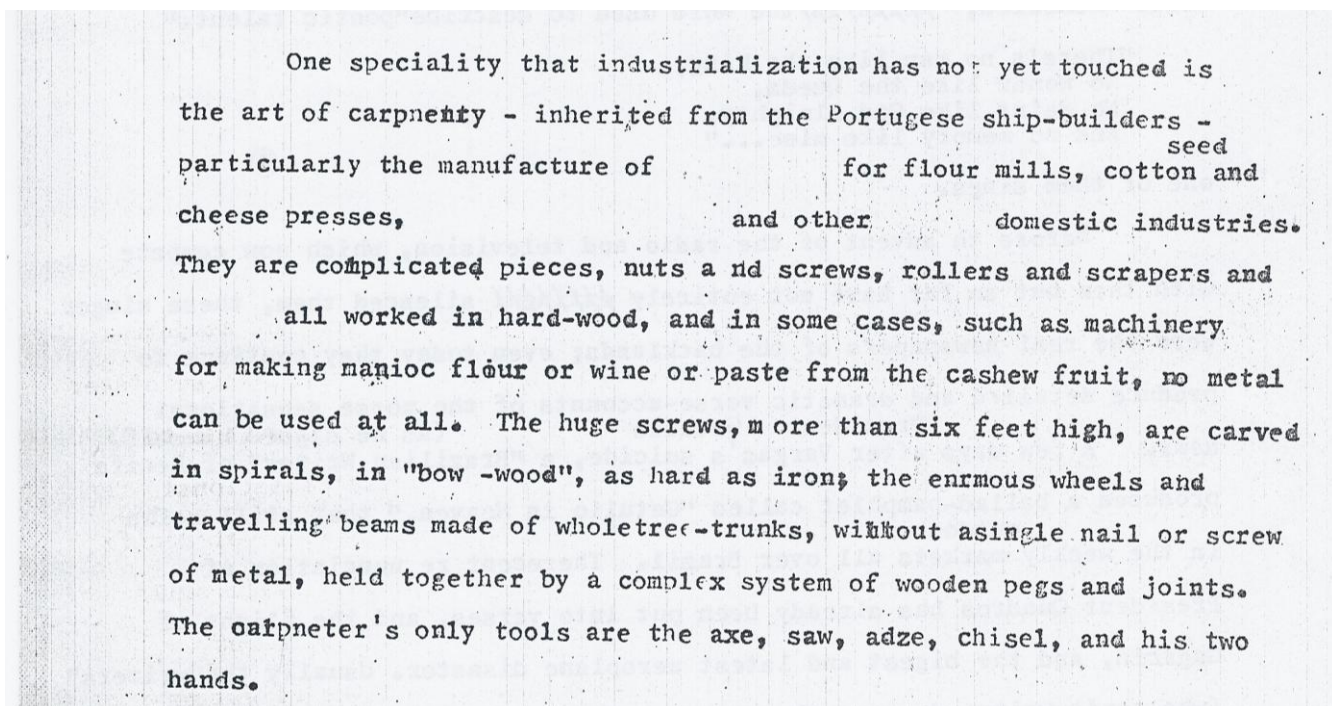


Figura 17 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.6).

Enfim, percebe-se que Bishop admirava a carpintaria no Brasil, bem como acreditava que a arte popular brasileira tinha mais valor do que a arte tida como culta, que ela considerava imitativa (FERREIRA, 2008). De modo que essa atitude de desmerecer os métodos de pesca artesanais praticados no Brasil não parece ser uma atitude peculiar de

⁵⁷ #

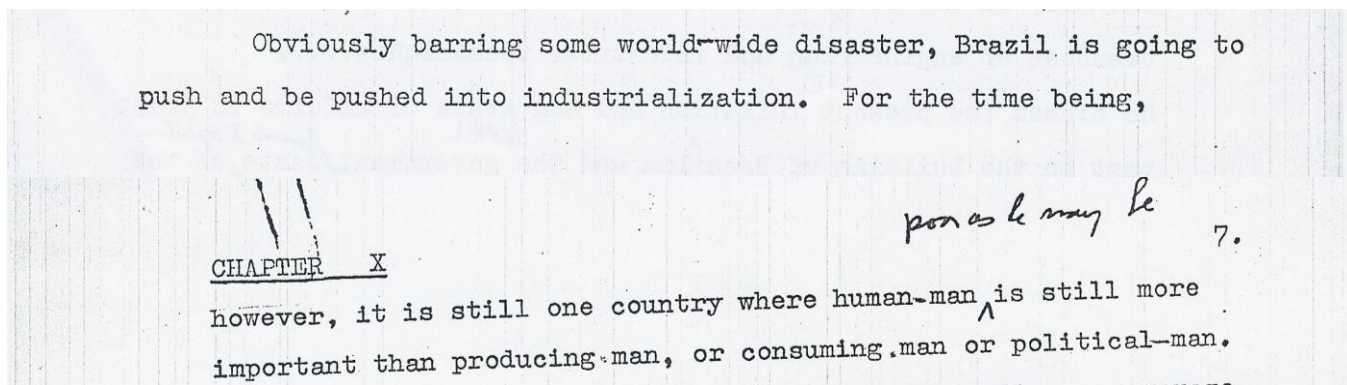
Uma especialidade que a industrialização ainda não tocou é a arte da carpintaria - herdada dos portugueses construtores de navios - particularmente a manufatura de para moinhos de farinha, < semente > de algodão e prensas para fabricação de queijo, e outras indústrias caseiras. São peças complexas, porcas e parafusos, cilindros e ralos e tudo em madeira de lei, e em alguns casos, no maquinário para fazer farinha de mandioca ou vinho ou pasta de caju, não pode ter nenhuma parte metálica. Os enormes parafusos, com mais de um metro e oitenta centímetros, são entalhados em espirais, em madeira arqueada, dura como ferro; as enormes rodas e vigas móveis feitas de troncos de árvores inteiras, sem nenhum prego ou parafuso, presos por um sistema complexo de varetas e juntas de madeira. As únicas ferramentas do carpinteiro são o machado, a serra, a plaina e suas duas mãos. (tradução nossa)

Elizabeth Bishop, que inclusive pensava que a industrialização e a comercialização em massa eram danosas às manifestações artísticas e o estilo de vida do povo (PRZYBYCIEN, 1993; ANASTÁCIO, 1999; FERREIRA, 2008).

Cabe ressaltar que esse trecho sobre a carpintaria nas cidades do interior escrito por Bishop foi eliminado no texto publicado, provavelmente por não condizer com a ideia de atraso que se pretendeu associar ao Brasil no texto publicado. Ao contrário, para Bishop, a industrialização, o “progresso” e a produção massiva não são valores absolutos e positivos, conforme atesta o trecho dos manuscritos de Bishop para o capítulo dez do livro *Brazil*:

#

Obviously barring some worl-wide disaster, Brazil is going to push and be pushed into industrialization. For the time being, however, it is still one country where human-man <poor as he may be> is still more important than producing-man, or consuming-man or political-man. (BISHOP, 1962, box 47.10)⁵⁸



Figuras 18 e 19 – Recortes com trechos de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.10).

Percebe-se, neste trecho, que Bishop, de certa forma, conseguia enxergar de forma positiva o modo de vida dos brasileiros ainda não totalmente inseridos no mundo industrializado do consumo. Até parece que Bishop previa que essa visão que privilegia a eficiência e a produtividade máxima dos bens de consumo seria questionada no futuro, devido ao impacto destrutivo que tem causado ao meio-ambiente e à saúde dos consumidores, os quais têm voltado, muitas vezes, a valorizar os produtos artesanais.

Além de desmerecer o pescador brasileiro ao criticar suas técnicas consideradas aqui atrasadas, no final deste trecho, é acrescentada a ideia de que é necessária a presença do estrangeiro no Brasil, quem sabe do japonês, para explorar as riquezas da costa brasileira.

⁵⁸ #

Obviamente salvo algum desastre mundial, o Brasil vai ser forçado e vai se forçar à industrialização. Mas por enquanto, ainda é um país onde o homem-humano <por pobre que seja> é ainda mais importante que o homem-produtor, ou o homem-consumidor ou o homem-político. (tradução nossa)

Bishop também cita o elemento estrangeiro no Brasil no comentário sobre o artesanato brasileiro transcrito acima, cuja seção em análise será repetida abaixo para facilitar a visualização:

#

*(...) – and the richness and variety of these native arts owes much to the fact that they, too, like the people are racially mixed: Portuguese and Moorish, African and Indian, and now in southern Brazil sometimes German, Italian and Japanese, as well. (BISHOP, 1962, Box 47.6)*⁵⁹

O comentário de Bishop, no entanto, não parece denotar uma relação de superioridade/inferioridade entre os estrangeiros em relação aos brasileiros, já que enuncia que esses povos, *em conjunto*, contribuíram para a riqueza do artesanato brasileiro, resultado de um misto das tradições desses povos de várias origens que participaram da formação étnica do povo brasileiro do interior. Já o enfoque da *Time-Life* em relação ao estrangeiro no Brasil é criar uma dicotomia: brasileiro atrasado, primitivo *versus* estrangeiro, que traz o progresso.

Tal ideia de que é necessário o elemento estrangeiro para alavancar o desenvolvimento do país é reforçada quando, mais adiante no texto, se comenta positivamente o incentivo à imigração italiana e portuguesa no Brasil, no início do século XX, para o trabalho nas plantações de café em São Paulo. Esse comentário é feito sem nenhum questionamento a respeito da injustiça do descarte da mão-de-obra livre dos afro-descendentes brasileiros, após a abolição da escravatura, quando foram substituídos pela mão de obra dos imigrantes europeus:

São Paulo did not have as much slave labor, and was far-sighted enough to encourage immigration. In the crucial years before and after abolition, immigrants – principally from Portugal and Italy – came in great numbers. In addition to this labor supply, São Paulo had its marvelous *terra roxa* (purple earth), which, according to the Paulistas, God created especially for the raising of coffee. Also coffee, which already had been named “the vampire”, since within a few years it exhausted the soil, had declined in the state of Rio. In the year of abolition, for example, the states of Rio and Minas produced twice as much coffee as São Paulo; 10 years later São Paulo was producing much more than both states together. Nevertheless, even with improved methods of cultivation, the *terra roxa* of São Paulo in turn began to be exhausted. Coffee continued its march to the

⁵⁹ #

(...) e a riqueza e variedade dessas artes nativas se devem muito ao fato de que elas são racialmente mistas, como o povo: português e mouro, africano e indígena, e mais recentemente no sul do Brasil, também alemão, italiano e japonês. (tradução nossa)

south and to the west; in the late 1920s tracts of the precious dark red soil were found in the wild country of northwestern Paraná. Like a green army, the coffee trees of the planters triumphantly took over, pushing back the virgin forest and driving the wild animals farther into the interior. In the shade of the coffee trees new towns were born. A typical example is Londrina, a modern and prosperous city located where only a few decades ago stood the untouched forest. At present the coffee trees are penetrating into the state of Mato Grosso. (BISHOP, 1962, p. 72)⁶⁰

Ainda no mesmo parágrafo dedicado às plantações de café, aparece uma imagem poética em que se nota um toque de sofisticação no uso dos recursos lingüísticos, típico de Bishop. Este descreve, vividamente, o avanço das plantações de café nas regiões sul e oeste do Brasil: “Like a green army, the coffee trees of the planters triumphantly took over, pushing back the virgin forest and driving the wild animal farther into the interior.” (BISHOP, 1962, p. 72)⁶¹. Fica patente, neste trecho a cinestesia, além do colorido do jogo imagético, que indicia a destreza de uma poetisa.

Já uma “imagem” típica dos editores da *Time-Life*, que revela muito de sua agenda concernente ao livro *Brazil*, é um diagrama no formato de mapa do Brasil publicado no livro; este contém ícones que simbolizam os produtos que cada região do Brasil teria a oferecer. Portanto, o potencial de exploração econômica dos produtos brasileiros é o aspecto mais privilegiado por aqueles editores e não o senso estético privilegiado por Bishop:

⁶⁰ São Paulo não tinha muito trabalho escravo, e era sagaz a ponto de encorajar a imigração. Nos anos cruciais pouco antes e pouco depois da abolição, imigrantes – sobretudo portugueses e italianos – vieram em grande número. Além desse suprimento de mão de obra, São Paulo tinha sua maravilhosa terra roxa, que, de acordo com os paulistas, Deus criou especificamente para o cultivo do café. Mas o café, que já foi chamado de “vampiro”, uma vez que em poucos anos exauria o solo, havia declinado no estado do Rio. No ano da abolição, por exemplo, Rio e Minas produziram duas vezes mais café que São Paulo; dez anos depois, São Paulo estava produzindo muito mais que esses dois estados juntos. Todavia, mesmo com melhores métodos de cultivo, a terra roxa de São Paulo também começou a se exaurir. O café continuou sua marcha para o sul e para o oeste; no final da década de 1920 traços do precioso solo vermelho escuro foram encontrados nas terras selvagens do noroeste do Paraná. Como um exército verde triunfante, as árvores de café dos fazendeiros tomaram posse dessas terras, afastando a floresta virgem e empurrando os animais selvagens mais para o interior. À sombra dos cafeeiros surgiram novas vilas. Um exemplo típico é Londrina, uma cidade moderna e próspera localizada onde há poucas décadas havia a floresta intocada. Hoje, os cafeeiros estão penetrando o estado de Mato Grosso. (FERREIRA, 2008, p. 221)

⁶¹ Como um exército verde triunfante, as árvores de café dos fazendeiros tomaram posse dessas terras, afastando a floresta virgem e empurrando os animais selvagens mais para o interior. (FERREIRA, 2008, p. 221)

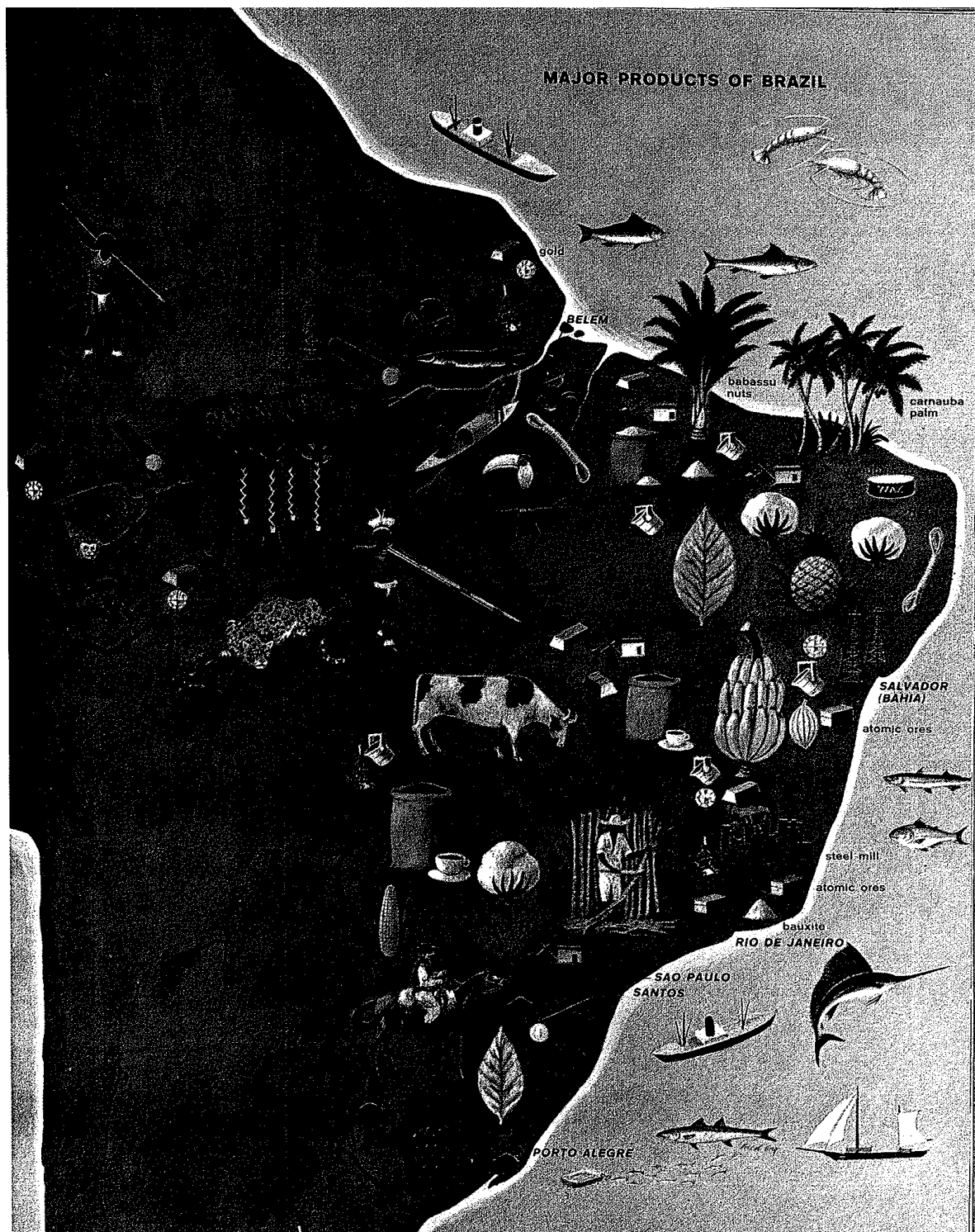


Figura 20 – Mapa com produtos do Brasil no capítulo cinco de *Brazil* (BISHOP, 1962, p.73).

Note-se a semelhança deste mapa com um mapa do Brasil do século XVI, da era das grandes navegações, feito pelo cartógrafo Lopo Homem (cartógrafo oficial do reino de Portugal), em 1519 (ASSUNÇÃO, 2000):



Figura 21 – Mapa "Terra Brasilis", Miller Atlas, 1519, Biblioteca Nacional da França, Paris.

A representação do mapa do Brasil da *Time-Life* assemelha-se à representação do Brasil para o império português, em vários aspectos. Ambos os mapas mostram os animais “exóticos” do Brasil e os grupos humanos de cada região. Mas o aspecto que mais chama a atenção nessas duas representações do Brasil é que tanto para o império norte-americano,

como para o antigo império português importava o que o país tinha a oferecer em termos de produtos da terra. Para os colonizadores portugueses era importante saber que no Brasil havia índios engajados em diversas atividades extrativas, principalmente à exportação do pau-brasil, o produto da época que mais os interessava. Traçando um paralelo entre as duas representações do Brasil, o mapa publicado no capítulo cinco do livro *Brazil* pode ser considerado uma releitura dos documentos informativos produzidos pelos europeus do século XVI em visita ao Brasil, documentos esses que informavam quais eram as riquezas que a “terra a ser tomada” teria a oferecer. Da mesma forma, esse diagrama publicado em *Brazil* dá conta de como seria o mercado brasileiro dos anos 1960 e quais as matérias-primas do Brasil, para colocar a questão dentro de uma perspectiva capitalista, segundo a qual não seria necessária a tomada de territórios para a apropriação das riquezas. De modo que o mapa publicado pela *Time-Life* mostra o que o Brasil teria a oferecer para os planos de dominação do sistema econômico global do imperialismo norte-americano, informando o tamanho e a importância do país em termos de mercado e fornecimento de produtos.

Bishop também faz um paralelo entre as riquezas do Brasil pré-colonial e as riquezas que ainda não haviam sido exploradas nos anos 1960:

Brazil is still more than half-covered with forests. It contains, at a rough guess, more than 50,000 <vegetable> species, and no one knows how many of these are potentially valuable to man. As well as all the fruits, native and early imported (like the banana), there are trees yielding: rubber, cacao, Brazil nuts, balsams, resins, fibres, cellulose, and tannin; and from the palm-trees alone, oils and waxes, as well as dates, coconuts, and palmito. There are many valuable and beautiful woods: teak, mahoganies, Jacarandas, satin-woods, and cedar – some woods so hard they can only be cut by special machinery. As far as mineral resources go, the surface has barely been scratched. There is not much coal, and what there is is of poor quality- [something which has] <a fact that> held back the railroads, and until recently, the growth of iron and steel industries. But – to quote from the staggering lists given in The New World Guides, there are: bauxite, bismuth, barium, asbestos, chromite, copper, gold, iron, (15 million tons, approximately 25 per cent of the world supply), also “graphite, gypsum, kaolin, lead, limestone, manganese, marble, nickel, diamonds (and many other semi-precious stones) zinc, radium, euxerite, mica, rock crystals, and tungsten.” There is a national oil industry, Petrobras, getting under way, And the source of great dissension. But expert geologists, Brazilian and foreign, believe that there are probably no very large deposit[s] of petroleum in Brazil But all this Ali Baba’s treasure was hidden from the 16th century explorers, in the future as well as underground. They kept on

risking ships and lives for what Levi-Strauss calls "derisory" articles: pepper and other spices; <&> from Brazil only wood and curiosities: dyewood, animals, birds, skins, and a few Indians, too. (BISHOP, 1962, Box 47.2) ⁶²

Brazil is still more than half-covered with forests. It contains, at a rough guess, more than 50,000 ^{vegetable} species, and no one knows how many of these are potentially valuable to man. As well as all the fruits, native and early imported (like the banana), there are trees yielding: rubber, cacão, Brazil nuts, balsams, resins, fibres, cellulose, and tannin; and from the palm-trees alone, oils and waxes, as well as dates, coconuts, and palmito. There are many valuable and beautiful woods: teak, mahoganies, Jacarandas, satin-woods, and cedar - some woods so hard they can only be cut with special machinery.

As far as mineral resources go, the surface has barely been scratched. There is not much coal, and what there is is of poor quality - ~~something which has held~~ ^{a fact that} back the railroads, and until recently, the growth of iron and steel industries. But - to quote from the staggering lists given in The New World Guides, there are: bauxite, bismuth, barium, asbestos, crhomite, copper, gold, iron, (15 million tons, approximately 25 per cent of the world supply), also "graphite, gypsum,

Figura22 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.2).

⁶² #

Mais da metade do território brasileiro ainda é formado por florestas. Nelas estão aproximadamente 50.000 espécies vegetais, e não se sabe quantas são potencialmente valiosas para o homem. Além das frutas, nativas e originalmente importadas (como a banana), há árvores que também fornecem borracha, cacau, castanha-do-pará, bálsamos, resinas, fibras, celulose e tanino; e das somente palmeiras, óleos e ceras, bem como sementes, cocos e palmitos. Também há muitas madeiras belas e valiosas: teca, mogno, jacarandá, pau-cetin e cedro - algumas madeiras tão duras que apenas podem ser cortadas com maquinário especial.

No que diz respeito aos recursos minerais, quase nada foi explorado. Não há muito carvão, e o que tem é de baixa qualidade - fato que prejudicou o avanço das ferrovias e, mais recentemente causou o atraso nas indústrias de ferro e aço. Mas - citando as listas impressionantes do The New World Guides, o Brasil tem: bauxite, bismuto, bário, amianto, cromo, cobre, ouro, ferro, (15 milhões de toneladas, aproximadamente 25 por cento do suprimento mundial), também "grafite, gipsita, caolin, chumbo, calcário, manganês, mármore, níquel, diamantes (e muitas outras pedras semipreciosas) zinco, rádio, titânio, mica, cristais de rocha e tungstênio.",

Há uma indústria petrolífera nacional em andamento, a Petrobrás, e é uma grande fonte de divergências. Mas geólogos especialistas, brasileiros e estrangeiros, acreditam que provavelmente não há um depósito muito grande de petróleo no Brasil.

Mas todo esse tesouro de Ali Babá estava escondido para os exploradores do século XVI, escondido no futuro assim como estava escondido embaixo da terra. Eles continuaram a arriscar navios e vidas pelo que Levi-Strauss chamou artigos "derrisórios": pimenta e outras especiarias; e do Brasil apenas madeira e curiosidades: pau-brasil, animais, pássaros, peles e também alguns índios. (tradução nossa)

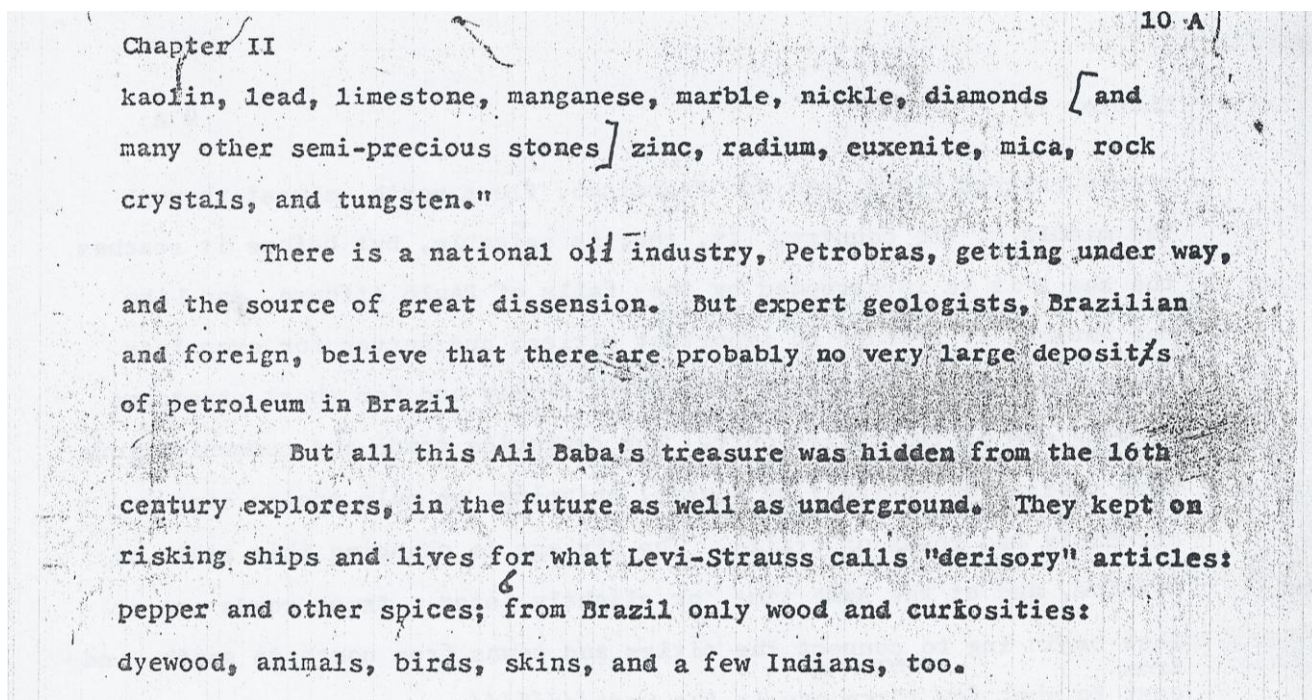


Figura23 – Recorte com trecho de rascunho do livro *Brazil* (BISHOP, 1962: Box 47.2).

O trecho acima é uma seção dos manuscritos de Bishop para o capítulo dois do livro *Brazil*. Esse capítulo trata da História do Brasil, desde o século XVI, no período da “Descoberta” do Brasil, até o século XVIII, fechando o capítulo com a Inconfidência Mineira. Bishop também discorre sobre a geografia do Brasil nesse capítulo e, então, elenca as riquezas do país no trecho de seu referido manuscrito. Uma análise desse trecho leva ao reconhecimento de que os elementos elencados por Bishop na descrição das riquezas do Brasil são quase que os mesmos que constam do mapa publicado pela *Time-Life* no livro *Brazil*. Os elementos são os mesmos, as informações são quase que as mesmas, mas o *contexto* em que Bishop coloca esse trecho difere completamente do contexto escolhido pelos editores da *Time-Life*, no capítulo cinco de *Brazil*.

Bishop descreve as riquezas do Brasil no contexto das informações geográficas do país, conforme mencionado. Ademais, com esse trecho, Bishop dá um fechamento irresistivelmente irônico ao bloco que trata dos exploradores europeus no Brasil do século XVI. Sagazmente, ela percebe a ironia por trás do fato de que os exploradores do século XVI, que vieram para o Brasil, arriscaram suas vidas em busca de riquezas, mas não souberam reconhecer “o tesouro de Ali Babá” que estava sob seus pés (BISHOP, 1962, Box 47.3).

Enfim, a descrição das riquezas do Brasil no texto de Bishop tem um papel duplo: o papel de complementar as informações geográficas do Brasil; e o papel estilístico de fechar um bloco textual, fechar um assunto (a vinda dos exploradores do século XVI ao Brasil), com um toque irônico, assinatura autoral típica de Elizabeth Bishop (MILLIER, 1993). Em contrapartida, a *Time-Life* repete essas informações no contexto do capítulo cinco do livro *Brazil*, ou seja, no contexto da economia brasileira dos anos 1960. Dessa forma, parece anunciar que o “tesouro de Ali Babá”, para citar o termo irônico de Bishop, estava disponível para os exploradores do Brasil do século XX.

Além do que, no contexto da disputa por áreas de influência, que caracterizou a Guerra Fria, passa-se a ideia no livro *Brazil* de que se essa terra, com suas riquezas, ou melhor, se esse mercado e seus produtos não fossem controlados pelos norte-americanos, os soviéticos tomariam o controle. Tanto que na página seguinte do texto de *Brazil*, no parágrafo que discorre a respeito das plantações de cana-de-açúcar do nordeste, chama-se a atenção para a extrema pobreza e para as condições laborais difíceis a que os trabalhadores rurais nordestinos eram submetidos; esse fato supostamente poderia torná-los especialmente vulneráveis à introdução das idéias comunistas:

Unlike the prosperous south, the states of the northeast remain almost wholly agricultural. There sugar, which had its earlier heyday of monoculture before being dethroned by coffee, is still the basis of the economy – although cotton and cacao are grown in large quantities. Sugar developed even as Brazil itself developed; it could almost be said that the first Portuguese arrived with shoots of sugar cane under their arms. The rich northeastern sugar plantations of Pernambuco and Bahia were major factors in luring the Dutch to invade in the 17th Century. Most of the profitable sugar growing is now done in the south, but in Pernambuco, Alagoas and Paraíba, the cane fields still stretch to the horizon. Great refineries, which are beginning to take the place of the primitive old ones, are improving the product. But the methods of cultivation are extremely primitive, almost semifeudal; and the sugar workers are among the poorest and most long-suffering of Brazilian peoples. There is today a strong movement among enlightened Brazilians for reform of the agrarian situation throughout the northeast. It is indeed a highly explosive, ripe for Communist exploitation. (BISHOP, 1962, p. 72 e 74)⁶³

⁶³ Em contraste com o próspero Sul, os estados do Nordeste permanecem agrícolas. Lá, o açúcar, que teve o apogeu da monocultura antes de ser destronado pelo café, ainda é a base de sua economia – embora o algodão e o cacau sejam cultivados em grandes quantidades. O açúcar desenvolveu-se à medida que o Brasil se desenvolvia; pode-se dizer que os primeiros portugueses trouxeram mudas de cana sob os braços. As ricas plantações de açúcar em Pernambuco e na Bahia atraíram a cobiça dos holandeses, que invadiram a região no século XVII. A maior parte do açúcar lucrativo vem hoje do Sul, mas em Pernambuco, Alagoas e na Paraíba, as plantações de cana ainda se estendem até o horizonte. Grandes usinas, que começam a substituir as antigas, primitivas, estão melhorando a qualidade do produto. Mas os métodos de cultivo são primitivos, quase semifeudais; e os trabalhadores do açúcar estão entre os brasileiros mais pobres e mais sofridos. Existe hoje um

Note-se que, no trecho acima, há um alerta em relação às atividades comunistas no Brasil, dentro dos movimentos populares, em particular, em relação aos movimentos em favor da reforma agrária. Esse alerta ratifica a importância da manutenção da influência norte-americana que estaria ameaçada pelas atividades comunistas dentro dos movimentos sociais no Brasil. Essa preocupação dos norte-americanos de que os ativistas comunistas no Brasil, de alguma forma, chegassem ao poder é compartilhada por Bishop, conforme fica claro em seu comentário ao narrar o advento do golpe militar de 1964 em carta a amigos:

Descobriram, até agora, mais de quinze toneladas de propaganda chinesa e russa – além de armas, explosivos etc. A quantidade é que é impressionante. Acho que vão fazer uma grande exposição deste material no estádio grande [Maracanã], o único lugar em que cabe tudo – e acho que é uma boa idéia, porque a maioria das pessoas não imagina que a coisa estava mesmo por um triz. (BISHOP, 1995, p.739)⁶⁴

O restante do texto publicado no capítulo cinco tem o aspecto e o tom de um compêndio de geografia, que estaria contemplando o assunto “produtos do Brasil”. Seguem explicações sobre a importância de cada um dos produtos do mapa, com destaque para as reservas minerais do Brasil, que são descritas detalhadamente; também é quantificado o potencial de exploração de cada uma dessas reservas minerais.

Enfim, pode-se dizer que o capítulo cinco de *Brazil* parece ter sido um dos que sofreu mais dramática intervenção por parte dos editores da *Time-Life*. Ao que parece, esse capítulo foi quase todo reescrito e tem nele muito pouco do discurso de Bishop, no que diz respeito às suas áreas de interesse em relação à cultura popular e peculiaridades relativas aos produtos típicos brasileiros. Talvez por isso se possa levantar a hipótese de Bishop não ter guardado os seus manuscritos. Ou talvez, quem sabe, ela o tenha destruído num acesso de fúria.

Ao que parece, no final, venceu a *Time-Life* na briga por esse capítulo, já que as ideias que acabaram preponderando foram as da editora em seu afã de promover os interesses comerciais em relação aos produtos brasileiros, bem como o anticomunismo, no sentido de evidenciar o que os Estados Unidos estariam perdendo em termos de recursos naturais e

forte movimento entre os brasileiros esclarecidos em favor da reforma agrária no Nordeste. Essa é, por sinal, uma área explosiva, perfeita para a exploração comunista. (FERREIRA, 2008, p.223)

⁶⁴ Trecho de carta de Elizabeth Bishop publicada em português, somente na edição brasileira da coletânea de cartas da autora *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*, publicada em 1995.

mercado de consumo, caso abrissem mão dessa área de influência para os soviéticos. Buscar controlar essa fatia do mercado internacional também seria estratégico para os Estados Unidos, que estariam mostrando o seu poder de influência política sobre a América Latina. Além disso, é forte a presença do julgamento de valor em relação às técnicas de produção praticadas no Brasil, consideradas “atrasadas”. Fica, então, implícita uma comparação dessas mesmas formas de produção e aquelas praticadas nos Estados Unidos, país que desejava ser para o resto do mundo um modelo do que é correto e eficiente, numa época em que se privilegiava a produção massiva sem muita preocupação com o impacto ambiental de semelhantes práticas de produção.

Os produtos e o mercado brasileiros também são apresentados de forma tendenciosa, visando mostrar como os recursos do Brasil não estariam sendo explorados “adequadamente” devido ao atraso do país, que nada seria sem o elemento estrangeiro para desenvolvê-lo.

Em termos de atribuição autoral do capítulo cinco do livro *Brazil*, pode-se dizer que a figura da página do mapa do Brasil, presente no capítulo cinco, representa a divisão autoral, no que diz respeito à quantificação da participação de Bishop na escrita do capítulo. Dentro do mapa, enquanto há uma predominância dos ícones representativos dos produtos de cada região do Brasil, existem poucos ícones que são elementos representativos da natureza e da cultura brasileira, como os índios, a jangada, a onça-pintada, o macaco-prego e o gaúcho. De maneira semelhante, o texto publicado do capítulo cinco de *Brazil* apresenta, de forma preponderante, os pontos de vista tendenciosos, defendidos pelos editores da *Time-Life*, a qual privilegiou o aspecto econômico em sua abordagem sobre o Brasil. Mas esse mesmo texto, de tom jornalístico e pragmático, aparece entrecortado, aqui e ali, por momentos que traem o traço autoral de Elizabeth Bishop, marcado por imagens poéticas, descrições vívidas e perspicazes, que retratam, de forma bastante acurada, a cultura popular e a natureza do Brasil.

Embora o testemunho desse capítulo não tenha sido encontrado de forma tão consistente como nos outros segmentos de *Brazil*, pode-se traçar um panorama geral de qual teria sido a abordagem da autora para o capítulo cinco, através das notas esparsas de pesquisa feitas por Bishop, por índices da bibliografia consultada, pelo próprio *outline* do capítulo, ou por traços de sua correspondência, além de trechos de outros segmentos de *Brazil*, de alguma forma, relacionados com o conteúdo do capítulo analisado. Em conjunto, esses índices certamente apontam para a assinatura autoral de Elizabeth Bishop, caracterizada, dentre outras coisas, pelo toque poético, mesmo em seus textos em prosa, e pelo seu enfoque que privilegiou a cultura popular e a natureza na abordagem do Brasil.

CONCLUSÃO

Através do estudo do dossiê genético construído a partir dos manuscritos de Elizabeth Bishop, principalmente pelo cotejo feito entre os manuscritos deixados pela autora e o texto publicado pela Editora *Time-Life*, atingiu-se o objetivo de distinguir as atuações autorais desempenhadas por Elizabeth Bishop no capítulo cinco do livro *Brazil*, edição de 1962. Conseqüentemente, foi possível a comparação das duas subseqüentes abordagens da economia brasileira no livro *Brazil*, aquela de Bishop em contrapartida à elaborada pelos editores da *Time-Life*. A afirmação de que o livro *Brazil* reproduz uma visão etnocêntrica dos brasileiros deve-se à constatação de que, no texto do livro publicado, há a promoção do modo de vida da cultura norte-americana, principalmente no que tange às formas de governo e desenvolvimento econômico daquele país, gerando a insinuação de que os Estados Unidos forneceriam um modelo de governo e desenvolvimento industrial que deveria ser seguido pelo Brasil.

Para tanto, o estudo das circunstâncias históricas da escritura de *Brazil* foi fundamental para a constatação de que o texto do livro publicado, na edição de em 1962, objeto do presente estudo, reforçaria uma imagem de atraso do Brasil e incapacidade do povo brasileiro. Tal imagem, atribuída não somente ao Brasil, mas também a América Latina como um todo, fornecia uma justificativa que interessava ao projeto norte-americano de incentivo à tomada de poder por regimes ditatoriais nos países da América Latina, vigente naquele período.

O estudo dos manuscritos da autora mostra, porém, que não houve esse comprometimento ideológico de sua parte. Pelo que se pôde perceber através da análise dos manuscritos deixados por Elizabeth Bishop, - os fragmentos do capítulo cinco e outros manuscritos de Bishop que, de alguma forma, estavam relacionados à temática do capítulo cinco de *Brazil* - seu enfoque privilegiou, em primeiro lugar, o comprometimento com a acuidade das descrições das cenas brasileiras: os tipos humanos, os animais, as frutas, os elementos da cultura popular relacionados às atividades produtivas. Há na abordagem de Bishop a tentativa de percepção da complexidade da cultura brasileira, e, principalmente no capítulo cinco, Bishop teria procurado descrever a contraparte cultural associada às atividades comerciais desenvolvidas no Brasil. Apesar de que Bishop talvez também considerasse os métodos de produção praticados no Brasil primitivos e até mesmo atrasados, como defendiam os editores da *Time-Life* no texto publicado, a autora conseguia enxergar aspectos positivos nas formas de ser e de fazer do brasileiro, principalmente do sujeito que morava do interior. Esse detalhamento, essa atenção à cultura popular da abordagem de Bishop da economia

brasileira teriam sido considerados supérfluos, para os objetivos da casa editorial *Time-Life* e, por isso, eliminados ou alterados. Dessa forma, a análise do capítulo cinco do livro *Brazil* possibilitou a delimitação dos papéis autorais dos envolvidos nesse processo de criação e foi possível perceber a atuação das duas diferentes agendas, a da editora *Time-Life* e a da autora Elizabeth Bishop, no capítulo do livro cuja criação serviu de foco para esta análise.

Observou-se, através do estudo do contexto histórico do período da escritura do livro *Brazil*, a interferência da Guerra Fria nas relações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos. Uma vez que a Editora *Time-Life* estava alinhada ideologicamente com as políticas externas do governo norte-americano, aquele momento histórico exerceu uma influência crucial no sentido de definir as regras que regularam o trabalho de edição ao qual o livro foi submetido. A discussão da problemática autoral do livro permitiu a compreensão mais aprofundada da atitude da autora ao renegar *Brazil* de sua bibliografia. Sua indignação é compreensível, já que a inserção do livro na bibliografia da autora quebraria a coerência discursiva da sua obra, em termos de estilo e conteúdo. Além disso, figurar como autora daquele texto também incluiria o nome de Bishop num grupo discursivo caracterizado pela produção textual voltada para a comunicação de massa, cujas características, para ela, seriam a superficialidade e a tendenciosidade na abordagem dos assuntos, atitudes conflitantes com sua ideologia autoral.

Contudo, não cabe aqui desfazer do trabalho dos editores da *Time-Life*, que adequaram a obra a uma determinada ideologia ditada pela instituição editorial para a qual trabalhavam. As discussões relativas à patronagem neste trabalho permitiram a percepção de que esses editores fizeram um trabalho de *reescritura* da obra de Bishop, e que os re-escritores da literatura - críticos, tradutores, editores - são, em geral, profissionais realizando seu trabalho, que, na maioria das vezes, envolve a adequação de uma obra a um estilo e a uma ideologia, privilegiados no sistema de uma determinada cultura, num determinado momento histórico, sendo estes profissionais os responsáveis pela sobrevivência das obras literárias, ao longo da história. No caso do livro *Brazil*, os editores adequaram o discurso de Bishop à agenda ideológica defendida pela Editora *Time-Life*, a qual estava patrocinando a obra e que, por sua vez, apoiava e reproduzia a ideologia do estado norte-americano. Também coube aos editores da *Time-Life* transformar o estilo de escrita de Elizabeth Bishop, mais próximo da forma de expressão poética, e adequá-lo ao estilo informativo, muitas vezes considerado pela autora como vago e superficial da revista *Life*. Dessa forma, foi possível compreender as influências

e pressões internas ou externas que dirigiram as mãos de todos os autores envolvidos na composição daquele livro de viagens sobre o Brasil.

Cabe ressaltar a importância dos manuscritos deixados pela autora do livro *Brazil*, Bishop. A existência de tal registro documental tornou possível, através do instrumental metodológico da Crítica Genética, o processo de seguir as pistas que apontaram para a restauração, se não do texto de Elizabeth Bishop para o capítulo cinco do livro *Brazil*, pelo menos das linhas gerais da abordagem imaginada por Bishop sobre a economia e as atividades produtivas no Brasil.

Neste contexto, o mérito do presente trabalho seria o de tentar preencher esse branco, o vazio que existe no conjunto dos manuscritos do livro *Brazil*, já que o cinco é o único capítulo do livro que não possui uma versão completa do texto de Elizabeth Bishop, mas apenas os quatro fragmentos estudados nesta dissertação. Assim, este trabalho contribui para o esclarecimento e restauração da vontade autoral de Elizabeth Bishop para o livro *Brazil*, tentando trazer ao conhecimento do público quais seriam algumas das características do livro sobre o Brasil que a autora gostaria de ter escrito, e até planejou e juntou material por décadas, mas nunca conseguiu realizar a contento.

Para o campo de estudos da Crítica Genética, este trabalho contribui para o aprofundamento dos estudos de um tipo especial de obra “acabada”, as obras que não foram publicadas de acordo com a vontade de seus autores, ou seja, obras censuradas, obras descaracterizadas, ou desvirtuadas, segundo a ótica da própria Bishop. Pode-se dizer que tais obras foram escritas, não somente pelos seus autores, mas também foram escritas pelas circunstâncias históricas em que surgiram. Assim, este trabalho lança mão da possibilidade de que se coloque em primeiro plano, no plano da autoria, as pressões internas e externas sofridas pelo escritor, que são especialmente imperativas no caso das obras censuradas e modificadas.

Sugere-se, como nota final deste trabalho, o estudo genético dos manuscritos de cada um dos capítulos do livro *Brazil*, já que cada um deles traz uma riqueza temática que merece uma investigação à parte. Também, sugere-se o estudo crítico das modificações ocorridas nas edições subsequentes do livro *Brazil*, cuja autoria continuou sendo atribuída a Elizabeth Bishop, mas que continuaram sendo alteradas a cada nova edição, ao sabor dos acontecimentos históricos que sucediam durante esse processo. Fato que reforçaria a hipótese

de que as circunstâncias históricas, às vezes, canalizam a energia autoral de determinadas obras, em especial das obras censuradas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Francisco *et al.* **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Ed. Ao Livro Técnico, 1996. Disponível em:

<<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=291>>. Acesso: 13 dez. 2010.

ANASTÁCIO, Sílvia M. G. **O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop**. S. Paulo: Annablume, 1999.

_____. **Momentos brasileiros no processo de criação de Elizabeth Bishop**. SOLETRAS. Rio de Janeiro, v.3, p.65 - 74, 2002.

Disponível em <<http://www.filologia.org.br/soletras/3/06.htm>>. Acesso: 10 dez. 2010.

_____. **Lendas brasileiras e a poesia de Elizabeth Bishop: O Ribeirinho**. In *Manuscrita*. São Paulo, jun. 2003, p.165-187.

Disponível em <<http://silviaanastaciointerartes.com/arquivos/manuscritica%202003.pdf>>. Acesso: 7 dez. 2010.

ANASTÁCIO, Sílvia M. G.; CARVALHO, Isaías Francisco de. **A síndrome da cadela rosada**. In *Revista LActitud*, vol. II, No. 2, 2002.

Disponível em: <<http://sites.google.com/site/estesinversos/Home/curriculo-lattes/publicacoes-academicas/a-sindrome-da-cadela-rosada>>. Acesso: 13 dez. 2010.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **A terra dos brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596)**. São Paulo: Annablume, 2000.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. In *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/34319896/BARTHES-Roland-A-morte-do-Autor-in-O-Rumor-da-lingua>>. Acesso: 7 jan. 2011.

BELLEMIN-NOËL, J. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. **Manuscrita. Revista de Crítica Genética**. São Paulo, APML, n. 4, 1993, p.127-161.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BISHOP, Elizabeth; BRASIL, Emanuel (Ed.). **An Anthology of Twentieth Century Brazilian Poetry**. Middleton: Wesleyan University Press, 1972.

BISHOP, Elizabeth. **One art**. Robert Giroux (Ed.). New York: Farrar, Straus and Giroux, 1994.

_____. **Cartas à redação**. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1965, p.7.

_____. **Uma arte**. Carlos Eduardo Lins da Silva e João Moreira Salles (Eds.). Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O iceberg imaginário e outros poemas: seleção, tradução e estudo crítico**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Poems, Prose and Letters**. Robert Giroux e Lloyd Schwartz (Eds.). New York: Library of America, 2008.

_____. **Brazil**. *Chapter outline, reading notes, early drafts, chapter corrections*. Vassar College Collection, Poughkeepsie, N.York, 1961-1962, Box 47.1.

_____. **Brazil**. *Draft Chapters I,II,III, IV, VI, VII, VIII, IX,X*. Collection, Vassar College Collection, Poughkeepsie, N.York,1961-1962, Box 47.

BISHOP, Elizabeth & The Editors of LIFE. **Brazil**. New York: Time Incorporated, 1962.

BISHOP, Elizabeth & The Editors of LIFE. **Brazil**. New York: Time Incorporated, 1967.

BRANDÃO, S. C. de S. Atribuição de autoria: um problema antigo, novas ferramentas. *Texto Digital*, Florianópolis, ano 2, n. 1, 2006.

CABRAL, Eunice, s.v. **Subjetividade**, E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, 2005.

Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/S/subjectividade.htm>>. Acesso: 7 fev. 2011.

CASTRO, Fernando de. Paternalismo e antiamericanismo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 mar. 1965, p.4.

CEIA, Carlos, s.v. **Estruturalismo**, E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, 2005.

Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/E/estruturalismo.htm>>. Acesso: 22 jan. 2011.

CIRILO, A. J. **Arqueologias da criação: tempo e memória nos documentos**. In: Angela Grando e Jose Cirillo. (Org.). *Arqueologia da criação: estudos sobre o processo de criação*. 21 ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2009, p. 13-40.

CHOMSKY, Noam. **Deterring Democracy**. New York: Hill and Wang, 1992.

CHOMSKY, Noam. **Latin America from colonization to globalization**. New York: Ocean Press, 1999.

COLAPIETRO, Vincent. **The Loci of Creativity: fissured selves, interwoven practices**. In *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, v.11. São Paulo: Annablume, 2003, p. 59-82.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 47-137.

DOSS, Erika. **Introdução**. In: _____. *Looking at Life*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 2001.

FANON, Frantz. **Black Skin, White Masks**. New York: Grove Press, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

FERREIRA, Armando O. **Recortes na paisagem: uma leitura de *Brazil* e outros textos de Elizabeth Bishop.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008 (tese de doutorado não publicada)

FORTUNY, Kim. **Elizabeth Bishop: the art of travel.** Boulder: University Press of Colorado, 2003.

GAMBLE, Harry Y. **Books and Readers in the Early Church: A History of Early Christian Texts.** New Haven: Yale University Press, 1995, p. 120.

GRÉSILLON, Almuth. **Crítica Genética, prototexto, edição.** In: Angela Grando e José Cirillo. (Org.). *Arqueologia da criação: estudos sobre o processo de criação.* 21 ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2009, p. 41-51.

GRÉSILLON, Almuth. **Devagar: Obras.** In: Roberto Zular. (Org.). *Criação em Processo.* São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2002, p.147-173.

IANNI, Octavio. **Imperialismo na América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

KAVANAGH, James H. **Shakespeare in Ideology.** In: *Alternative Shakespeare.* London: Methuen, 1985, p. 144-165.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária.** São Paulo: Edusc, 2007.

LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

CRISIS in our hemishere. **LIFE**, New York, 2 jun 1961. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=AFIEAAAAMBAJ&lpg=PP1&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism.** New York: Routledge, 2005.

LOVE, Harold. **Attributing Authorship: an introduction.** United Kingdon: Cambridge University Press, 2002.

p

TERRA BRASILIS. JPEG. 1986. Altura: 550 pixels. Largura: 747 pixels. 171.02 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapas/mapa25b.jpg>>. Acesso: 20 dez. 2010.

MILLIER, Brett C. **Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It.** University of California Press, California, 1993.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

PRZYBYCIEN, Regina Maria. **Feijão preto e diamantes: O Brasil na obra de Elizabeth Bishop**, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1993 (tese de doutorado não publicada).

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAID, Edward W. **Culture and imperialism**. New York: Vintage Books, 1993.

SAID, Edward W. **The world, the text, and the critic**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética Uma Introdução**. São Paulo: EDUC, 1992.

_____. **Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: EDUC, 2008.

SKIDMORE, Thomas E. **O Brasil visto de fora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SMITH, Terry. **Life-style Modernity**. In: DOSS, Erika. *Looking at Life*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 2001.

STARBUCK, George. **A conversation with Elizabeth Bishop**. In: MONTEIRO, George. *Conversations with Elizabeth Bishop*. University Press of Mississippi, 1997, p.82.

SCHOULTZ, Lars. **Beneath the United States: a history of U.S. policy towards Latin America**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.